



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE ADOLESCENTES ASSEXUAIS EM
COMUNIDADES VIRTUAIS**

JOÃO FLORENTINO CUNHA

SALVADOR

2021

JOÃO FLORENTINO CUNHA

**A Construção de Identidade de Adolescentes Assexuais em Comunidades
Virtuais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal da Bahia como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lia da Rocha Lordelo

**SALVADOR
2021**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C972 Cunha, João Florentino
A construção de identidade de adolescentes assexuais em comunidades virtuais. / João Florentino Cunha. – 2021.
110 f.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lia da Rocha Lordelo
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, Salvador, 2021.

1. Psicologia - cultura. 2. Transições. 3. Assexualidade (Orientação sexual).
4. Identidade sexual. I. Lordelo, Lia da Rocha. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD: 306.76



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

“A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE ADOLESCENTES ASSEXUAIS EM COMUNIDADES VIRTUAIS”

João Florentino Cunha

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Lia da Rocha Lordelo (Orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Prof.^a Dr.^a Giórgia de Aquino Neiva
Universidade Federal de Goiás – UFG

Prof.^a Dr.^a Maria Virgínia Machado Dazzani
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Salvador, 29 de abril de 2021.

Dou fé.

Lia da Rocha Lordelo

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos membros da comunidade A2 por terem partilhado comigo o seu espaço e as suas histórias de vida.

À minha orientadora Lia pelo acolhimento, seja na hora de embarcar comigo em cada nova direção que quis tomar nesta pesquisa ou nos momentos mais conturbados da produção desta dissertação.

Aos meus colegas de mestrado Hallana, Leo e Luís pelo companheirismo e pelas trocas que tivemos nestes dois anos juntos.

À minha mãe Bartyra, com a qual nenhum passo da minha jornada acadêmica teria sido possível.

Aos meus amigos Daniele, Eden, Giovanna, Juliana, Lívia, Lucas, Marília, Rafaella e Valéria por todo o suporte dado para eu adentrar no mestrado e para que eu não desistisse dele.

À CAPES, pelo auxílio financeiro que fez dessa jornada um percurso mais seguro e possível de ser percorrido

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1 - Mapa Conceitual

Figura 2 - Condições de utilização do fórum A2

Figura 3 - Cabeçalho do fórum A2

Figura 4 - Citações selecionadas pelo fórum A2

Figura 5 - Produtos vendidos na loja A2

Figura 6 - Sessões do fórum A2

Figura 7 - Mapeamento de membros do fórum A2

Figura 8 - Resultado de enquete interna do fórum A2

Figura 9 - Resultado de enquete interna do fórum A2

Figura 10 - Representação gráfica do processo de transição desenvolvimental de adolescentes assexuais

Tabela 1 - Temáticas centrais para a entrevista narrativa

Tabela 2 - Cronograma de pesquisa

Tabela 3: Glossário de termos utilizados pela comunidade A2

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AVEN - Asexual Visibility and Education Network

ACE - Assexuais

LGBTQA+ - Sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, assexuais e queers.

RESUMO

Uma das suposições mais básicas sobre a natureza humana é que todos nós temos desejo sexual. Seguindo essa perspectiva, o desejo sexual não seria apenas um elemento primário da experiência humana em termos de comportamento e biologia, mas também seria uma identidade e um aspecto constitutivo de nós como sujeitos. Visto desta forma, os indivíduos que não sentem atração sexual e se identificam como assexuais estão em uma posição única em relação à sua experiência e o modo como a descrevem não apenas questiona a validade e as formas pelas quais a sexualidade é socialmente construída, mas também implica novas formas de pensar sobre formas não normativas de sexualidade e afetividade diante da discriminação e da patologização. Com base na perspectiva da Psicologia Semiótica Cultural, este trabalho é um estudo sobre a construção da identidade de adolescentes assexuais e suas narrativas de transição. Configurou-se como um estudo exploratório para compreender o processo de transição que adolescentes e jovens passam na jornada para se compreenderem como assexuais e qual o significado desse rótulo na construção de si mesmos. O campo escolhido para ser estudado foi a A2, uma comunidade virtual assexual brasileira que tem como objetivo ser um local seguro para que assexuais de todas as idades compartilhem suas experiências de vida e visões sobre assexualidade. Para o quadro cultural-semiótico, essa comunidade pode ser vista como um lugar onde seus participantes compartilham recursos simbólicos, elementos culturais usados para mediar o trabalho representacional inerente às transições desenvolvimentais. Essas transições são entendidas como processos ocasionados por rupturas ou descontinuidades no desenvolvimento da vida, onde os significados “tidos como certos” deixam de ser dados como garantidos e o indivíduo tem que encontrar novas formas de dar sentido a quem ele é e sua experiência. Pesquisas anteriores com assexuais mostram que um dos desafios fundamentais que esses indivíduos enfrentam por causa de suas identidades sexuais é fazer a ponte entre sua experiência emocional e os recursos que estão culturalmente disponíveis para articular essa experiência tanto para eles próprios quanto para os outros. Ao compreender os possíveis caminhos pelos quais adolescentes e jovens adultos assexuais passam a se ver como assexuais e quais recursos são encontrados e criados para preencher essa lacuna discursiva e dar sentido a sua experiência, pode ajudar a compreender melhor o que está em jogo no desenvolvimento de vida de quem a identidade sexual viola o status quo.

Palavras-chave: Psicologia Cultural, Transições, Recursos Simbólicos, Assexualidade, Identidade Sexual.

ABSTRACT

One of the most basic assumptions about human nature is that we all have sexual desire. Following this perspective, sexual desire would not only be a primary element of human experience in terms of behavior and biology, but would also be an identity and constitutive aspect of us as subjects. Viewed this way, individuals who are not sexually attracted and identify as asexuals are in a unique position regarding their experience and how they describe it not only questions the validity and the ways in which sexuality is socially constructed, but also implies new ways of thinking about non-normative forms of sexuality and affectivity in face of discrimination and pathologization. Based on Cultural Semiotic Psychology perspective, this work is a study about the assexual teenagers's identity construction and their transitional narratives. It was set up as a ethnographic study to understand the transitional process that teenagers and young adults goes through in the journey to understand themselves as asexuals and what it is the meaning of this label in the construction of their selves. The field chosen to be studied was the A2, a brazilian assexual virtual community that has as purpose to be a safe place to asexuals of all ages share their life experiences and views on assexuality. For the cultural-semiotic framework, this community can be seen as a place where its participants share symbolic resources, cultural elements used to mediate the representational work inherent to developmental transitions. These transitions are understood as processes occasioned by ruptures or discontinuities in life development, where "taken-for-granted" meanings cease to be taken for granted and the individual has to find news ways to make sense of who they are and their experience. Prior research with asexuals show that one of the fundamental challenges that these individuals face because of their sexual identities is bridging the gap between their emotional experience and the resources that are culturally available to articulate that experience both to themselves and to others. By understanding possible paths that teenager and young adult asexuals come to see themselves as asexuals and what resources are found and created to bridge that discursive gap and make sense of their experience can help to better understand what is at stake in the life development of those who sexual identity violates the status quo.

Keywords: Cultural Psychology, Transition, Symbolic Resource, Assexuality, Sexual Identity.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS E FIGURAS.....	6
LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES.....	7
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. ESCOLHA E JUSTIFICATIVA.....	10
3. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS.....	11
3.1 Problema de Pesquisa.....	11
3.2 Objetivo Geral.....	11
3.3 Objetivos Específicos.....	11
4. MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA.....	12
5. MARCO CONCEITUAL.....	13
5.1 Assexualidade.....	13
5.2 Identidade Sexual e Modelos de Desenvolvimento de Identidade Sexual.....	19
5.3 Psicologia Cultural e Desenvolvimento.....	24
5.4 Adolescência.....	27
5.5 Redes Sociais, Comunidades Virtuais e seu Estudo.....	30
6. METÓDO.....	36
6.1 Etnografia.....	36
6.2 Desenho Metodológico.....	39
7. PRODUÇÃO ETNOGRÁFICA.....	45
7.1 Apresentação de Campo.....	45
7.2 Apresentações - “Bem vindo ao clube do bolo!”.....	54
7.3 Assexualidade(s).....	59
7.4 Depoimentos e experiências de injustiça epistêmica.....	63
8. Entrevistas Narrativas.....	70
8.1 Relato 1: Amélia.....	71
8.2 Relato 2: Bruna.....	74

8.3 Relato 3 Cecília.....	77
8.4 Relato 4: Denise.....	83
9. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	87
9.1 Trajetórias de adolescentes e jovens assexuais e sua construção de identidade.....	87
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
11. REFERÊNCIAS.....	99

Introdução

Uma das suposições mais básicas sobre a natureza humana é de que todos possuímos desejo sexual (Cole & Cole, 1993). Indo além, não se trataria apenas de um elemento primário da experiência humana em termos de comportamento e biologia, mas também seria um aspecto identitário e constitutivo de nós como sujeitos (Foucault, 1984; Laumann, 1994). Neste sentido, indivíduos que não sentem atração sexual e que se identificam como assexuais estão numa posição única no que se refere à forma como descrevem sua experiência; esta não só questiona a validade e caminhos pelos quais a sexualidade é socialmente construída, como também implica em novos modos de pensar e falar sobre formas de sexualidades e afetividades não-normativas (Scherrer, 2008; Gressgård, 2013). Para o campo da psicologia, estudar a assexualidade envolve suprir as necessidades de compreender um grupo crescente de sujeitos marginalizados pela sua orientação sexual e expandir o discurso acerca de sexualidade em nossa ciência e profissão.

Assexualidade é a orientação sexual definida pela ausência de atração sexual e/ou romântica (Bogaert, 2006). Diferente dos estereótipos e expectativas sociais acerca de sujeitos que não praticam sexo, ser assexual não implica num desequilíbrio hormonal, repressão de um desejo sexual ou falta de interesse em relacionamentos íntimos. Para autores como Scott (2015), Gressgarde (2013) e Colborne (2018), na sociedade contemporânea, onde “ser sexualmente ativo é suposto como o normal, natural jeito de ser, pessoas e práticas assexuais são no melhor dos casos vistas como uma aberração intrigante, e no pior dos casos feitas invisíveis por seus modos diferentes (não-legitimados) de se relacionarem” (Scott, 2015). Diante deste contexto de invisibilização e subalternidade, assexuais têm as trajetórias de vida marcadas pelo trabalho constante em negociar e resistir modelos heteronormativos para que possam desenvolver uma identidade sexual que lhes seja autêntica.

É preciso ressaltar que apesar de que o fenômeno de pessoas que não experienciam atração sexual não seja novo, tampouco o entendimento disto como algo positivo, a noção de assexualidade como uma identidade social é bastante recente (Carrigan, 2015; Cerankowski & Milks, 2010; Kahan, 2013). Historicamente, é visto como provável que práticas assexuais sempre tenham existido, mas apenas recentemente tenham sido compreendidas a partir das

lentes de políticas identitárias (Scott, 2015; Foucault, 1984). Trata-se de um fenômeno emergente dos últimos trinta anos, no qual a assexualidade é discursivamente constituída como uma identidade social (Scott, 2015; Greesgarde, 2013). É preciso reafirmar que o reconhecimento da historicidade da assexualidade como uma forma de subjetividade não implica em tratá-la como menos significativa ou real do que outras orientações sexuais, que perpassam processos históricos semelhantes de sua construção dentro de nossa cultura (Foucault, 1984; Butler, 1990).

Tendo isso em mente, para melhor entendermos a assexualidade, é preciso compreender como ela se constrói como identidade num momento e lugar específicos, além do que está em jogo para estes sujeitos no curso de suas vidas. Enquanto, pela visão hegemônica de sexualidade, pode parecer confuso pensar como sexualidade faz parte da subjetividade de um indivíduo através de sua suposta negação; identificar-se dessa forma pode ser visto como um recurso para dar sentido e legitimar a experiência desses sujeitos, a qual escapa de uma noção essencialista de sexo (Foucault, 1984).

Neste trabalho de pesquisa, exploraremos aspectos desenvolvimentais constitutivos das trajetórias de adolescentes assexuais em adotarem esta identidade social. A partir da perspectiva da psicologia cultural, nosso enfoque está em reconhecer o papel que processos semióticos possuem na construção de si como um/a sujeito assexual. Deste modo, podemos buscar um melhor entendimento acerca do que significa tornar-se assexual em nossa sociedade sem ignorar aspectos subjetivos e sociais deste processo em prol de um modelo normativo ou individualizante de análise (Scott, 2015; Valsiner, 2016).

Escolha e Justificativa

A justificativa para este projeto pode ser descrita em três argumentos para sua relevância. O primeiro seria a necessidade da realização de estudos exploratórios para a fundamentação de teorias e intervenção psicológicas ligadas ao fenômeno da assexualidade, visto como a produção sobre o tema (principalmente no Brasil) é ainda escassa, apesar de que questões sobre a legitimidade da assexualidade como orientação sexual, movimentos pela sua visibilidade e despatologização e o crescente número de pessoas que se identificam como

assexuais apenas tornam o tema mais relevante. Dito isto, o segundo argumento seria como as pesquisas já feitas sobre assexualidade apontam para o quanto a reorganização teórica acerca do tema pode levar a inovações em como sexualidade e vinculação afetiva são discutidas e estudadas na contemporaneidade (Gressgard, 2013). Por último, e também meu motivo de escolha, considero que este estudo serve como uma ferramenta para dar visibilidade a um grupo marginalizado da sociedade e escutar as suas narrativas. É preciso ressaltar que meu local de fala na produção deste projeto de pesquisa é o de alguém que não se identifica ou faz parte da comunidade assexual.

Problema de pesquisa e objetivos

Meu problema de pesquisa parte de uma concepção de desenvolvimento como sendo constituído de múltiplas rupturas e transições na vida de um indivíduo enquanto agente social imerso em diferentes e interconectadas redes simbólicas num campo sociocultural (Zittoun, 2012). Nesta perspectiva, formulo a seguinte pergunta: como podem ser entendidos os processo de transição de um/a adolescente que passa a se identificar como assexual? Como ele/a constrói essa identidade e qual função ela tem como recurso simbólico? Que aspectos socioculturais são elementos facilitadores ou limitadores desse processo de transição?

O objetivo deste estudo exploratório é entender como ocorre a construção da identidade assexual de adolescentes em comunidades virtuais. Como objetivos específicos, temos:

1. Identificar elementos e recursos simbólicos emergentes e constitutivos deste processo de ruptura e formação identitária assexual nas/nos adolescentes.
2. Descrever o processo de transição para a assexualidade desses adolescentes participantes da A2¹.
3. Entender o papel que a A2 possui na vida desses sujeitos.

¹ Comunidade virtual brasileira para visibilidade do movimento assexual que será o campo de estudo desta pesquisa. Ela será descrita em maior detalhes posteriormente.

4. Entender como a comunidade A2 promove, através de suas particularidades técnicas e sociais, referenciais simbólicos que ajudam na composição da identidade dos adolescentes participantes.

Mapeamento da produção científica

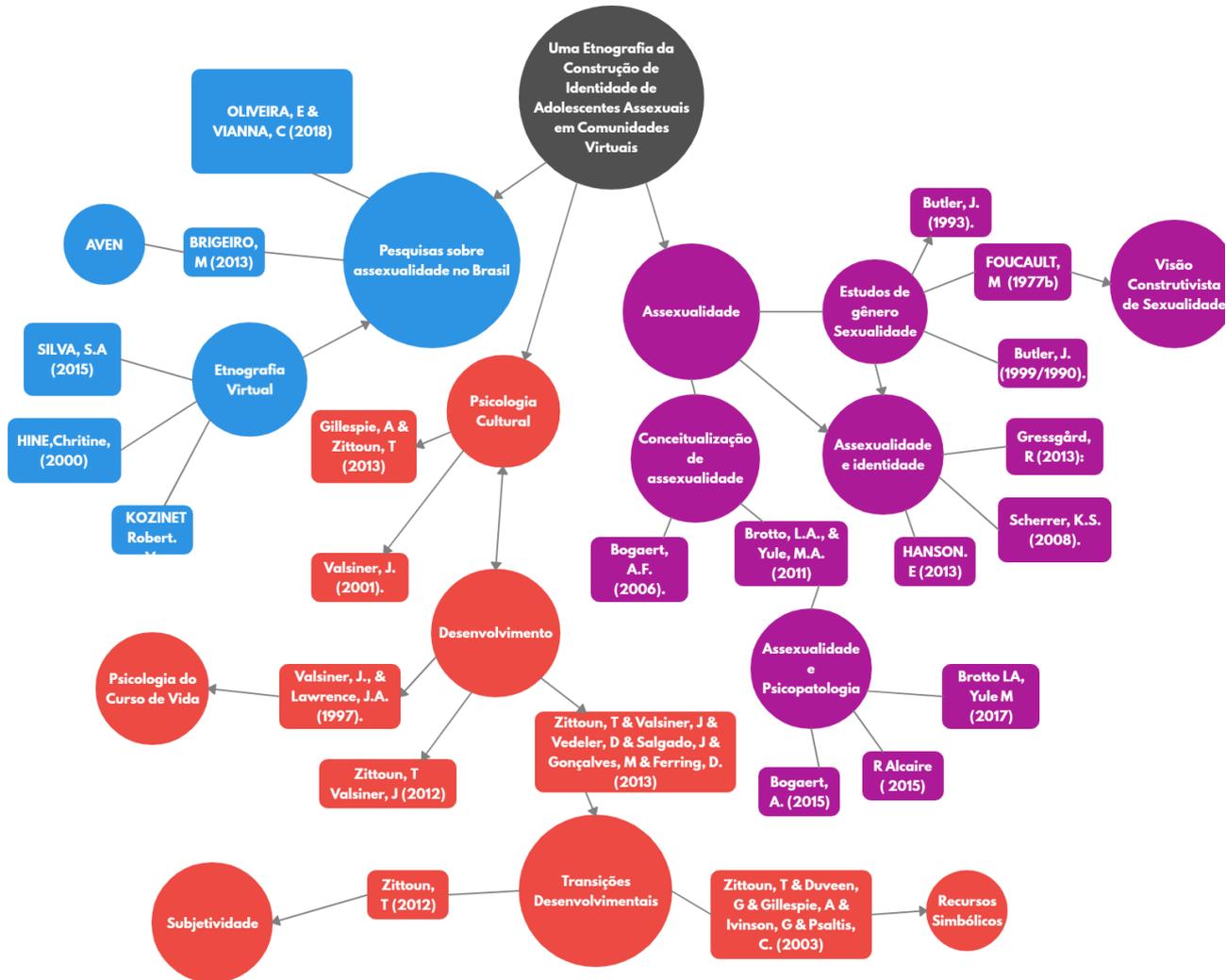
A revisão de literatura realizada para a produção do mapa conceitual foi inicialmente feita por meio de uma busca no Portal de Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico buscando artigos publicados nos últimos cinco anos. Os termos pesquisados foram “Assexuality”; “Assexuality” AND “Psychology”; “Assexuality” AND “Development” “Assexuality” AND “Identity”; e “Assexuality” AND “Transition”. Apenas treze artigos foram encontrados, utilizando o termo “Assexuality”, entretanto só dois deles de fato contemplavam a temática na CAPES. No Google Acadêmico foram encontrados 11 mil artigos.

Diante desses dados, precisam ser feitas algumas ressalvas. O descritor “assexualidade” é também utilizado para definir processos reprodutivos de outras formas de vida como plantas, fungos e protozoários, sobre os quais boa parte dos artigos encontrados no google acadêmico e na CAPES são, de fato. Neste mesmo sentido, o termo assexualidade também é comumente utilizado na área da saúde para debater o comportamento sexual de idosos e pessoas com deficiências físicas, além de problematizar sua discriminação (Lund, 2015), o que também não contempla o que estamos investigando. Feito este filtro, a produção acadêmica no Brasil sobre assexualidade se resume a dois artigos. Por último, no presente momento não me encontro ciente de nenhum artigo ou tese que discuta assexualidade por um viés desenvolvimental ou que faça recortes etários.

Devido à escassez de produção acadêmica acerca do tema, foi necessário utilizar obras publicadas nos últimos quinze anos para compor um panorama empírico que fosse minimamente suficiente para o projeto proposto. Além disso, compõem o mapa conceitual outros artigos e livros sobre psicologia do desenvolvimento pela perspectiva da psicologia cultural; obras de estudos de gênero e sexualidade sobre assexualidade e identidade; e textos

sobre o uso de métodos e contextos de pesquisa qualitativa para estudos da assexualidade (temática de ambos os textos encontrados no portal CAPES ao buscar assexualidade).

MAPA CONCEITUAL



Marco Teórico

Assexualidade

“Assexual é a pessoa que não experimenta atração sexual”. Esta é a definição hegemônica de assexualidade, divulgada pela AVEN (Asexual Visibility And Education Network) e reiterada pela literatura existente sobre o tema (Bogaert, 2006; Brigeiro, 2013). Esta simples definição comporta uma série de especificidades sobre a assexualidade. A primeira é que implica numa diferenciação entre indivíduos assexuais e indivíduos celibatários, que sentem atração sexual, mas não a praticam por questões religiosas, morais ou sociais. A segunda é a necessidade de se diferenciar “atração sexual” de “*desejo sexual*”, assim como a ausência de atração não implica numa ausência de desejo. Esta diferença é importante, pois explicita que assexuais ainda podem possuir desejo sexual, não são biologicamente incapazes de sentir prazer sexual por uma disfunção biológica ou de sentirem prazer através de práticas como masturbação, mas que este desejo não está associado à atração por um outro sujeito ou à prática do ato sexual com outra pessoa. A terceira particularidade desta definição de assexualidade é que não exclui a possibilidade de atração ou vinculação romântica. Assexuais são divididos entre aqueles que são românticos ou arromânticos. Em outras palavras, aqueles que sentem ou não atração romântica por pessoas de um ou mais gêneros específicos, e de que forma esta atração pode ser concretizada em termos de afetividade e vinculação.

A assexualidade é um tema que se encontra simultaneamente numa posição de crescente interesse por parte da academia, mas com uma literatura ainda escassa a respeito, especialmente no Brasil (Brigeiro, 2013; Gressgarde, 2013; Carrigan, 2015). Entretanto, não podemos deixar de reafirmar como a assexualidade já era um tema sobre o qual proposições teóricas eram feitas antes da definição criada pela AVEN começar a ser utilizada. Em sua obra, Scott (2015) aponta as produções de Freud (1973) e Kinsey (Kinsey et al, 1948) como exemplo da assexualidade sendo elaborada como uma “orientação sexual hipotética”, reconhecida apenas em comparação ao que é tratado na obra de ambos autores como uma sexualidade “normal”. Em Freud (1973), assexualidade é teorizada como resultado da repressão sexual. Já em Kinsey (Kinsey et al, 1948), indivíduos assexuais eram alocados dentro do “Grupo X”, para serem futuramente realocados quando sua verdadeira sexualidade emergisse. Me alinho a Scott (2015) em sua crítica à forma como estes estudos preliminares da assexualidade refletem uma tendência ampla nas ciências humanas de classificar comportamento e identidades sexuais em termos de normalidade/anormalidade, nas quais a heteronormatividade é o parâmetro para traçar esta linha do que é ou não normativo.

O primeiro uso registrado da definição específica de assexualidade utilizada nesta dissertação foi feito por David Jay em 2002, no texto de apresentação da recém-fundada Rede de Visibilidade e Educação Assexual (AVEN). Entretanto até a publicação de *Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample* (Bogaert, 2004), o termo assexualidade era usado no meio acadêmico quase que exclusivamente para descrever processos auto-reprodutivos de outras formas de vida (Brotto & Gorzalka, 2015; Colborne, 2018). Num censo da população britânica do qual Bogaert foi parte do grupo de pesquisadores envolvidos, Bogaert percebe que 1% dos respondentes relataram uma falta da experiência de atração sexual, uma porcentagem semelhante à encontrada no mesmo censo daqueles que relatam sentir atração pelo mesmo gênero. Na discussão desses resultados, o autor reconhece que “podem existir diferentes caminhos desenvolvimentais independentes que levam à assexualidade”¹, além de fazer observações sobre como a invisibilização de indivíduos assexuais pode ser resultante de como a abstinência do ato sexual escapa do escrutínio público, mas não elimina possíveis pressões a ser sexualmente ativo por pressões familiares ou médicas. Uma série de autores indicam como este trabalho de Bogaert realizou uma mudança no modo de discurso ao redor da assexualidade e da ausência de comportamento sexual, sendo o artigo mais citado e mais antigo sobre o tema (Carrigan, 2015; Brotto & Gorzalka 2015; Gressgarde, 2013).

Outra obra de Bogaert descrita como tendo aberto o campo de discussões sobre assexualidade é a tese ‘Toward a Conceptual Understanding of Asexuality’ (2006), em que ele defende uma definição de assexualidade não como condição biológica, mas como identidade sexual. Bogaert utiliza três possíveis medidas para definir a assexualidade: comportamento (ausência de atividade sexual); desejo (ausência de atração sexual direcionada a outros sujeitos); e identidade (definir a si mesmo como assexual) (Bogaert, 2006). Sua defesa sobre a legitimidade da assexualidade é em grande parte fundamentada num argumento moral, acerca de como pesquisadores e profissionais de saúde precisam estar sensíveis a mudanças de paradigma na sociedade e como é importante que sejam utilizadas as designações preferidas pelo próprio sujeito para definirem sua sexualidade (Carrigan, 2015). Ele também reconhece a emergência de uma comunidade assexual e de movimentos de visibilidade, em especial a AVEN, e a compara com o movimento pelos direitos de homossexuais nos anos 60 devido à semelhança em ambos os movimentos defenderem a despatologização de sua orientação sexual. Apesar de se configurar como um passo à frente para estudos de assexualidade que

não deslegitimam a experiência dos indivíduos estudados, a pesquisa de Bogaert utiliza uma base de análise que apresenta assexualidade por um viés individualista e inato, não como uma identidade criada dentro de um contexto sócio-histórico específico (Scott, 2015; Gressgarde, 2013).

A produção científica sobre assexualidade subsequente a Bogaert pode ser dividida, como dito antes, em dois campos distintos de interesse: o da operacionalização da assexualidade como orientação sexual ou psicopatologia e o de análise crítica da emergência da assexualidade como fenômeno sócio-político contemporâneo. Estes dois pólos apresentam articulações próprias e complementares para pensar a articulação da suposição de que atração sexual é parte fundamental da experiência humana e que lugar a assexualidade ocupa nesse cenário. (Colborne, 2018).

As obras de Brotto e Gorzalka (2015), Yule (2017), Hinderliter (2013) possuem problemas de pesquisa semelhantes e representativos da primeira categoria de textos sobre assexualidade: Seria a ausência de atração sexual uma questão psicopatológica? Este questionamento é estudado através da associação a três fatores possíveis, pesquisados por diferentes autores do campo da saúde. O primeiro e mais comum diagnóstico associado à assexualidade é o do transtorno do desejo sexual hipotivo (TDSH), caracterizado pela deficiência ou a ausência persistente ou recorrente de desejo ou fantasia sexual para a atividade sexual conduzindo a acentuado sofrimento e dificuldades interpessoais (DSM-IV). A pesquisa de Brotto e Gorzalka (2015) compara grupos de indivíduos diagnosticados com TDSH e de indivíduos que se auto-identificam como assexuais nos critérios de identificação com assexualidade e de estresse relacionados ao seu comportamento sexual, e seus resultados indicam uma correlação negativa entre identificação como assexual e estresse dentro desses grupos. Resultados deste estudo se refletiram na inserção da auto-identificação como assexual como critério de exclusão deste diagnóstico no DSM-V.

Outro tipo de estudo correlacional explicativo são aqueles que avaliam uma possível relação entre falta de atração sexual e diagnósticos de depressão e Asperger. Os resultados destas pesquisas produzidas apontam nenhuma relevância estatística, sendo o índice correlacional de Asperger ligeiramente mais alto que o de depressão (Brotto & Gorzalka 2015). Por último, temos a hipótese de uma associação entre assexualidade e abuso sexual, em especial abuso infantil, para a qual os resultados também foram negativos (Colborne 2018; Bogaert, 2015; Hinderliter, 2015).

A literatura sobre assexualidade interessada nos aspectos sócio-políticos de sua emergência como movimento social na atualidade em sua maioria já partem da premissa de que assexualidade é uma orientação legítima para explorar as repercussões no campo dos estudos de sexualidade e políticas de inclusão social. Gressgarde (2013) traça um panorama dessa produção teórica baseada em leituras foucaultianas ou butlerianas do fenômeno. Uma prerrogativa comum desses trabalhos é de como a existência da assexualidade questiona uma visão de sexualidade em que atração sexual é um elemento inato, e que forças de controle social e opressão são desveladas neste processo de legitimação assexual, ao mesmo tempo em que o movimento de visibilidade assexual usa deste mesmo discurso essencialista para validar sua experiência como sujeitos (Przybylo, 2013).

Trabalhos por um viés foucaultiano discutem a relação entre assexualidade e o biopoder (Cerankowski & Milks, 2010; Gressgarde, 2013). Sexualidade é entendida como uma construção histórica, não por um essencialismo biológico, em que processos de subjetivação e auto-identificação são atos de auto-objetificação perante aparatos de poder/verdade vigentes e nas possibilidades e limitações de discurso de seu tempo (Foucault, 1984). Tendo isso como base teórica, estes artigos explicitam como assexualidade vai de encontro a convenções sociais e formas de controle social ligadas a uma noção de performance sexual com uma forma de designar corpos saudáveis, o que culmina em sua medicalização e discriminação. Outra temática comum é de como a exclusão do aspecto sexual de vinculações afetivas pode levar a uma abertura no modo de se pensar vinculações românticas e familiares (Gressgarde, 2013).

Análises da emergência da assexualidade que privilegiam Judith Butler (2002) como referencial teórico em sua maioria focam no debate de qual espaço a assexualidade ocupa entre as políticas identitárias de movimentos LGBT (Gressgarde, 2013; Przybylo, 2013; Colborne, 2018). O cerne desta discussão estaria numa assim vista dissonância entre os argumentos que legitimam a assexualidade em relação àqueles que fundamentam outras sexualidades marginalizadas, no ponto que cabe se definir se sexualidade é ou não intrínseca ao sujeito, e o papel de sua performance como ato político. Outra problemática seria se assexuais estariam inclusos na comunidade LGBT ou não, pensando nos diferentes processos de discriminação que ambos sofrem e que marcam suas construções de subjetividade (Colborne, 2018).

Quanto à produção brasileira sobre assexualidade, apesar de ainda ínfima em termos de número de publicações, o estudo de Brigeiro traz reflexões importantes sobre a própria relação entre a academia e o movimento de visibilidade assexual. Seu trabalho se constitui numa etnografia virtual da AVEN em conjunto com a análise de publicações acadêmicas a respeito “para entender os atravessamentos e as preocupações que se configuram atualmente em torno do tema do desinteresse pelo sexo” (2013, p.1). Os resultados de sua pesquisa permitem uma reflexão sobre a importância do ethos científico no ativismo assexual, em que não só a AVEN busca aproximação com a academia como forma de legitimação e visibilidade, como também o próprio ativismo assexual e a produção acadêmica sobre o tema se confundem em suas agendas, em função dos mesmos sujeitos acabarem por ocupar ambos os papéis na sociedade.

Já no campo da antropologia social, a tese de Neiva (2019) faz indagações semelhantes ao refletir sobre as “relações entre identidade, movimento político e a produção discursiva de categorias e convenções em torno das assexualidades”. Sua tese analisa como as assexualidades se inserem no dispositivo histórico da sexualidade ao reproduzirem regimes discursivos pretensamente verdadeiros sobre o sexo. Neiva questiona se a produção de saber sobre a assexualidade tem o potencial de questionar e reescrever perspectivas estigmatizantes vigentes na sociedade ocidental sobre sexualidades não-normativas. A tese da pesquisadora é especialmente relevante para a pesquisa que aqui apresento pois também se trata de um estudo etnográfico também realizado dentro da comunidade A2, o que faz com que sirva não só como um referencial teórico, mas um norte para aspectos metodológicos e práticos a partir da experiência de uma pesquisadora que trilhou caminhos semelhantes.

O trabalho de pesquisa de Kristin S. Scherrer, “*Coming to an Asexual Identity: Negotiating Identity, Negotiating Desire*” (2008) é outro estudo qualitativo digno de nota nesta revisão e seus resultados podem complementar a interpretação de Brigeiro sobre o papel da AVEN no processo de identificação como assexual para seus participantes. Sua pesquisa consistiu na entrevista de 102 participantes da AVEN, que se identificam como assexuais, com os quais foram realizadas entrevistas com a temática do papel que a identidade assexual possuía em suas vidas. O resultado de sua análise foi dividido em três categorias: Como assexuais definem sua experiência, como assexuais entendem sua sexualidade como um aspecto inato de si mesmos; como suas identidades como assexuais refletem em suas relações românticas. Dados relevantes desta análise indicam como um ponto recorrente a estas

entrevistas é de como a definição utilizada por estes sujeitos é verbalizada e definida igual à proposta pela AVEN, com mínimas diferenciações, da importância da comunidade para o processo inicial de entendimento dessa experiência como assexual ao ponto em que encontram um rótulo que “funciona” para elas e que retrata este aspecto subjetivo de suas vidas como saudável. Para a autora, pessoas assexuais passam a se identificar como assexuais ao primeiro entrarem em contato com discursos essencialistas sobre sexo que são dominantes no contexto no qual elas estão inseridas. Elas questionam que “tipo” de sujeito elas são diante dos múltiplos rótulos identitários disponíveis, dos marcadores sociais associados a estas identidade, e representações normativas acerca de relacionamentos românticos. De acordo com Scherrer (2008), este processo de busca e comparação pode levar a formas complexas de identificação à medida em que sujeitos assexuais podem tornar mais específicos seus rótulos identitários que posicionam a assexualidade como um campo de semelhanças e diferenças entre aqueles que com ela se identificam. Por exemplo, a diferenciação entre assexuais heteroromânticos, biromânticos, homoromânticos ou arromânticos.

É também digna de nota a produção teórica de Carrigan (2011), que desenvolve sua própria perspectiva acerca da formação identitária de sujeitos assexuais. Através do uso de uma ontologia realista, Carrigan elabora a ideia de que sujeitos assexuais desenvolvem suas identidades através de sentimentos de diferença ou alteridade em relação aos pares enquanto tentam dar sentido a esta experiência através de seus próprios processos de auto-reflexão. Isto se daria através da passagem pelos seguintes estágios: percepção da diferença individual, auto-questionamento, suposição de uma patologia, auto-clarificação, narrativização biográfica, e identidade comunitária. Posteriormente nesta pesquisa, apresentarei relatos de sujeitos assexuais que se encaixam nos moldes deste padrão descrito pelo autor. Entretanto, concordo com Przybylo (2013) e Scott (2015) que argumentam que as proposições teóricas de Carrigan apontam para uma noção ainda individualizada da identidade assexual, enquanto vê-la como um fenômeno socialmente construído e negociado pode ser mais útil para seu entendimento.

Por fim, gostaria de ressaltar que o estudo da assexualidade enquanto um campo de pesquisa existe em diálogo com a produção acadêmica acerca de outras temáticas LGBTQA+. Isto pode ser percebido em exemplos como o trabalho de Hanson (2013), que deliberadamente constrói seu estudo como “sua versão” de um dos textos fundadores da teoria queer, *Epistemology of the Closet* (Sedgwick, 1990), ao examinar a narratibilidade da

identidade assexual, e sua história de erros de identificação e apagamento, dentro da literatura dos séculos XVIII e XIX por vias semelhantes feitas por Sedgwick acerca da homossexualidade. Uma manifestação particularmente relevante deste diálogo para minha dissertação, assim como para os estudos de Scherrer e Carrigan, seria o diálogo com estudos que buscam compreender o desenvolvimento de outras identidades sexuais não-normativas. Por isso, irei traçar a seguir um breve panorama de como o conceito de identidade sexual e seu desenvolvimento foi anteriormente estudado dentro de outros campos de pesquisa.

Identidade Sexual e Modelos de Desenvolvimento de Identidade Sexual.

Para definir identidade sexual, é primeiro necessário diferenciá-la de orientação sexual, termo coloquialmente utilizado como um sinônimo para identidade sexual. Dentro do campo de estudo de gênero e sexualidade, é proposta uma diferenciação entre os dois conceitos, onde “orientação sexual” se refere a um padrão específico e duradouro de atração romântica, afetiva ou sexual a outras pessoas enquanto identidade sexual se refere ao reconhecimento e identificação com tais predisposições e possíveis marcadores sociais associados a tal identidade (Worthington.; Dillon; & Vernaglia, 2002). A distinção se mostra importante porque enquanto orientação sexual é entendida como uma predisposição que pessoas não escolhem acerca da própria experiência subjetiva, identidades sexuais são “adotadas” a partir dos meios em que sujeitos se reconhecem e se apresentam enquanto sujeitos sexuais. Assim, o processo de desenvolvimento de uma identidade sexual se refere ao processo no qual um sujeito de determinada orientação sexual se identifica e expressa diferentes aspectos da sua sexualidade (Worthington.; Dillon; & Vernaglia, 2002).

O desenvolvimento de uma identidade sexual é marcado pela influência de diversos fatores biopsicossociais, como aspectos biológicos do desenvolvimento corporal, influências culturais e sociais acerca do imaginário de papéis de gênero ou do que é moral e saudável em relação a sexo; e aspectos do contexto social direto de cada sujeito, como seu contexto familiar, condição financeira; e aspectos interseccionais a outras identidades como nacionalidade ou raça (Worthington.; Dillon; & Vernaglia, 2002). Faz-se importante ressaltar que nem orientação ou identidade sexual necessariamente se mantêm imutáveis ao longo do curso de vida de um indivíduo, sendo sexualidade, e os modos de identificação relacionados a ela, elementos fluídos e particulares da experiência humana (Savin-Williams, 2006).

Para autores como Harvey, Fish e Levatino (2020) ou Savin-Williams (2006), o cenário do estudo do desenvolvimento de identidades sexuais é marcado por uma dualidade. Se por um lado, a maior parte das pesquisas sobre o tema se focam no estudo da experiência de minorias sexuais e os desafios de se reconhecer e se aceitar numa sociedade heteronormativa e patriarcal, as proposições teóricas originadas destes estudos frequentemente se mostram limitadas por partirem de um referencial que, implícita ou explicitamente, adere à mesma visão heteronormativa acerca de gênero e sexualidade que busca desconstruir. Falando em termos práticos, as autoras criticam tanto um foco excessivo a aspectos ligados a comportamento de riscos de jovens com uma orientação sexual ou de gênero marginalizada; hipergeneralização nos modelos explicativos ou na linguagem utilizada para se referirem a todas as identidades não heteronormativas; ou à concepção de heterossexualidade como a norma da qual outras sexualidades desviam; ou representar gênero como um construto binário (Harvey, Fish & Levatino, 2020; Currah, 2001).

A tendência para uma perspectiva generalista para o entendimento do desenvolvimento de identidades sexuais pode ser percebida na predominância de modelos explicativos para a compreensão de como sujeitos formam suas identidades sexuais ao invés de estudos focados em trajetórias desenvolvimentais (Savin-Williams, 2006). Savin-Williams (2006) aponta um crescimento na popularidade de tais modelos a partir dos anos 70 e 80, inicialmente inspirados na obra de Erik Erikson (1972) acerca do desenvolvimento de personalidade de adolescentes. O propósito inicial desses modelos seria explicar o processo passado por adolescentes para que se identifiquem como homossexuais, eventualmente levando à criação de modelos ligados a outras identidades sexuais. O apelo desses modelos seria o quão intuitivos eles aparentam ser ao apresentarem o desenvolvimento de uma identidade sexual como um processo linear, uniforme e observável em seus múltiplos estágios.

O modelo de Viviane Cass (1979) de formação de identidade homossexual é uma excelente representação da lógica presente nos modelos de formação de identidades sexuais, tanto pelo seu grau de aceitação dentro da comunidade científica como por continuamente passar por revisões desde sua criação em 1979 (Savin-Williams, 2006; Worthington.; Dillon; & Vernaglia, 2002). Também conhecido como o “coming out model”, o modelo de Cass foi um dos primeiros a tratar pessoas não-heterossexuais como normais e apontar o heterossexismo como o fator limitante ou causador de sofrimento no desenvolvimento

identitário dos sujeitos estudados. Nele, o desenvolvimento identitário é universal e é dividido nas seguintes seis etapas:

- (1) Confusão Identitária: O sujeito reconhece que seus sentimentos, ações e pensamentos ligados a sexo podem ser rotulados como homossexuais, o que leva a confusão diante do questionamento de “O que eu sou?”. A resposta para esta pergunta pode ser aceitação, repressão ou rejeição dessa experiência.
- (2) Comparação de identidade: Neste estágio, o sujeito compara o que sente com os sentimentos de outros sujeitos e começa a lidar com as implicações do que ele/ela “pode ser”, eventualmente até se chegar ao pensamento de “eu provavelmente sou”. Tal estágio é marcado pela negociação entre possibilidades desejadas e os custos atrelados a certos rótulos identitários, como o risco de discriminação e rejeição.
- (3) Tolerância de Identidade: Este estágio se inicia na afirmação de “Eu provavelmente sou, mas ainda desprovida de uma aceitação completa de sua identidade e a percepção que não se está sozinho diante de tais questionamentos ou possibilidades de identificação. O sujeito está mais inclinado a fazer contato com outros sujeitos homossexuais, experimentar expressões estereotípicas de sexualidade e, a partir disso, minimizar ou aumentar sua aceitação do seu status enquanto homossexual.
- (4) Aceitação de identidade: Neste estágio o sujeito possui uma visão mais clara e positiva de si enquanto homossexual, e se mostra mais confortável em ser assim visto por outras pessoas. Neste ponto do desenvolvimento, os sujeitos começam a revelar sua identidade para outras pessoas. Através desses episódios de revelação da própria identidade, o sujeito é levado a lidar com sua própria homofobia internalizada, perceber que sua sexualidade é aceita por pessoas de seu convívio social, ou confrontar com reações negativas da sociedade heterossexista acerca de sua sexualidade.
- (5) Orgulho Identitário: A “saída do armário” leva a uma percepção do mundo enquanto dividido entre heterossexuais e não-heterossexuais, onde confrontamentos inevitáveis com o mundo heterossexual levam à aproximação de pessoas com as quais se possui maior semelhança e uma posição de orgulho acerca da própria identidade sexual. “Eu sou gay e estou orgulhoso disso.”.

(6) Síntese de identidade: As formas de apresentação enquanto homossexual em contextos privados e públicos se sintetizam com outros aspectos do self do sujeito. A orientação sexual passa a ser entendida como apenas mais uma faceta da identidade deste indivíduo e passa a estar em paz com sua própria sexualidade. Esta síntese leva a uma maior tranquilidade em suas interações com sujeitos heterossexuais.

Enquanto a importância de modelos como o de Cass não podem ser negadas pelo seu papel em representar homossexualidade, e posteriormente bissexualidade, enquanto expressões saudáveis da sexualidade humana nos campos da psicologia clínica e desenvolvimental, uma série de críticas podem ser feitas acerca de sua validade. A primeira ressalva ao modelo de Cass, inclusive pela própria autora, é de que ele não é capaz de explicar o desenvolvimento identitário de todo e qualquer sujeito, devido ao quão diversos e complexos podem ser os contextos e histórias de vida de diferentes sujeitos homossexuais/bissexuais, que não necessariamente suas trajetórias irão seguir as seis etapas de forma linear ou bem-delimitada (Cass, 2015; Savin-Williams, 2006). A segunda crítica é de que o modelo não leva em conta fatores sócio-culturais específicos que podem impactar o desenvolvimento identitário, como gênero, raça, classe social ou como mudanças no contexto sócio-histórico desde a elaboração do modelo levam a formas diferentes de desenvolvimento identitário ou experiências de discriminação. A terceira crítica é de que a natureza linear do modelo sugere que um sujeito só pode ser considerado como bem-ajustado ou com a identidade estável após passar pelos seis estágios propostos por Cass (Coleman, 1982). Por último, Savin-Williams (2006) critica o modelo de Cass devido ao uso da “saída do armário” como o parâmetro definitivo do desenvolvimento de uma identidade sexual, o que estaria baseado nos valores de uma classe-média americana e predominantemente branca.

Uma proposta desenvolvida por Savin-Williams (2006) criada com o intuito de ser uma alternativa a modelos baseados em estágios e metas desenvolvimentais para compreender o desenvolvimento de identidades de indivíduos que se atraem por pessoas do mesmo gênero é chamado de “*differential developmental trajectories framework*”, ou perspectiva de trajetórias de desenvolvimento diferenciais. Esta abordagem teórica defende que há um grau de variabilidade dentro e entre indivíduos que não pode ser ignorado na elaboração de proposições teóricas acerca do desenvolvimento de uma identidade sexual, mesmo que possamos perceber e traçar semelhanças nas trajetórias de diferentes adolescentes que se

sentem atraídos por pessoas do mesmo gênero dentro de um mesmo contexto sócio-histórico. É necessário o entendimento dessas semelhanças e dissemelhanças dentro das trajetórias de cada sujeito. Para o autor, a perspectiva de trajetórias de desenvolvimento diferenciais segue quatro preceitos básicos:

- (1) Adolescentes que se sentem atraídos por pessoas do mesmo gênero são similares a todos os outros adolescentes em suas trajetórias desenvolvimentais. Focar-se exclusivamente nas consequências ligadas ao homoerotismo para discutir o desenvolvimento da identidade desses sujeitos pode levar a atribuições errôneas a experiências que podem ser recorrentes na vida de qualquer adolescente em seu processo de descoberta da própria sexualidade.
- (2) Adolescentes que sentem atração por pessoas do mesmo gênero são diferentes de adolescentes heterossexuais em suas trajetórias desenvolvimentais devido ao contexto heterocentrista no qual estão inseridos.
- (3) Adolescentes que possuem atração por pessoas do mesmo gênero variam entre si em suas trajetórias desenvolvimentais, e isto pode se dar do mesmo modo que adolescentes heterossexuais variam entre si. As intersecções entre sexualidade e gênero, etnicidade, geografia e status socioeconômico levam a trajetórias distintas entre os adolescentes.
- (4) A trajetória desenvolvimental de uma pessoa é diferente da que qualquer outra pessoa já viveu, devido à profunda diversidade inerente à vida humana.

Considero relevante apresentar estas duas abordagens para entender o desenvolvimento de identidades sexuais, pois servem como uma demonstração prática de quais são minhas ressalvas acerca da produção de um modelo do desenvolvimento da identidade assexual. Concordo com as palavras de Weinberg (1985) quando ele afirmou que as falhas destes modelos universais são inevitáveis, devido ao seu excesso de confiança no uso de “narrativas mestras” pelas quais as vidas de sujeitos reais são avaliadas em termos de aderência ou não a elas. Também considero que a criação de um modelo universal para o desenvolvimento da assexualidade culminaria numa falha ética e teórica minha de estabelecer um construto unitário ahistórico de assexualidade, enquanto estou interessado em como as histórias de sujeitos assexuais expressam sua pluralidade diante da pressão que se adequem a categorias inteligíveis e a um sistema de crenças heteronormativas. Neste sentido, estou

seguindo por um caminho seguido por Worthington, Dillon, e Vernaglia (2002) quando afirmam que “construir alianças terapêuticas que honrem a evolução dessas identidades requer uma disposição a ver o que é difícil de ser visto dado o filtro da heteronormatividade e perguntar aos clientes como eles veem e nomeiam suas próprias vidas e experiências”.

Meu intuito em utilizar a perspectiva da psicologia cultural acerca do desenvolvimento humano segue por uma lógica semelhante à de Savin-Williams (2006), em sua proposta de buscar um entendimento focado em *trajetórias* ao invés de *modelos* de desenvolvimento de identidade sexual, mesmo que não necessariamente esteja aderindo à abordagem do autor. Uma vez explicado ao que me refiro enquanto identidade sexual, é necessário explicar os preceitos básicos da perspectiva desenvolvimental da psicologia cultural e sua definição de adolescência.

Psicologia Cultural e Desenvolvimento

A perspectiva sociocultural do desenvolvimento humano possui como seu cerne a noção do desenvolvimento de cada sujeito como único, em sua instância particular no tempo e espaço, e nos infinitos rumos que pode tomar. Esta concepção é baseada numa visão de que o desenvolvimento humano é um processo aberto e multilinear; centrado nos próprios indivíduos como criadores de sentido de sua experiência e cultura. Com isto, se afirma que o comportamento humano está num processo constante de reorganização através de sua mediação simbólica realizada de forma ativa pelo próprio indivíduo (Abbey & Valsiner, 2005; Valsiner, 2016). Cada sujeito experimenta o mundo e os símbolos que o perpassam de uma posição específica no tempo e no contexto sociocultural e é um agente no processo de constante mudança deste contexto e da produção de uma cultura e sentidos próprios. Neste sentido, o estudo do desenvolvimento é o estudo dessas transações simbólicas ao longo da vida de um sujeito, de que fatores são promotores ou limitantes de mudança e como é dado significado a este processo (Zittoun, 2015).

Neste modelo teórico, podemos pensar em mudanças no curso de vida como transitivas ou intransitivas. Em outras palavras, enquanto o indivíduo está num processo de constante mudança, podemos conceber mudanças que fazem parte do dia-a-dia e não

requerem um trabalho de ressignificação e mudanças que alteram o curso de uma vida de modo que não é possível retornar ao estado anterior. Este segundo tipo de mudança, chamado de intransitivo ou de rupturas, requer um trabalho de reorganização simbólica por parte do sujeito para se adaptar e atribuir sentido a esta mudança que faz com que ele pare de tomar os significados em sua vida como “garantidos”. Este processo de ajustamento entre o sujeito e seu ambiente durante um processo de ruptura é denominado de “transição” (Zittoun, 2006).

São propostos três tipos mutuamente dependentes de mudança resultantes de processos de ruptura/transição: Processos identitários que envolvem a elaboração de identidades sociais, questões de reconhecimento e posição social e conjunto de crenças e significados sobre si; Processos de aprendizado relacionados com a aquisição de conhecimentos e habilidades para solução de problemas e, por último, processos de construção de significado, ligados ao manejo de afetos, avaliação de um determinado momento ou contexto; e correlações entre a própria experiência e perspectiva com sua narrativa pessoal. (Zittoun, 2006; Zittoun, 2012).

Para entender estes processos de transição no desenvolvimento, é preciso reconhecer a importância que recursos simbólicos têm para facilitar este processo de mudança. Recursos simbólicos são elementos simbólicos (artefatos culturais, redes de significação, instituições, modos de discurso ou elementos socialmente partilhados de experiência) que são utilizados com um objetivo específico neste processo de reajuste subjetivo. Isto pode ser feito auxiliando o sujeito a vislumbrar alternativas para seu futuro, validar sua experiência, facilitar uma interação social ou regulação identitária (Zittoun, 2006). Por exemplo, o uso de certas músicas para dar sentido ao tentar entender o sentimento de perda de um ente querido.

Pela perspectiva da psicologia cultural, o papel que raça, gênero, orientação sexual e outros aspectos identitários têm no desenvolvimento humano pode ser melhor entendido através dos conceitos de Identidade Social e Fronteiras Simbólicas (Madureira, 2010). De acordo com Madureira (2007), identidades sociais são construídas tendo como base memórias coletivas e formas de discurso, historicamente situadas, que expressam um sentimento de pertencimento entre indivíduos e grupos sociais de uma sociedade. O processo de construção dessas identidades é definido por sua ambivalência, contradições e tensionamentos políticos. Além disso, a construção de uma identidade social como, por exemplo, identidade de gênero, sempre ocorre em conjunto com outras identidades sociais (Madureira, 2010).

Se por um lado o processo de construção de uma identidade social implica num significado de pertencimento por parte de um sujeito a um grupo social, é também preciso

considerar como culmina numa dessemelhança em relação a outras identidades, sujeitos ou grupos sociais. Para a psicologia cultural, essas diferenças e tensionamentos entre indivíduos e grupos diversos podem ser interpretadas através do conceito de fronteiras simbólicas. Tais fronteiras são delimitadas de modo semipermeável em que sua relevância e abertura podem variar de acordo com o quão culturalmente significativo um determinado aspecto identitário é para diferentes sociedades ou domínios sociais (Madureira, 2007). Por exemplo, em sociedades patriarcais, a categorização/identificação por gênero possui uma carga cultural própria que pode ser percebida em formas de opressão sofridas por mulheres. Indo além, diferentes formas de preconceitos, expectativas sociais rígidas e mecanismos de repressão social podem ser entendidos como formas de manutenção de fronteiras simbólicas pouco permeáveis ao custo do sofrimento psicológico e marginalização de grupos específicos (Madureira, 2007).

Ao trazer tais conceitos para interpretar o fenômeno da construção de identidade assexual em adolescentes, trabalho com a seguinte proposição inicial: a construção da identidade assexual se configura como um processo de ruptura e transição desenvolvimental. Isto se articularia da seguinte forma: diante da dissonância entre a experiência subjetiva acerca da sua relação com sexo e discursos sobre performance e saúde ligadas a sexo. Assim, faz-se necessário que o sujeito busque ferramentas para dar sentido e legitimar sua experiência perante a si e a sociedade. A identidade assexual serve como recurso simbólico para dar validade a sua experiência como sendo legítima dentro do contexto sociocultural e não patológica, comunicar sua relação com sexo a outros sujeitos e compor sua narrativa pessoal. Outro elemento no fenômeno da assexualidade que proponho que seja estudado como recursos simbólicos são comunidades virtuais como a AVEN ou o Fórum A2. Elas teriam uma função institucional que facilita este processo de transição e dispõem de significações e um repertório de elementos simbólicos e uma rede de apoio daqueles que partilham uma experiência semelhante que passa a receber o rótulo de “assexual”.

Adolescência

Em termos simples, adolescência pode ser definida como o estágio do desenvolvimento humano que se inicia após o fim da infância, no qual ocorrem mudanças físicas, psicológicas e sociais significativas que preparam e culminam na passagem para a

vida adulta (Larson & Wilson, 2004). Esta conceituação acaba por ser nebulosa, apesar de amplamente difundida, pois é preciso explicitar o contexto histórico, social e ideológico que está sendo utilizado como referência para demarcar o período exato no qual a adolescência ocorre ou, até mesmo, o que significa “tornar-se adulto” (Tomio & Facci, 2009; Zittoun, 2007). Pesquisas como a de Mead (1951), na qual se investigaram os ritos de passagem de jovens em Samoa, já apontavam que a adolescência se configura como um fenômeno cultural produzido por práticas culturais de determinados contextos sócio-históricos (Tomio & Facci, 2009; Leontiev, 1978). No campo da psicologia, podemos considerar a conceituação utilizada para adolescência como um empréstimo dos campos da educação, medicina e psicanálise (Tomio & Facci, 2009; Bocco & Nascimento, 2005). Neste cenário, tomo como necessário apresentar que perspectivas sobre adolescência norteiam este projeto de pesquisa.

É preciso de início ressaltar uma falta de precisão em termos de que faixa etária se está referindo quando se fala sobre adolescência, em parte pelas diferenças culturais e referenciais teóricos que podem ser utilizados. Se falarmos apenas em termos de maturação biológica, a adolescência seria o período médio entre 13 aos 21 anos. Se tomarmos o Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil, a faixa etária é de 12 a 18 anos. Já a Organização Mundial de Saúde define a adolescência como o período dos 10 aos 24 anos. Neste projeto, utilizaremos a faixa etária proposta pela Organização Mundial de Saúde.

Uma das principais características da adolescência para o campo da psicologia é de que se trata de um período da vida marcado por crises identitárias e ambivalências (Erikson, 1972; Leontiev, 1978; Vigotski, 1996). A palavra “crise” neste contexto não se refere a eventos catastróficos, mas sim a ser um momento no curso de vida em que ocorrem múltiplas rupturas e mudanças no modo como o adolescente se enxerga diante de mudanças no seu corpo e posição social (Erikson, 1972; Zittoun, 2003). A construção de um senso de identidade é uma etapa do desenvolvimento humano atribuída a este período. Este processo ocorre através de contínuas reflexões e observações simultâneas engatilhadas por mudanças nas relações sociais do adolescente (Leontiev, 1978). O sujeito se torna mais autônomo quanto a suas escolhas acerca de seu comportamento, crenças e planos futuros ao mesmo tempo em que lhe são feitas novas cobranças a responder por este novo leque de escolhas e por sua passagem por ritos culturalmente estabelecidos. Por este caminho, o adolescente negocia entre seu conceito de si e a sua suposição de que imagem lhe é endereçada por aqueles de seu contexto social para assim chegar a uma imagem unificada de quem ele é (Erikson, 1972).

Trata-se de um processo mutável e dinâmico, em que os ritos, desafios e elementos simbólicos envolvidos variam de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural (Erikson, 1972, Tomio & Facci, 2009).

No campo da psicologia cultural, estudos como de Tania Zittoun (2003, 2007) e Constance de Saint-Laurent (Saint-Laurent & Zittoun, 2014) retratam a adolescência por princípios semelhantes ao associá-la diretamente ao conceito de “juventude”. Nesta perspectiva do desenvolvimento humano, a adolescência se apresenta como um período de múltiplos processos de transição ligados à gradual inserção do jovem na vida adulta e das novas responsabilidades advindas dessa mudança (Morch, 2003, Zittoun, 2007). A idade em que este processo de inicia e sua natureza variam de acordo com o contexto cultural em que o sujeito está inserido, assim como de sua história pessoal e quais sentidos ela/ele atribuem a este conjunto de transições. Estes processos podem ser altamente regulados socialmente e circunscritos a certos ritos ou marcadores identitários específicos para os jovens inseridos em determinadas culturas, do mesmo modo como existem cenários em que a liberdade e responsabilidade para elaborar uma narrativa pessoal e símbolos do que significa ser um jovem e estar em vias de se tornar um adulto são abundantes (Carugati, 2004).

Três aspectos são comuns nas dinâmicas dos processos de transição específicos do período da adolescência (Zittoun, 2007). Eles são (1) transição de papéis e status sociais, (2) o desenvolvimento de habilidades e conhecimento específicos a este estágio da vida e (3) a aquisição de responsabilidade simbólica.

Transições sobre papéis e status sociais estão associadas a mudanças na posição social e às expectativas criadas acerca do jovem por si e pela comunidade na qual está inserido devido ao seu amadurecimento. Exemplos como transição para novos ambientes educacionais ou profissionais, novas responsabilidades no cenário doméstico, uma maior autonomia para se locomover sozinho ou a inserção em novos tipos de práticas sociais, grupos e rodas de conversa denotam mudanças no campo de experiências do sujeito ao ingressar na adolescência.

Em conjunto com as mudanças de papéis, temos também a aquisição de novas habilidades e conhecimentos específicos em que o aprendizado é tanto ofertado quanto exigido do jovem (Carugati, 2004). O conteúdo e os métodos de aquisição destas habilidades são contextualmente definidos e variam de acordo com a esfera de experiência na qual se está inserido. Pode-se falar do aprendizado de certos conteúdos programáticos do nível escolar em

que a/o jovem está cursando, habilidades domésticas básicas ligadas às suas novas obrigações ou habilidades que lhe irão garantir um melhor ingresso no mercado de trabalho. A aquisição de habilidades relacionadas à criação de significado e uso de recursos simbólicos é, por outro lado, um dos processos de transição principais da adolescência (Zittoun, 2007). Durante a adolescência, o sujeito não se torna apenas capaz de utilizar recursos simbólicos no seu dia-a-dia para resolução de conflitos e atribuição de sentidos, mas também de perceber que os julgamentos de diferentes indivíduos nas várias esferas de seu convívio social ancoram interpretações diferentes para um mesmo sujeito, símbolo ou acontecimento. No entanto, esta percepção de múltiplos significados ou papéis atribuídos pode se tornar um criador de conflito e estresse para o adolescente, pois ainda lhe falta a habilidade de distanciamento requerida para uma exploração mais voluntária e ativa de quais recursos simbólicos são mais convenientes para si. Assim, pode se observar como adolescentes intuitivamente buscam por pistas sociais e recursos simbólicos para formularem ações futuras e concepções de si, mas baseadas no reconhecimento e legitimação por parte de fontes externas que provenham o menor grau possível de ambivalência (Zittoun, Duveen, Gillespie, Ivinson & Psaltis, 2003).

Por fim, uma das características recorrentes da dinâmica da adolescência e da juventude para a psicologia cultural é a aquisição de responsabilidade simbólica. Do mesmo modo que adolescentes se tornam mais aptos e versados no uso de recursos simbólicos para construir suas experiências de vida e resolverem problemas, eles também passam a responder por suas escolhas quanto ao uso de certos símbolos e pela sua forma de expressão pessoal (Zittoun, 2004). Responsabilidade simbólica significa a demanda para que sujeitos escolham entre os elementos culturais disponíveis para si, expliquem suas escolhas e que seu comportamento seja razoavelmente consistente com elas. Com isto, adolescência é um período entendido como necessário para a experimentação e eventual definição de um sistema próprio do sujeito de valores, preferências e condutas, ao qual ela/ele se torna socialmente obrigado a responder pelas discrepâncias entre sua identidade e o que é consensualmente normativo (Zittoun, 2007). Tal responsabilidade pode ser percebida no modo como adolescentes são julgados por quem afirmam sentir ou não atração sexual, enquanto crianças ainda seriam vistas como muito novas para terem noção do que estão dizendo.

Quanto ao que cabem estudos referentes a aspectos contemporâneos do vir a ser adolescente, a influência da internet no processo de construção de identidade tem sido um dos principais tópicos de interesse (Dasen, 2000; Greenfield, 2006; Arnett, 2014; Jensen, 2011). O

aumento da velocidade e amplitude do fluxo de culturas, ideias, pessoas e bens materiais chegou a um ponto nunca antes visto devido aos processos de globalização (Friedman, 2000; Giddens, 2000). Com isto, os adolescentes de hoje amadurecem num contexto significativamente mais multicultural e diverso do que as gerações que os precederam. Como consequência, o desenvolvimento de identidades na adolescência se tornou mais complexo e multifacetado (Greenfield, 2006; Jensen, 2011).

De acordo com Jensen (2011), o processo de constituição de uma identidade no mundo globalizado envolve que se esteja tanto em negociação com seu contexto cultural de origem, quanto com uma exposição constante à rede simbólica transmitida pela mídia e economia global. Isto pode ser observado pela forma como o repertório de recursos simbólicos à disposição de jovens é em teoria maior pela sua facilidade de acesso a outros contextos ou contato com pessoas com *backgrounds* diferentes. No entanto, tais mudanças no desenvolvimento na adolescência não podem ser entendidas como universais, tal qual o próprio advento de uma sociedade globalizada não é. Tendo isto em vista certos fenômenos como a aculturação dissonante (Portes, 1997), no qual membros mais jovens imigrantes tendem a assimilar e se identificar mais rapidamente com a cultura local/hegemônica do que seus pais e eventualmente se desconectam da própria comunidade étnica, são especialmente mais comuns entre adolescentes, sendo entendidos como repercussões sociais do desenvolvimento tecnológico de mídias digitais e da economia global (Greenfield, 2006).

Redes sociais, comunidades virtuais e seu estudo

Devido à natureza da comunidade estudada nesta pesquisa etnográfica, uma comunidade virtual, é necessário que o conceito de rede social utilizado seja apresentado, assim como suas repercussões para o estudo do desenvolvimento de identidades e práticas sexuais não-normativas. O advento das mídias digitais é entendido por estudiosos de diferentes áreas de pesquisa como o estabelecimento e propagação de novas formas de comunicação e sociabilidade (Zhao, 2006; Brickell, 2012). Para tais acadêmicos, isto implicaria em mudanças significativas nos modos em que construímos uma cultura compartilhada, formamos nossas identidades e interagimos uns com os outros (Livingstone & Sefton-Green, 2016). A sexualidade, um dos temas centrais de discussão dos membros da comunidade A2, está dentre os vários aspectos de nossa cultura que passam por um constante

processo de mudança em seu entendimento e performance ao serem cada vez mais modelados por interações digitalmente mediadas.

A internet tem se tornado um mediador cada vez mais importante nas relações sexuais em nossa sociedade, se configurando não só como um veículo de comunicação, mas também um espaço de performance e exercício de poder (Brickell, 2012). A sexualidade se manifesta de diferentes formas na internet, desde sites pornográficos, plataformas para encontros, ou fóruns de ativismo de minorias sexuais. Um aspecto recorrente nos estudos sobre sexualidade e interações digitalmente mediadas é o de uma suposta ampliação no repertório de possíveis performances sexuais em função do anonimato que certos contextos digitais possibilitam aos seus usuários (Ross, 2005). Não obstante, para que possamos entender estas novas formas de performance e comunicação, é preciso compreender as articulações de poder nesses espaços digitais e de que forma elas estão refletidas em sua própria arquitetura (Ross, 2005; Brickell, 2012).

O aspecto de negociação de impressões de si como aspecto constitutivo do que implica construir uma noção de si é descrito por autoras como Brickell (2012) como útil para o entendimento do comportamento de sujeitos em interações digitalmente mediadas. Enquanto as normas e os modos para interação por meios digitais são diferentes daqueles em contextos offline, os processos de performance de si se manteriam semelhantes (Robinson, 2016). Por exemplo, através da manipulação de fotos, tipos de postagens e modos de discursos em chats, sujeitos estão em ação de gerenciamento de impressões de si baseadas em condutas socialmente informadas, e transmitindo significados de forma intencional e não-intencional, mesmo com a exclusão do aspecto face-a-face de interações sociais offline (Brickell, 2012).

Uma análise do comportamento de indivíduos em interações mediadas através de veículos digitais exige primeiro que consideremos o que é entendido como ambiente privado. De acordo com Thompson, “ambientes privados são territórios do self, que incluem ambientes do self e informações sobre o self, em que o sujeito busca exercer controle e restringir o acesso de outros indivíduos” (Livingstone & Sefton-Green, 2016 at al, 2016.. Assim, não é necessário que um ambiente seja inacessível a outros sujeitos para que se configure como privado. Isto implica na possibilidade que interações nos interstícios entre ambientes públicos

e privados habilitariam que sujeitos explorem performances de si que escapam de mecanismos de controle institucional que influenciam no seu contexto imediato e ditam condutas socialmente aceitas (Livingstone & Sefton-Green, 2016). Estudos como os de Harper (2015) sobre o desenvolvimento da identidade sexual de adolescentes gays e bissexuais e o papel da internet neste processo possuem a interpretação de resultados que seguem por vias semelhantes às que proponho nesta dissertação.

Em sua pesquisa, Harper (2015) investiga o papel exercido pela internet como um elemento facilitador para o desenvolvimento identitário de adolescentes gays e bissexuais do gênero masculino. Os dados das entrevistas qualitativas realizadas com 63 adolescentes gays/bissexuais indicaram diferentes funções exercidas por veículos de mídia digital no processo de vir a se entender e identificar-se enquanto gay ou bissexual. Dentre eles temos: (1) aumento na percepção de sua orientação sexual, (2) aprender sobre a vida dentro da comunidade gay/bissexual, (3) comunicação com outras pessoas gays/bissexuais, (4) encontrar outras pessoas gays/bissexuais, (5) encontrar conforto e aceitação quanto a sua orientação sexual, e (6) facilitar o processo de “sair do armário” (Harper, 2015). Os entrevistados relataram o uso de diferentes recursos de interação digital, como sites de relacionamento, redes sociais e aplicativos de relacionamento e ditam condutas socialmente aceitas (Livingstone & Sefton-Green, 2016).

Hilier e Harrison (2007) sugerem que o aspecto performativo de si em contextos digitais é exercido como se estivesse num espaço de “realidade expansiva”, em que as possibilidades de se distanciar de componentes de seu aspecto físico e de condutas sociais do seu contexto cultural imediato permitem que sujeitos não só performem temporariamente uma versão idealizada de si, ou que possam “testar” diferentes identidades num contexto de aparente menor risco devido ao fato de poder permanecer anônimo. Retornando ao exemplo de Harper (2015), a internet pode funcionar como uma ferramenta para que adolescentes gays/bissexuais adentrem contextos em que podem experimentar diferentes performances de identidades sexuais como maior grau de aceitação por parte dos sujeitos com quem interagem, construam ou adentrem espaços de maior privacidade para realização dessas performances e interações, além de possibilidades para refinamento destas formas de expressão até elas sejam entendidas como “corretas” para os próprios sujeitos.

Neste contexto, é necessário que também tornemos explícito o conceito de rede social utilizado nesta pesquisa. Em sua obra, Boyd (2010) elabora como sites e aplicativos de redes sociais se tornaram uma das formas mais populares de plataformas para interações digitalmente mediadas. Suas funções vão desde a socialização com amigos, compartilhamento de informações e pensamentos sobre interesses comuns à auto-divulgação. Para dar sentido a estes espaços, Boyd (2010) descreve estas redes sociais como um tipo de “rede de públicos”. A definição para “público” neste conceito seria de um “coletivo de pessoas que compartilham um entendimento do mundo, identidade partilhada, reivindicação de inclusividade, ou consenso sobre um interesse coletivo” (Living-stone, 2005; Boyd, 2010). Entretanto, há uma diferença entre redes de públicos e outros tipos de público no que concerne a sua estrutura. Isto se deve pela forma como tecnologias utilizadas para estruturar e garantir o funcionamento destas redes possuem formas próprias e pré-estabelecidas de ditar o fluxo de informação e formas de interação entre seus participantes (Boyd, 2010). Redes de públicos seriam não apenas coletivos de pessoas conectadas, mas também a forma como elas se estruturam como um espaço mediado por tecnologias digitais que operam e moldam performances e interações sociais (Boyd, 2010; Ito, 2008).

Seguindo adiante com a conceituação do que se define por “rede social”, Boyd (2010) traz três características que diferenciam redes sociais de outros ambientes digitais ou formas de comunicação digitalmente mediadas: (1) construção de um perfil público ou semi-público através de um sistema pré-estabelecido de criação, (2) articulação de uma lista de outros usuários com quem o dono do perfil possui uma conexão e (3) visualização e cruzamento das suas listas de conexão com aquelas feitas por outros usuários dentro do sistema (Boyd & Ellison, 2007; Boyd, 2010). Estas três características podem ser executadas de diferentes formas, além de estarem a serviço de diferentes plataformas ou funcionalidades para comunicação ou compartilhamento de informações. No entanto, dois aspectos se mantêm comuns para redes sociais que se estabeleçam como diferentes de outros tipos de público. O primeiro seria como tais ferramentas para criação de perfil, comunicação com outros usuários e compartilhamento de informações permitem a conexão em massa de indivíduos e coletivos de sujeitos que formam uma rede de públicos (Boyd, 2010). O segundo seria como redes sociais são estruturadas através de tecnologias que estabelecem em si um espaço para interação, com uma arquitetura própria que molda tais redes e suas conexões (Boyd, 2010).

Brickell (2012) argumenta que enquanto a arquitetura de plataformas é apresentada de forma neutra, as formas como o alcance e os tipos de ferramenta que ela oferece para usuários se comunicarem, suas regras de uso e os tipos de registros de informações passadas acabam por ser influenciados ou por expor projetos políticos ou inclinações ideológicas específicas de seus criadores. Tal variação na forma como informações são registradas e expostas nas redes sociais também implica em diferentes riscos e custos para os usuários quando decidem delas participar.

A utilidade desta definição do conceito de rede social apresentado por Boyd (2010) para uma análise de interações digitalmente mediadas através da perspectiva da interação simbólica não está apenas em sua explicação funcional do que se define como um dos tipos mais comuns de plataforma para interação em ambientes digitais. Tal definição (Boyd 2010) também explicita dois aspectos fundamentais para a interpretação de interações mediadas em ambientes digitais: Elas são moldadas e restritas pelas características estruturais desses ambientes em termos de possibilidades pré-estabelecidas de interação, como também pelos custos e limitações inerentes a tais plataformas (Boyd, 2010; Brickell, 2012). Uma análise de interações em mídias digitais que não leve em conta a interface em termos estruturais nas quais ela está ocorrendo pode levar a uma leitura incompleta ou superficial das interações sociais descritas. Isto pode se dar ao desconsiderar que opções pré-estabelecidas são possíveis para que sujeitos se expressem, que tipo de conduta é permitida e esperada naqueles espaços, qual é o nível do controle que o sujeito possui sobre as informações compartilhadas, riscos inerentes ao uso de determinada rede ou que tipo de discurso está melhor adaptado para cada plataforma (Karim, 2014; Van Doorn, 2011).

Tomemos como exemplo a pesquisa de Wignall (2017) sobre a utilização do Twitter, rede social de micro-blogging, com homens gays e bissexuais que se identificam como “pups²”, e as formas como sua subcultura se adaptou ao uso desta rede social. Através de dados obtidos pela realização de entrevistas semi-estruturadas, Wignall (2017) examina os usos que o Twitter tem para os sujeitos desta comunidade e os motivos para sua preferência em relação a outras redes sociais. 24 dos 26 homens entrevistados afirmam que o Twitter é sua rede social favorita devido a aspectos próprios da interface. Os motivos para preferência seriam: (1)

² Subcultura de fetiche, comumente sexual, onde indivíduos imitam posturas de cachorro e utilizam coleiras como forma de relaxamento ou outras formas de brincadeira

possibilidades de conversas síncronas ou assíncronas com diferentes níveis de privacidade, seja por postagens ou mensagens diretas, (2) flexibilidade nos níveis de privacidade ao poder possuir perfis públicos ou semipúblicos, (3) ser uma rede em que o uso de pseudônimos e imagens que não o próprio rosto são notoriamente aceitas, (4) uma ferramenta de busca que facilita encontrar outros membros da comunidade ou suas publicações, (5) a facilidade de alternar entre diferentes perfis num mesmo aplicativo de celular, (6) permissão para postagens de material pornográfico, (7) a presença já estabelecida de membros da subcultura na rede social. (Wignall, 2017)

No relato dos entrevistados, a preferência pelo Twitter em relação a outras redes sociais está ligada a aspectos que informam sobre aspectos da própria performance identitária dos pups. Dentre os motivos listados pelos entrevistados, está a possibilidade de manejo de privacidade do Twitter em relação a outras redes sociais ou aplicativos de relacionamento. Em especial, a possibilidade de se trocar perfis com facilidade implica para seus usuários não só numa forma fácil, como representativa, de manejar diferentes identidades sociais no seu convívio social ao poder alternar facilmente entre sua conta “pública” e sua conta “pup”, separando e curando os conteúdos de cada uma das páginas e dos usuários com quem está conectado (Wignall, 2017; Van Doorn, 2011). Além disso, outras formas ligadas a estabelecer privacidade seriam um maior controle em relação a outras redes sociais em limitar o acesso de outros usuários a sua própria conta, e a ausência de constrangimentos sociais por não se utilizar o próprio rosto e nome no perfil, além de não se tratar de um aplicativo que crie constrangimentos por ser visto usando ou instalado no celular. Por fim, as escolhas de plataformas viáveis para o material compartilhado pela cultura pup de conteúdo pornográfico necessitam que se trate de uma rede em que a divulgação deste tipo de conteúdo não seja inadequado. Com isto, se percebe tanto como as possibilidades estruturais da própria plataforma informam o tipo de conduta viável dentro delas, quanto também possibilitam entender tipos de dinâmicas ou preferências de determinados grupos a ambientes digitais específicos.

Ambientes digitais promovem formas particulares de produção e reprodução de si que são relativamente novas e necessitam de ferramentas conceituais próprias para seu entendimento (Brickell, 2012). Enquanto estudos sobre sexualidade apontam possibilidades de performance e identificação com sexualidades que até então estavam em posições

subalternas ou de severa repressão, é preciso se investigar por quais caminhos a emergência destas identidades se constrói. Características próprias do fluxo de informações e possibilidades de performance implicam tanto em formas não antes vistas, como também na adaptação de recursos simbólicos e condutas diante de aspectos sócio-culturais, como aqueles que moldam e informam o que é socialmente aceito. Entretanto, o cerne das interações sociais e de nossas condutas ainda está relacionado a princípios e motivações semelhantes àqueles estudados na interação face-a-face (Robinson, 2016). Nós construímos nossas subjetividades enquanto navegamos pelos discursos e espaços aos quais temos acesso. Assim, faz-se necessário o estudo não só de tais interações, mas também das dinâmicas e estruturas relacionadas a tal acesso (Brickell, 2012)

MÉTODO

O método escolhido para este projeto de pesquisa foi um estudo exploratório que utiliza entrevistas narrativas e o uso de técnicas etnográficas, tendo como campo escolhido o Fórum Comunidade A2. A decisão de se fazer uso de uma base etnográfica foi realizada em vista de como a produção científica acerca da assexualidade ainda é escassa e lacunar. Trata-se de um fenômeno social ainda pouco explorado e de extrema relevância para um grupo minoritário e que historicamente luta pela sua legitimação diante de uma série de estereótipos patologizantes e discriminatórios (Brigeiro, 2013; Carrigan, 2015; Colborne, 2018). Diante disto, o uso de métodos qualitativos que busquem descrever fenômenos sociais de modo holístico e processual, em que os sujeitos estudados são participantes ativos da produção de saber sobre si, se mostra mais coerente com os princípios de pesquisa da psicologia cultural e do atual estado-da-arte nos estudos da assexualidade.

Etnografia

A definição e os princípios metodológicos que compõem o conceito de “etnografia” passaram por diversas atualizações e bifurcações epistemológicas desde o século XIX (Mattos, 2011; Neiva, 2019). Ela pode ser entendida como um método de pesquisa em que o

estudo de um determinado grupo humano é realizado como uma negociação em andamento, em que o pesquisador imerge no campo de pesquisa e assume o papel de um observador participante no dia-a-dia da comunidade investigada (Clifford, 1998). Como dito antes, a descrição etnográfica busca a apreensão de fenômenos sociais de modo processual e em sua profundidade num determinado momento e lugar da história. Para isto, é necessário que o pesquisador realize um esforço constante de abrir mão de suas concepções pré-estabelecidas e busque compreender a experiência de outras pessoas através dos significados que elas atribuem aos próprios comportamentos, relações interpessoais, crenças, instituições e produções materiais que compõem sua vivência (Angrosino, 2009).

Um dos principais aspectos que caracterizam a pesquisa etnográfica é a atuação em campo do pesquisador como um observador participante. Os atos de observação e registro são realizados no próprio campo em que os atores sociais estudados experienciam sua vida cotidiana, e no momento em que ocorrem (Angrosino, 2009; Mattos, 2011). Assim, o etnógrafo assume um papel de intérprete do fenômeno ou grupo social de seu interesse enquanto suas características emergem “naturalmente” na realidade da qual fazem parte, e enquanto seus agentes sociais também estão experienciando, agindo e construindo seus significados (Peirano, 2008; Breakwell, 2010). Para além do próprio ato de assistir a eventos do dia a dia de um determinado grupo e buscar entendê-los, aspectos subjetivos da inserção do pesquisador no campo em que está imerso também fazem parte do material de pesquisa etnográfica. Os tensionamentos, articulações e ambiguidades presentes nas interações do observador com os sujeitos e ambiente estudados também compõem e revelam o sistema complexo de relações que um estudo etnográfico se propõe a entender (Santo Gonçalves, 2014).

O produto final de uma etnografia é a sistematização em formato de texto do diálogo entre construções interpretativas do pesquisador e das pessoas estudadas, e registros associados a esta elaboração interpretativa (Angrosino, 2009; Clifford, 1998; Santos Gonçalves, 2014). Em outras palavras, o produto deste método de investigação não se resume a um material descritivo sobre os acontecimentos e experiências observadas em campo, mas sim de um trabalho de interpretação de uma determinada realidade social. Peirano (2008) ressalta a importância de entender estudos etnográficos como tendo a potencialidade de pôr em xeque universalidades, generalizações e representações sociais sobre uma determinada cultura ou grupo social.

Aspectos inerentes à produção etnográfica a afastam de uma tradição quantitativa de pesquisa e tornam necessário que sua validade seja entendida por critérios qualitativos de análise diante de dados recolhidos de modo indutivo (Mattos, 2011). Um exemplo claro disso seria a forma como o critério de reprodutibilidade não é coerente para avaliar a validade de um estudo etnográfico, ao ponto de que se trata de um estudo interpretativo acerca de eventos e relações compostas por um arranjo específico de atores e contingências sociais num determinado momento da história de uma comunidade (Breakwell, 2010). Diferentes ferramentas de coleta de dados estão à disposição do pesquisador ao realizar um estudo como etnográfico: entrevistas, análise documental, observação participante e registros audiovisuais, por exemplo. Do mesmo modo, os dados podem ser analisados através de múltiplas técnicas, como análise de conteúdo, discurso ou narrativa (Breakwell, 2010; Clifford, 1998).

Devido à natureza do campo de pesquisa escolhido, é preciso contextualizar este projeto diante de algumas questões metodológicas próprias da produção etnográfica em ambientes virtuais. Para isso, é preciso traçar um breve panorama dessas discussões ao longo da história.

Com o desenvolvimento tecnológico das mídias digitais e a popularização de computadores pessoais na década de 1990, a internet começa a ser utilizada tanto como veículo para condução de pesquisa através de ferramentas como questionários e entrevistas online, quanto como um campo de pesquisa etnográfico próprio (Hine, 2000; Polianov, 2013; Kozinets, 2014). Neste período, Hine (2000) defende o conceito de “etnografia virtual” para se referir a uma metodologia própria para estes estudos realizados em ambientes virtuais. Este conceito possui como base uma perspectiva acerca da internet que a descreve de dois modos complementares. Primeiro, como lugar onde a cultura se constitui e reconstitui. Segundo, como artefato cultural, uma tecnologia produzida por humanos com uma função e prioridades dependentes de seu contexto. Para Hine (2000), os desafios em elaborar uma etnografia em ambientes virtuais estariam em como essas perspectivas para internet se articulariam no delineamento metodológico de cada pesquisa e que consequências teriam para sua análise. Para a antropóloga, métodos etnográficos tradicionais precisam de uma delimitação de um contexto social específico, enquanto os meios de comunicação digital parecem desagregar esta noção de limites. Não só seria preciso fazer ajustes que garantam a autenticidade das interações virtuais, como também posicionar sob qual perspectiva o pesquisador estaria

falando de internet. Estaríamos falando de um estudo da internet como cultura ou como uma ferramenta?

Posteriormente, esta concepção de etnografia virtual passou por alterações, inclusive propostas pela própria Hine (2015). Tais mudanças seriam resultados de como na década seguinte, com a publicação da obra de Hine, *Virtual Ethnography* (2000), a noção da internet como um artefato cultural começou a fazer cada vez menos sentido. A popularização de aplicativos e comunidades virtuais utilizadas por pessoas, que podem ou não se conhecer pessoalmente, começou a tornar a divisão entre real/virtual cada vez menos perceptível (ou útil) ao ponto em que a internet se torna um elemento e espaço cotidiano de interações sociais e produção cultural na contemporaneidade (Hine, 2015; Kozynets, 2014). Assim, estabelecer um conceito de etnografia fundamentalmente diferente do tradicional começa a ser visto como desnecessário ao ponto que se trata apenas de outro ambiente ao qual o pesquisador pode investigar.

Em paralelo a Hine, Kozynet (2014) propõe adaptações ao método etnográfico de coleta de dados para uso em contextos virtuais. Tais mudanças seriam primeiro ligadas ao tempo gasto em anotações de um diário de campo, em vista da facilidade de compor um registro escrito das interações entre participantes de uma comunidade virtual, pelo qual é comum que tais interações se deem por via de mensagens de texto que continuam expostas e acessíveis por períodos indeterminados de tempo. Neste mesmo sentido, novas formas de análises documentais são possíveis através de ferramentas de busca e indexação utilizadas nessas comunidades para catalogar discussões e eventos passados. Em segundo lugar, temos a facilidade em que a pesquisa etnográfica pode se tornar consideravelmente mais barata sem a necessidade de custos ligados a viagem ou moradia no campo de pesquisa, assim, alterando o que é visto como uma possibilidade de comunidade a ser estudada, pois se tem, em teoria, acesso a sujeitos de todo o mundo. Em terceiro e último lugar temos diretrizes éticas para abordagem e inserção em ambientes virtuais enquanto pesquisador. Kozynet (2014) reforça neste sentido a necessidade de se apresentar enquanto um pesquisador visitando uma determinada comunidade e obter consentimento para a realização do estudo, apesar de muitas vezes se tratarem de espaços abertos para visitação (apesar de compostos por participantes muitas vezes an nimos) ou que o hábito de *lurking* (acompanhar conversas online sem tornar sua presença notada) sejam comuns.

Feito este panorama, afirmo que este projeto é pensado de acordo com o que é proposto por Hine em 2015. Não é o propósito do meu trabalho estudar a internet enquanto fenômeno ou artefato cultural, mas sim como um ambiente no qual a comunidade que desejo estudar se reúne e se constitui num sítio específico criado para que pessoas que partilham uma experiência em comum se reúnam. Do mesmo modo, as recomendações feitas por Kozynet (2014) para adaptação dos métodos de coleta de dados serão seguidas.

Desenho Metodológico

A primeira etapa da pesquisa trata da imersão no campo de pesquisa, o fórum A2. Fundado em 2009, o A2 foi o primeiro espaço na internet brasileira sobre o tema da assexualidade, tendo começado como uma extensão do site “Refúgio Assexual - assexualidade.com.br” para que os frequentadores do site tivessem um lugar para dialogarem e partilharem suas experiências (Neiva, 2019). Esta comunidade em especial foi escolhida por três fatores distintos. O primeiro deles está associado a como o Fórum A2 foi pensado aos moldes da AVEN (Asexual Visibility and Education Network), operando como uma rede de visibilidade do movimento assexual, assim como uma rede de suporte para seus membros. O fórum possui seções próprias para discussões diárias sobre diferentes tópicos, depoimentos anônimos, entrevistas, divulgação de materiais produzidos sobre assexualidade, além de um cronograma de eventos e encontros presenciais por todo o país. O segundo fator é o número significativo de membros participantes (5285 até o momento da elaboração deste projeto) de diferentes estados do Brasil, em sua maioria na faixa-etária entre 18 a 40 anos. Há um aviso explícito no site que é preciso ter ao menos 16 anos para participar do A2. O terceiro fator é a conveniência e a relevância de se tratar de um grupo nacional, possibilitando uma maior aproximação e facilidade de diálogo com os membros da comunidade, como também sendo possível focar-se no fenômeno construção da identidade de sujeitos assexuais no Brasil.

O processo de inserção no campo de pesquisa foi planejado da seguinte forma: Primeiro fiz meu cadastro no fórum, criando um perfil no qual é declarado de antemão meu papel como pesquisador e psicólogo para evitar possíveis equívocos quanto a meu objetivo enquanto participante. Outras preocupações ligadas a tornar mais clara a posição nesta comunidade seriam as de que em meu perfil constarão meu nome completo e foto (o que não

é a norma no site), links para outras redes sociais em que se pode atestar minha identidade, além de declarar na sessão do perfil de “orientação sexual” que sou um sujeito heterossexual. Feito isso, entrarei em contato com os administradores do fórum para pedir permissão para que possa realizar a pesquisa, seguido de um aviso público na sessão de “Apresente-se” do site da minha presença, a natureza do meu projeto de pesquisa e que objetivos possuo naquele espaço. Passado este processo, foi possível iniciar a coleta de dados.

As técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa são a observação participante, a entrevista narrativa e análise documental. Em princípio, a observação se dará no contexto do fórum da comunidade A2, tendo como aberta a possibilidade de ida a eventos presenciais que tenham acontecido³ durante a realização da pesquisa. Reiterando particularidades da técnica de observação participativa que norteia este estudo etnográfico, o pesquisador realiza o ato de observação enquanto um participante ativo daquela comunidade (Angrosino, 2009). É preciso não só estar numa posição constante de convivência com os membros do grupo social, como também de um agente produtor de sentidos e interpretações sobre sua experiência (Nastasi & Schensul, 2005). Neste sentido, minha posição no fórum não será apenas de um “leitor” das discussões que lá ocorrem, como também de “escritor”. Para registro dos dados colhidos através da observação e sua futura sistematização, tenho feito uso de um diário de campo para anotar detalhes nos acontecimentos e experiências observados, além de referências contextuais e inferências traçadas durante o ato de registro. Quanto à forma de estabelecer uma rotina de observação etnográfica em contexto virtual, a descrição feita por Pelúcio (2015) em sua pesquisa etnográfica serve de exemplo a ser seguido, tendo ressalvas ao que a interface de diferentes sites torna possível de se executar.

Todos os dias entrar no site. Cadastrar-se em outros sites a fim de fazer análises comparativas e escolhas mais rendosas para a investigação proposta. Conectar-me em horários diversos para verificar se há diferença nos acessos conforme a hora do dia. Checar mensagens enviadas pelo sistema dos sites. Copiar, colar, sistematizar mensagens organizando os perfis. Levantar os perfis de quem me “viu” naquele dia. Contabilizar piscadelas e pedidos. Verificar emails, respondê-los também. Organizar a correspondência em pastas nomeadas e manter o conteúdo das conversas organizado cronologicamente. Em azul o que eles me escrevem, em vermelho o que enviei como resposta. (PELÚCIO, 2015, p. 32).

³ A possibilidade de participação desses eventos foi descartada devido o cenário de pandemia no qual essa pesquisa foi realizada.

No que concerne às entrevistas narrativas, se optou por este tipo de entrevista pelo seu potencial de aprofundamento em aspectos subjetivos da história dos sujeitos entrevistados que facilitam a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivam e justificam as ações dos informantes (Muylaert & Sarubbi Jr & Gallo & Neto, 2014). Não se propõe o estabelecimento de um roteiro dirigido de inquirido, mas sim proposições que suscitem um relato narrativo e questões posteriores acerca da temática. As proposições seriam de início relacionadas aos tópicos:

Tema	Detalhamento, possíveis questões
Como se deu a trajetória de vida do informante até identificar-se como assexual.	<ul style="list-style-type: none"> - Como você descobriu o termo “assexual”? - Como você se sentia acerca de sua sexualidade antes de identificar-se como assexual? - O que alterou na sua relação com outras pessoas após passar a identificar-se enquanto assexual? - Você pode elencar aspectos que foram facilitadores ou limitantes neste processo para identificar-se enquanto assexual?
Significados construídos acerca da assexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> - Como você define assexualidade? - Como você chegou a essa definição de assexualidade? - O seu entendimento de assexualidade se diferencia de outros membros da comunidade? - Como você entende o entendimento que a sociedade possui sobre assexualidade?
Que papel possui a assexualidade em sua vida.	<ul style="list-style-type: none"> - O que mudou no seu contexto de vida após se entender como assexual? - As pessoas com as quais você tem convívio direto sabem que você é assexual? - O quão importante para você é se identificar como assexual?
Que papel possui o fórum A2 em sua história de vida.	<ul style="list-style-type: none"> - Como e quando você encontrou o fórum A2? - Que papel ele possui no seu processo de identificação enquanto assexual?

	- Que papel o fórum A2 possui para você atualmente?
--	---

Elas foram realizadas individualmente com cinco adolescentes e jovens adultos participantes do fórum A2, na faixa de idade de 16 a 24 anos. O recurso preferencial para realização dessas entrevistas foi que fossem feitas possuindo algum recurso audiovisual para maior garantia de que o sujeito entrevistado fizesse parte do perfil pesquisado. No entanto, também foram realizadas entrevistas via mensagens de texto devido ao entendimento de que se trata de um tema potencialmente delicado para as pessoas entrevistadas, que podem desejar manter um nível maior de anonimato por receio de serem discriminadas ou “tiradas do armário” (Neiva, 2019). Como técnica complementar para coleta de dados, foi utilizado o método da Amostragem Não-probabilística Bola de Neve (Ou Snowball Sampling), na qual os primeiros participantes a se voluntariar podem indicar novos possíveis voluntários, que por sua vez indicam novos participantes até que se forme uma rede de indicações que eventualmente chega a sua saturação (Vinuto, 2014). Para garantir a segurança dos entrevistados, foram utilizados nomes fictícios para referir-se a eles em todo o projeto de pesquisa.

Por último, a análise documental tratou da consulta e apreensão de postagens anteriores no Fórum A2. Uma vantagem de etnografias realizadas em campos virtuais é a facilidade em se resgatar documentos passados, especialmente diálogos entre seus participantes, pois a menos que eles sejam intencionalmente apagados ou tenha ocorrido uma reforma estrutural na comunidade, toda a produção textual anterior está salva e em algum nível já indexada (Kozynet, 2014). Com isso, é possível resgatar depoimentos, diálogos e acontecimentos pertinentes à história da A2, assim como processos desenvolvimentais e de construção de identidade, escritos pelos próprios participantes do fórum.

A segunda etapa foi a sistematização e análise dos dados coletados. Ela se deu através de duas técnicas diferentes. A primeira foi a análise de conteúdo dos dados coletados durante a observação participante e análise documental. Tal interpretação se deu através da ênfase na análise dos discursos e das estruturas narrativas, para assim sistematizar e categorizar aquilo

que se mostrar prenante na comparação entre os discursos acerca da construção da identidade assexual, o papel da A2 na vida dos adolescentes, recursos simbólicos utilizados e a influência na identificação como assexual no curso de vida (Keats, 2009).

O produto dessa análise servirá como um panorama para melhor compreender os relatos narrativos obtidos. Pelo uso da análise de narrativas, busca-se agrupar e comparar as narrativas dos entrevistados de modo a estabelecer uma possível trajetória coletiva dos processos transicionais de construção da identidade assexual na adolescência (Muylaert et al, 2014; Moutinho, 2016). Faz-se importante reafirmar a perspectiva desenvolvimental da psicologia cultural, em que o desenvolvimento humano é aberto e multilinear (Valsiner, 2016). Enquanto o curso de vida de cada sujeito é único e assim deve ser entendido, é possível traçar semelhanças no desenvolvimento de diferentes pessoas devido à multilinearidade destes percursos desenvolvimentais tornar aberta a possibilidade de que diferentes trajetórias de vida conduzam a momentos análogos (Zittoun et al, 2003). Ainda nesta linha de pensamento, ao serem agentes criadores de significado numa mesma rede de discursos, representações sociais e recursos simbólicos, não só é possível que suas vidas sejam marcadas por rupturas e transições semelhantes, como também que usem desses recursos simbólicos para compartilharem e darem sentido às suas experiências (Zittoun & Gillespie, 2013).

O que está sendo proposto é uma metodologia idiográfica de análise, em que se busca compreender generalidades dentro de casos particulares e únicos (Sato, Yasuda, Arakawa, Mizoguchi & Valsiner., 2007). Feito este trabalho comparativo entre as narrativas, a proposta seguinte para análise dos dados obtidos é interpretá-los pela lente da psicologia cultural no que tange a processos de transição e ruptura. O modelo de subjetividade de Zittoun (2012) é uma das principais ferramentas interpretativas em conjunto com os conceitos anteriormente apresentados de transição e ruptura desenvolvimentais. Este modelo se propõe analisar e representar subjetividades de indivíduos em pontos específicos do tempo. Subjetividade, neste contexto, é entendida como uma característica emergente dos tensionamentos e negociações do sujeito, sua experiência pessoal e diferentes elementos sociais e culturais. É a própria forma como o indivíduo dá sentido a sua experiência e encontra formas de lidar com estas forças de atração ou afastamento que compõem seu presente ambiente. Tal ambiente está em constante mudança e é formado por outras pessoas com quem o sujeito interage, artefatos culturais, representações sociais, discursos e fronteiras simbólicas (Zittoun, 2012; Madureira, 2011).

A última etapa deste projeto de pesquisa é compartilhar com os sujeitos estudados os resultados preliminares da pesquisa. Assim, busca-se pensar a validade e fidedignidade dos resultados também como o quanto os registros e construções interpretativas do pesquisador fazem sentido para as pessoas cuja experiência de vida está se tentando compreender, para além de um escrutínio acadêmico.

Em termos de Riscos e Benefícios para esta pesquisa, primeiro consideram-se dois riscos apresentados por esta pesquisa. O primeiro é o possível desconforto e/ou constrangimento do/a entrevistado/a frente a alguma pergunta que não queira responder. Entretanto, caso ocorra constrangimento diante de qualquer pergunta, o/a participante tem o direito de não responder. Além disso, foi oferecida assistência gratuita ao indivíduo entrevistado e a possibilidade de o processo de entrevista ser interrompido imediatamente. O segundo risco envolve o constrangimento ou exposição dos entrevistados que necessitam do consentimento dos pais para participar do estudo, o que pode levar à exposição ou discriminação por parte dos seus guardiões, pois requer que os possíveis voluntários assumam sua orientação sexual. Entretanto, a decisão de participar da pesquisa é voluntária, assim como cabe aos possíveis entrevistados decidir buscar o consentimento dos pais, que é necessário para que eles participem do projeto. Como benefício, compreendemos que um melhor entendimento e divulgação de pesquisas sobre assexualidade que foquem no discurso do sujeito sobre sua experiência enquanto assexual pode ser útil para o combate a preconceitos e patologização da orientação sexual dos sujeitos estudados. Neste mesmo sentido, falar sobre esses momentos difíceis pode propiciar uma reflexão acerca do ocorrido, o compartilhar de sentimentos, pensamentos e percepções muitas vezes silenciadas e repercutir positivamente em suas vidas.

Produção Etnográfica

Apresentação do Campo

A imersão dentro do campo de pesquisa foi iniciada em 2020. O primeiro passo deste processo consistiu na criação do meu perfil dentro do Fórum A2. Enquanto o conteúdo do

fórum é acessível sem o uso de um perfil, ele se faz necessário caso qualquer visitante do site decida participar diretamente da comunidade através de postagens ou envio de mensagens particulares para outros usuários cadastrados. O ato de transitar do papel de visitante, ou leitor, do site para o de membro é realizado de forma automatizada em duas etapas. A primeira etapa é declarar-se ciente das condições de uso do fórum A2 e suas regras de convivência. A segunda é a criação do seu perfil. Os termos de utilização do Fórum são os seguintes:

Condições de utilização do fórum:

Os moderadores se esforçam para excluir ou editar todas as mensagens de caráter repreensível o mais rápido possível. Todavia, é impossível revistar todas as mensagens. Neste sentido, você admite que todas as mensagens postadas neste fórum exprimem o ponto de vista e a opinião dos seus respectivos autores, e não aqueles dos moderadores e administradores (exceto as mensagens enviadas por estes últimos), como consequência eles não podem ser responsáveis por seus discursos.

Este fórum utiliza cookies para guardar informações no seu computador. Estes cookies não contêm nenhuma informação pessoal, eles servem apenas para melhorar o conforto da utilização. O endereço eletrônico, e-mail, é utilizado unicamente com a finalidade de comunicar os detalhes da sua inscrição assim como a sua senha (e também para enviar uma senha em caso de esquecimento).

- São proibidas as mensagens agressivas ou difamatórias, insultos ou críticas pessoais, grosserias e vulgaridades, e mais globalmente todas mensagens falsas relativas às leis internacionais em vigor;
- São proibidas as mensagens que incitem ou estimulem práticas ilegais;
- Se você divulgar mensagens provenientes de outros sites da internet, verifique antes se o site em questão lhe dá este direito. Mencione o endereço do site em questão respeitando o trabalho dos seus administradores.
- Não poste mensagens idênticas. As repetições são desagradáveis e inúteis.
- Ficaremos agradecidos pelos esforços feitos ao nível gramatical e ortográfico. O estilo de escrita SMS é desaconselhado.
- Não divulgue seus dados pessoais, como nome completo e número de telefone em mensagens públicas. Em caso de arrependimento, os administradores e moderadores não irão apagar estes dados.
- Para ser membro do fórum Comunidade Assexual você precisa ter 16 (dezesseis) anos de idade ou mais.

Toda a mensagem que se opõe às disposições citadas acima será editada ou excluída sem aviso prévio nem qualquer outra justificação, num prazo que dependerá da disponibilidade dos moderadores. Qualquer abuso pode implicar na quebra do contrato e expulsão do membro. A web não é um espaço anônimo, nem um lugar sem leis. Nós nos reservamos a possibilidade de informar ao seu provedor de acesso à internet e/ou às autoridades judiciárias de todo comportamento mal visto. O endereço IP de cada participante à registrado a fim de ajudar no respeito à estas condições.

Fonte: Internet - Fórum A2

As informações requisitadas para a criação de um perfil são: Um nome para seu usuário, seu endereço de e-mail, sua data de nascimento, sua localização e “como você se define”. Não há nenhuma regra dentro do acordo firmado entre os usuários da comunidade e o corpo de administradores que torne necessário o uso de seu nome verdadeiro ou forma direta de identificação dos membros da rede. Esta característica da comunidade é um indicativo inicial das possibilidades de apresentação de si dentro do fórum que será discutido com maiores detalhes posteriormente nesta pesquisa. Para meu perfil, optei pelo uso do meu nome

verdadeiro e a sessão “como você se define”, normalmente utilizada para descrever sua orientação sexual ou subcategoria dentro do espectro assexual, foi preenchida de modo que meu papel na comunidade e meu local de fala ficassem claros para todos os usuários: “Pesquisador (Allosexual)”. Após a criação de um perfil dentro do Fórum A2, mais possibilidades de customização de seu perfil se tornam acessíveis, como o complemento de novas informações pessoais, como seu gênero, links para perfis em outras redes sociais ou inserção de imagens de perfil ou assinaturas que estarão presentes no fim de todas as postagens do usuário. Como forma de explicitar minha presença enquanto pesquisador, fiz uso de uma foto pessoal em que meu rosto está visível.

Minha primeira interação dentro do fórum A2 ocorreu através de um tópico que criei na sessão de apresentações. Nesta postagem, me apresentei como um psicólogo que faz parte do programa de mestrado em psicologia da Universidade Federal da Bahia na área de psicologia do desenvolvimento e qual a natureza da minha pesquisa. Feita explícita minha motivação, eu utilizei o momento para perguntar aos membros da comunidade se sentiriam confortáveis com a realização do estudo etnográfico dentro daquele espaço virtual, ou se teriam algum questionamento relacionado ao assunto. Além disso, em minha postagem constavam links para meu currículo lattes e outras redes sociais, de forma que conferir a minha identidade e veracidade do meu papel de pesquisador seria mais fácil. As primeiras respostas recebidas foram de administradores do fórum, que relataram satisfação em meu interesse por uma pesquisa que promova um aumento no entendimento sobre assexualidade e para eu me sentir livre em utilizar o espaço da comunidade como forma de fomento de discussões e produção do meu trabalho.

Para discutirmos as vivências dentro do fórum A2, é necessário que isto se inicie como uma descrição de sua estrutura enquanto um espaço virtual. Como dito antes, é preciso que consideremos como a estrutura de redes sociais levam a formas próprias e pré-estabelecidas de ditar o fluxo de informação e interação de seus membros, ao ditar que verbos estão acessíveis aos seus usuários (Boyd, 2010).

Registrado ou não na comunidade A2, a primeira imagem vista por qualquer visitante é o banner no topo do site, escrito com as cores da bandeira assexual. “Comunidade assexual: Você não está sozinho.”, a frase presente no banner possui ambas as funções de indicar para

quem este espaço virtual é endereçado, como também é uma mensagem para tranquilizar aqueles que descobriram a A2 no meio do seu processo de descobrimento pessoal acerca de sua sexualidade. Apesar de a participação de sujeitos allosexuais (pessoas que experienciam atração sexual) ser bem-vinda, o propósito da comunidade A2 é prover um espaço para que assexuais que se sintam sozinhos possam compartilhar suas experiências, formar laços de intimidade e suporte e dialogarem sobre seus interesses em comum.



Fonte: Internet – Fórum A2

Coerente com tal propósito, as ferramentas visíveis aos novos visitantes são as funções de busca de postagens, cadastro no site e acesso a um glossário com definições de termos relevantes para a comunidade. Este glossário pode ser interpretado como um dos primeiros recursos simbólicos ofertados pela comunidade para o auxílio de que sujeitos assexuais aumentem seu repertório de ferramentas discursivas para descrever sua identidade sexual e experiência relacionada a aspectos de atração romântica e/ou sexual. A maior parte destes conceitos e rótulos identitários tem como origem a AVEN e são amplamente utilizados pelos usuários da comunidade A2. Dito isto, apresento a seguir uma lista de termos presentes neste glossário, que também serão relevantes para o entendimento deste estudo etnográfico:

Ace	Abreviação de "asexual" (asexual em inglês).
Arromântico	Sub-classificação do assexual que não experiencia atração ou ligação romântica com outras pessoas.
Atração estética	Sentimento de impulso em direção a outrem devido à aparência física da pessoa.
Atração romântica	Interesse afetivo com conotação de amor romântico.
Atração sexual	Desejo sexual voltado à prática da atividade sexual, em potencial ou não, com outrem (conceito não psicanalítico); necessidade de contato com outrem que proporcionaria prazer (conceito psicanalítico).
AVEN	Rede de Educação e Visibilidade Assexual (Asexual Visibility and Education Network), que se constitui como a maior e principal comunidade assexual existente.
Bandeira Assexual	As cores preta, cinza e branca representam a fluidez da sexualidade humana, sendo a cor preta a falta de desejo pela prática sexual, branco a presença do desejo, e cinza o estado intermediário. Roxo é a cor de identificação da assexualidade como comunidade.
Birromântico.	Pessoa que pode sentir atração romântica por pessoas do sexo masculino e feminino.
Bolo	Usado nas comunidades assexuais como símbolo de boas vindas ou agradecimento. Para o assexual, um bolo é preferível ao sexo.
Demirromantismo	Estado intermediário entre o romantismo e o arromantismo, em que a pessoa pode sentir atração romântica esporadicamente ou em raros momentos.
Gray-A	Assexual que sente, às vezes, atração sexual, estando na verdade entre a sexualidade e a assexualidade.
Demissexual	Pessoa que pode sentir atração sexual, desde

	que esteja em um relacionamento afetivo profundo com alguém.
Heterorromântico	Pessoa que pode sentir atração romântica por pessoas de sexo oposto.
Homorromântico	Pessoa que pode sentir atração romântica por pessoas de mesmo sexo.
Lithromântico	Pessoa que sente atração romântica por uma pessoa, porém cessa quando esta é correspondida.
Panrorromântico	Pessoa cuja atração romântica é direcionada à pessoas independentemente de sexo ou gênero.
Sexual	Em um contexto assexual é o oposto de assexual, englobando os heterossexuais, homossexuais, bissexuais e pansexuais, ou seja, aqueles que têm interesse na prática sexual com outra pessoa.
Sub-classificações	São conceitos criados pela AVEN para definir diferentes experiências vivenciadas por diferentes assexuais.

A página inicial da fórum comunidade A2 possui quatro outras seções além do banner e sua barra de tarefas. As seções são: (1) Sub-seções do fórum voltadas para temas específicos nos quais usuários podem publicar e responder postagens de outros usuários de forma síncrona ou assíncrona. (2) Uma barra lateral com acesso à loja da comunidade A2, links para as últimas postagens feitas no fórum, links para uma lista de tópicos selecionados pelos moderadores e um ranking dos membros mais ativos neste mês em relação ao número de postagens. (3) Uma seção com dados acerca de que usuários do fórum estão online, quantos visitantes não-registrados estão presentes no site, uma lista de que usuários estão fazendo aniversário naquele dia e quem são os usuários recém-registrados. (4) Por fim, há também uma caixa de chat pela qual os usuários podem se comunicar de forma síncrona.

A loja do fórum A2 utiliza o colab55, plataforma online para artistas independentes criarem suas lojas virtuais que oferece serviços de produção, embalagem, logística e envio dos produtos. O dinheiro ganho nas vendas é utilizado para manutenção da comunidade. Uma

série de diferentes produtos são vendidos, grande parte por sugestão de usuários do site, como camisas, chaveiros, meias ou posters com ilustrações relacionadas à assexualidade. Através dela, podemos detectar símbolos que a própria comunidade confere à ideia de assexualidade, assim como formas de estes símbolos poderem ser utilizados no dia-a-dia como forma de afirmar a identidade destes sujeitos. Dentre os itens mais vendidos nesta loja temos como exemplos: almofadas com pandas (animais conhecidos pelo baixo desejo sexual) e cores da bandeira assexual, bottoms com as cores da assexualidade e camisetas com a frase “tudo que você precisa é bolo”.



Fonte: Loja @assexualidade, Outubro de 2020.

A seleção de tópicos selecionados possui uma função semelhante à do glossário no site de ponto introdutório para termos e temáticas de discussão frequentes entre seus membros. Frequentemente, novos membros são recebidos com a indicação que deveriam checar estes tópicos que podem desfazer dúvidas frequentes acerca da assexualidade através das múltiplas perspectivas apresentadas nas discussões dos membros da comunidade. Exemplos possíveis de títulos de tópicos selecionados seriam: “assexuado ou assexual”, “definição de assexualidade?”, “eu sou assexual?”, ou “reação dos pais”. A maior parte destas postagens foram iniciadas por membros da comunidade e eventualmente escolhidas pelos administradores como relevantes o suficiente para serem destacadas ou focadas em assuntos de múltiplas postagens ao longo da existência do fórum.

Apesar de acessível, em nenhum momento durante meu período de participação no fórum observei a caixa de chat sendo utilizada por seus membros, ou uma instância que mais do que dois usuários estivessem conectados à sala. Para além do uso de mensagens privadas entre usuários, que se tornam acessíveis para aqueles com mais de três postagens no fórum, toda a comunicação dentro da comunidade é realizada através de postagens em tópicos criados nas sub-seções de discussão do fórum, de modo que a comunicação ocorre de forma assíncrona. A existência destas subseções em categorias específicas significa tanto um modo de organização sobre que assuntos são relevantes e adequados dentro da comunidade, como também um estímulo para que certas práticas sejam estimuladas. Por exemplo, a seção de depoimentos é o único espaço em que não é necessário ter cadastro para que visitantes do site postem seus relatos, permitindo que falem de forma anônima sobre suas vidas como assexuais. Outro exemplo seria o modo como uma área para que encontros e eventos presenciais sejam organizados, e que pessoas busquem amigáveis ou parceiros românticos, significa que comunicar sua localização ou buscar um relacionamento não são atos mal-vistos pela comunidade. Dito isto, estas são as seguintes subcategorias do fórum e seu número de postagens:

Data/hora atual: 18/10/2020, 22:35

Comunidade Assexual

Comunidade Assexual		Tópicos	Mensagens
	Apresente-se Acabou de se registrar no fórum? Apresente-se à comunidade e receba as boas-vindas! É uma boa forma de começar uma conversa e conhecer novas pessoas.	1986	18257
	Assexualidade Aqui é o local para tirar dúvidas sobre a assexualidade, compartilhar perguntas para obter respostas, trocar ideias sobre o tema e contribuir com a construção de conhecimento assexual.	926	11712
	Depoimentos Espaço livre para você que deseja contar para a comunidade como é a sua experiência de vida como assexual. Não é necessário cadastro para postar aqui. Usuários cadastrados podem postar anonimamente, bastando deslogar e acessar novamente este subfórum. Obs: Cadastre-se no Fórum para poder comentar sobre outros assuntos (nos subfóruns específicos)!	222	1824
	Encontros e eventos Confira a promoção e a organização de eventos sobre assexualidade. Você pode participar ou até mesmo organizar encontros da comunidade. Busca um relacionamento (amizade ou algo mais)? Então, participe deste subfórum!	597	4610
	Visibilidade assexual e chamadas para entrevistas Divulgação de pesquisas, matérias, reportagens, sites e outras formas e fontes de visibilidade assexual. E caso você queira a contribuição de assexuais para sua entrevista, reportagem ou pesquisa, crie um tópico aqui.	262	2534
	Enquetes Crie e responda enquetes sobre Assexualidade (e temas a ela relacionados).	47	1255
	Miscelânea Poste o que der na telha! Esse é um espaço para discussão sobre qualquer assunto que seja do seu interesse, como brincadeiras, filmes, músicas, notícias e compartilhamento de opiniões sobre assuntos diversos.	577	21815
	Sobre o fórum e o site Você tem alguma dúvida sobre essa comunidade? Tem ideias de projetos e mudanças que poderiam ser aplicados aqui ou no site? Entre e participe!	148	1904

Fonte: Fórum Comunidade Assexual A2, último acesso em 18 de Outubro de 2020.

Meu papel como um observador-participante consistiu principalmente em atuar como um leitor dos debates e relatos que eram diariamente postados pelos usuários da comunidade A2, ocasionalmente dialogando caso eu tivesse algum questionamento ou sentisse que minha introdução na conversa como um interlocutor apresentaria poucos riscos de se ser disruptiva. Mesmo sem estar ativamente participando das conversas que estavam ocorrendo no fórum, minha presença ainda poderia ser percebida por uma funcionalidade do site que informa da página de cada tópico quais usuários estão lendo aquelas postagens no momento. Isto, em conjunto com meu perfil tornar explícito meu papel como pesquisador, funcionava como uma medida para assegurar que usuários pudessem observar e questionar minha presença naquele espaço, caso achassem necessário. Entretanto, isto nunca ocorreu, sendo a maior parte dos membros vocalmente positiva acerca da produção da minha pesquisa e dos seus benefícios para o movimento deles em prol da visibilidade assexual.

O número de postagens diárias no site é inconstante, transitando entre dias em que apenas um tópico ou postagem era feito para outros em que um tópico de discussão poderia se

alongar por dezenas de postagens no mesmo dia caso chamasse a atenção de múltiplos membros. Usuários com quem conversei acerca do assunto relataram que a comunidade passa por fases sazonais em que o volume de postagens varia bastante, seja para mais ou menos. A criação de um grupo de whatsapp, aplicativo para conversas via telefone, com membros do fórum também trouxe consigo uma diminuição na participação ativa da comunidade, pois os usuários podem se comunicar pelo aplicativo de forma instantânea e prática, o que talvez também explique o desuso do chat dentro da própria A2. Um padrão percebido por mim e por eles é como a introdução de novos usuários tende a movimentar a comunidade mais uma vez. Seja pelo movimento constante na sessão de apresentações de novos membros ou pelo modo como discussões já realizadas no fórum são retomadas por estes membros. Este retorno a assuntos comuns de interesse dos membros da comunidade A2 se dava tanto com estes usuários postando suas impressões em tópicos de longa data, ou por estes usuários criando tópicos focados em temas ou experiências semelhantes a outros já existentes no site.

O trabalho etnográfico de observação e imersão no campo de pesquisa e o de análise documental muitas vezes se confundiram durante a minha investigação. Meu plano inicial era ler e analisar conteúdo das postagens dos últimos dois anos no site. Entretanto, alguns dos tópicos de discussão eram conversas que foram iniciadas antes deste período, muitas vezes por membros que nem mesmo faziam mais parte da comunidade, que perduram até o presente momento. Neste mesmo sentido, a existência de múltiplos debates, muitas vezes com os mesmos participantes, ao longo dos anos demonstra como existem assuntos que nunca foram inteiramente saturados pela comunidade. Assim, fez-se necessário que minha investigação explorasse registros de um período anterior ao que tinha sido inicialmente estipulado.

Se por um lado a natureza digital e assíncrona do fórum A2 me permitiu ter acesso a registros e relatos diretos de membros da comunidade ao longo do ano e o uso de uma ferramenta por busca de palavras chave dentro deste próprio relato, isto não significa dizer que o processo de análise documental não se mostrou mais desafiador do que o esperado. Apesar do conteúdo ser automaticamente indexado e acessível em grandes categorias de conteúdo, tal organização não foi pensada para facilitar uma análise sistemática ou histórica, como os autos de um processo jurídico em teoria são. Os documentos com os quais trabalhei eram os registros de múltiplas conversas, muitas vezes ainda abertas para debate entre os membros do grupo aqui descrito. Esta natureza orgânica dos registros os tornava caóticos em

certo nível, mas também significava um acesso não-filtrado às falas de seus interlocutores. Devido à natureza do fórum A2 como um espaço em que usuários possuem um alto nível de controle sobre exposição de informações pessoais como seus nomes, opto por manter a identidade dos interlocutores que citarei também ocultas.

Minha escolha acerca da estrutura com a qual apresentarei as observações que pude fazer através da minha imersão no campo de pesquisa foi inspirada na estrutura das sub-seções do próprio fórum. Devido ao escopo desta pesquisa, o foco do meu registro está em aspectos relacionados à construção de identidade de adolescentes e jovens adultos assexuais, suas história de vida e que papel a comunidade A2 pode vir a ter nas trajetórias desenvolvimentais destes sujeitos.

Apresentações - “Bem vindo ao clube do bolo!”

“Bem-vinda ao fórum! Entrar nesse processo de entender que você não está quebrado” é bem complicado quando o mundo parece girar de forma diferente (sem falar que às vezes dá um mega nó na cabeça também), mas é tão aliviante ver que existem pessoas que passam pelo mesmo e que você não está sozinho. E essa coisa de “não ser ace o suficiente é balela, viu? <3 Espero que se sinta confortável por aqui!” (Usuária da comunidade A2, 2020).

Com 1986 tópicos e 18257 postagens, a área de apresentações do fórum A2 é o local de maior movimento de todo o site. Esta seção é dedicada para que usuários recém-registrados se apresentem ao resto da comunidade e comecem a dialogar com outros usuários. A grande maioria das mensagens de apresentações dos usuários recém-chegados na comunidade A2 são acompanhadas de um relato sobre a experiência deles em relação a sua própria sexualidade. Angústias acerca da própria identidade sexual, experiências negativas relacionadas a práticas afetivo-sexuais com sujeitos allosexuais, e a sensação de alívio que agora sentem por terem se descoberto assexuais estão entre os temas mais recorrentes destes relatos. É também usual que estes usuários expressem um desejo ativo por fazer amizade com outros sujeitos que se entendem como assexuais. “Há coisas que só outros assexuais podem entender” ou “eu me identifiquei muito com seu relato”, são temas recorrentes nestas primeiras interações.

Alguns usuários também utilizam este momento de apresentação para declarar seu interesse por encontrar um parceiro romântico, ocasionalmente disponibilizando seu número de telefone ou outras formas de entrar em contato para além do fórum A2. Em entrevista com uma membra da comunidade, ela descreveu este comportamento como sendo algo que é exclusivamente expresso por homens, em parte em resposta a como pressões sociais ligadas a visões heteronormativas sobre masculinidade tendem a afetar em menor nível homens assexuais que possuem parceiras. A presença de um par romântico teria como função não só a satisfação de desejo por uma relação de intimidade e afeto, mas também de aquietar questionamentos sobre se o sujeito possui ou não uma vida sexual ativa. A expectativa presente acerca da forma que os sujeitos seriam lidos nesse relacionamento estaria ligada a uma expectativa de terceiros que qualquer relacionamento romântico é apenas possível quando acompanhado de um relacionamento sexualmente ativo.

“Membra da comunidade: Eu diria que isso é uma tendência. Eu via bastante gente se declarando assexual e a pessoa claramente era, e descrevia toda a experiência parecida com a minha. Aí, mudava de ideia de última hora, dizendo “eu vou me relacionar com uma mulher, foda-se [sic].”

Interlocutor: O que você pensa disso?

Membra da comunidade: Eu acho preocupante, homens em geral lidam com sexualidade de um jeito que considero preocupante. Eu acho que isso é um reflexo disso. Eu não sei como eles funcionam fora deste momento que acontece, porque eu nunca vi, então não sei como se desdobra. Mas eu acho que é a cobrança, porque com mulheres você tem a cobrança do “cadê seu relacionamento” e com homens você tem “como assim você não tá saindo por ai pegando todo mundo?”. Até os homens gays fazem isso. Eu sinto que essas cobranças específicas caem nas costas dos caras. Eu geralmente vejo mais homens assexuais românticos acontecendo e tenho muita preocupação com pessoas que só decidem que vão se jogar em relacionamentos heterossexuais como uma forma quase que de fugir de desse rótulo de membro da comunidade LGBT. As vezes você vê isso rolando, e sua sexualidade não funciona do mesmo jeito que uma pessoa allossexual, e você nem tá pensando sobre isso para entrar no relacionamento. A possibilidade de dar errado é muito alta. A pessoa tá pensando que se você tá num relacionamento com uma menina assexual, você tem uma desculpa, e eu não tô nem falando que as pessoas não gostem da pessoa com quem estão, mas que você tem algum escudo para algum escudo para a cobrança que vai cair. Você tem como invisibilizar bastante sua identidade assim. Eu tô num relacionamento super longo, se eu estiver num espaço LGBT, é perfeitamente plausível e possível que ninguém perceba que sou assexual. E imagino que a tentação seja bem maior quando você é heteroromântico, você também não vai passar por toda aquela coisa da homofobia.

Tal interpretação deste tipo de fenômeno parece estar em diálogo com proposições feitas por Neiva (2019) em seu estudo etnográfico sobre representações sociais e políticas de assexualidade. De acordo com a autora, “As mulheres assexuais, são acusadas de serem frigiditas; os homens assexuais, impotentes sexuais, ou na linguagem êmica, *broxas*. (...), de

maneira que para ele, e muitos com quem dialoguei, a exigência de *ser sexual* recai fortemente nos ombros dos homens assexuais” (p.135).

É digno de nota o modo como os moderadores do fórum possuem o costume responder todos os tópicos de apresentações, comumente com orientações iniciais sobre o uso daquele espaço virtual e tranquilizando os membros recém-chegados sobre como o processo de entender-se como assexual pode ser doloroso e confuso, mas a auto-descoberta traz consigo uma sensação de tranquilidade e completude. Para aqueles que fazem apresentações mais breves, os moderadores e outros usuários do fórum costumam fazer perguntas ou recomendações de informações que novos membros poderiam dar para que possam fazer amizades de forma mais orgânica. Enquanto um dos primeiros recursos simbólicos ofertados pela comunidade é um glossário com sub-classificações utilizadas para descrever diferentes assexualidades, os moderadores e outros membros do fórum possuem o costume de também aconselhar os novos usuários de que eles não precisam ter pressa ou sentirem a obrigação de encontrar o rótulo que melhor se aplica a sua identidade e experiência enquanto sujeitos assexuais. Tais rótulos identitários são frequentemente descritos nestas primeiras conversas com novos membros como ferramentas para melhor descrever a experiência dos sujeitos e para legitimá-la como existente e compartilhada por todos aqueles dentro do espectro assexual, ao invés de se tratar de uma anomalia.

“Que bom que está conseguindo encontrar as respostas que procura. Só cuidado para não se prender a nenhuma “caixinha”. Elas dão um norte, nos ajudam a nos guiarmos, porém não devem nos aprisionar.” (usuário da comunidade, 2020).

Outra pesquisa realizada a partir de observações e vivências dentro do fórum A2, feitas por Neiva (2019), descreve a dinâmica da comunidade como muitas vezes semelhante à de uma “terapia em grupo”. Eu diria que esta afirmativa é especialmente visível ao se observar as interações nas áreas de apresentações e depoimentos do fórum. Há um entendimento comum entre os participantes desta rede social de que o caminho até entender-se assexual não é simples ou que se dê de forma linear. Para além disso, muitas vezes os novos usuários estão postando logo após terem entrado em contato pela primeira vez com o conceito de assexualidade, através da descoberta da própria comunidade A2 enquanto pesquisavam mais informações para entenderem melhor a própria sexualidade ou se são portadores de algum tipo de disfunção fisiológica. O que se inicia com uma postagem de apresentação é frequentemente sucedida pela troca de comentários de como a experiência de

diferentes sujeitos ressoa com a de outros e que não há nada de errado no que a pessoa está relatando, recomendações para que se busque um profissional de saúde caso usuários estejam relatando sofrimento psíquico e/ou fisiológico, e expressões de acolhimento e empatia daqueles que estão também passando por uma jornada de autodescobrimento.

“Olá [Nome do usuário], seja bem-vindo [emoji de bolo]. Entendo essa ideia de pensar não ser normal, é um pensamento recorrente entre os aces. Provavelmente todos nós já tivemos essa impressão um dia, afinal a possibilidade de ser assexual não nos é apresentada enquanto crescemos (Existem exceções? Talvez). É bom te ver lidando com o processo de aceitação :)” (usuária da comunidade, 2020).

Através de uma leitura baseada na psicologia cultural, podemos interpretar este processo de encontrar o fórum comunidade A2; conhecer o conceito de assexualidade enquanto uma identidade sexual legítima neste espaço; criação de um perfil dentro da rede; e apresentar-se aos membros da comunidade como um sujeito assexual, como elementos chave de uma transição desenvolvimental (Zittoun, 2006). Esta leitura se configura na seguinte proposição teórica: A ruptura que teria como consequência o cessar dos sentidos até então tomados como garantidos por estes sujeitos seria fruto da dissonância entre a experiência interna deles em relação ao baixo grau ou ausência de atração social e um conjunto de expectativas e scripts sociais que ditam normas heteronormativas acerca de que formas de performance e identidade sexuais são legítimas ou não legítimas, saudáveis ou não saudáveis (ponto que exploraremos mais a fundo na análise das entrevistas narrativas). Neste cenário em que pessoas assexuais descrevem como sendo solitário e confuso devido a um senso de inadequação, patologização e episódios de discriminação e constrangimento social, a busca na internet por algum diagnóstico, relato de experiência semelhante ou rótulo social seria um ato proativo destas pessoas de buscar uma forma de atribuir significado a uma experiência que o contexto cultural imediato delas não aparenta abarcar (Zittoun, 2003). Uma vez em contato com o conjunto de artefatos culturais ofertados pela comunidade A2, estes novos visitantes se tornam mais aptos a construir significados sobre si e acerca da sua relação com atração sexual que retratam suas experiências não mais como anormais ou patológicas. Tal transição de significar sua experiência enquanto “anormal” para “não-normativa” pode ser observado no seguinte relato de uma das pessoas entrevistadas durante a pesquisa em campo:

No momento em que as pessoas começaram a me cobrar relacionamentos e a falar pessoalmente sobre isso comigo, eu nunca sabia o que responder e, em 2013, aos 16, eu me senti muito congestionada, sobrecarregada por não saber lidar com essa invasão de espaço. Foi uma época frágil da minha vida, pois senti vontade de não retornar mais à escola, e foi o que acabou acontecendo. Era boa aluna, não dava trabalho para os professores e nem em casa, fazia o que tinha que fazer, mas essa frustração em não saber como pensar e dirigir minhas palavras em prol da minha defesa me desgastou muito. Eu era muito desarticulada e chorava sozinha por isso. Foi o ano em que conheci este fórum, digitando "assexual" (não, não foi assexuado) no Google. Nunca tinha visto a palavra em lugar que fosse, apenas imaginei o termo pensando em algo que negasse a ideia de atração sexual, e pensei no prefixo "a", intuitivamente. Foi epifânico, por assim dizer. Mas eu já havia abandonado a escola, e pretendia retomar só quando sentisse coragem e autoconfiança. O fórum foi um dos propulsores para minha realização estudantil, posteriormente. E desde então não saio mais daqui, só por algumas temporadas, mas depois volto. (Usuária da comunidade, 2020).

O trabalho de produção de sentidos e significados continuaria além da obtenção do símbolo “assexualidade” que opera como um recurso simbólico que se fundamenta como um elemento identitário desses sujeitos através da sua legitimação e aspecto compartilhado com outros sujeitos que se identificam enquanto assexuais (Zittoun, 2012). Outros artefatos culturais disponíveis já referenciados que podemos trazer como exemplo são:

- 1) Os conceitos de atração romântica, estética e sexual que permitiriam que sujeitos assexuais descrevam e relatem suas experiências relacionadas a possíveis outras formas de atração que podem ou não estar vinculadas ao aspecto sexual de uma relação, e desvinculadas à ideia de libido ou desejo sexual.
- 2) Sub-classificações dentro do próprio espectro assexual que definem e descrevem de forma mais específica certas formas de identificação e preferências acerca da possibilidade ou não de atração romântica ou sexual. Por exemplo, as identificações enquanto um assexual romântico ou aromântico.
- 3) A bandeira da assexualidade e suas cores como representativa de uma identidade e luta comum pela visibilidade assexual.
- 4) O bolo enquanto símbolo de boas vindas e agradecimentos dentro da comunidade, e uma representação de que sujeitos assexuais também buscam prazer em suas vidas, aos seus próprios modos.

Para além desses símbolos, a própria criação de um perfil dentro da comunidade A2 consiste num ato de trabalho simbólico e eminentemente imaginativo. Ao nos referirmos à

imaginação, estamos falando de “experiências que escapam o contexto imediato, que permitem a exploração do passado ou futuro, e possibilidades presentes ou até mesmo impossibilidades” (Zittoun & Gillespie, 2016). Tecnologias culturais como redes sociais são instrumentos capazes de auxiliar na criação e continuidade deste tipo de experiências, especialmente ao modo como permitem a criação de “possíveis selves” através do uso de suas ferramentas e possibilidades para apresentação de si em contextos nos quais os riscos ligados a tais apresentações de si são reduzidos devido ao distanciamento do contexto imediato do sujeito e um maior grau de anonimato (Allbeck & Badler, 2002; Gillespie et al, 2017). Ao criarem um perfil dentro da comunidade A2, seus usuários não estariam apenas construindo um possível self com uma dualidade entre apresentação e anonimato, no qual ao mesmo tempo em que podem utilizar pseudônimos e imagens que não são seus rostos, eles também se sentiriam mais confortáveis para experimentar expressões de si que lhe soam mais autênticas. Seguindo adiante com esta ideia, a própria escolha de um certo nome ou avatar, por exemplo relacionado a um filme, jogo ou anime que é especial para a pessoa fala algo sobre si para os outros membros da comunidade. O ato de apresentar-se ao resto da comunidade A2 como alguém que é assexual muitas vezes é a primeira vez que tal enunciado sobre si e sua sexualidade foi realizado, demarcando um momento importante no entendimento de si nas trajetórias desenvolvimentais destes sujeitos.

Assexualidade(s)

Semelhante à página de glossário, a seção “Assexualidade” no fórum A2 possui um papel pedagógico dentro da comunidade. Este espaço é reservado para que usuários “tirem dúvidas sobre a assexualidade, compartilhem pensamentos sobre temas que considerem relevantes e contribuições para construção do conhecimento assexual”. A barra de tópicos selecionados pelos moderadores como leitura inicial (mas não necessariamente obrigatória) é composta por discussões desta seção que abrangem temas recorrentes de dúvidas e discussões entre usuários. Entre tais temas constantes de discussão, podemos citar “Qual é a diferença entre falar assexual ou assexuado”, “como seus pais reagiram quando falaram que são assexuais?”, e “Eu sou assexual?”.

Para além destes tópicos em que podem ser observadas as conversas sobre a validade e formas de uso de termos empregados pela comunidade, como o que seria definido como atração romântica, esta seção também possui dois tópicos fixados no topo desta área. Um deles é um conjunto de frases acerca da sexualidade, de diferentes fontes, selecionadas por uma das moderadoras do fórum. O outro é uma playlist, também feita pela moderação, com vídeos de palestras e vídeo-ensaios informativos no youtube sobre assexualidade. A seleção de conteúdos pré-selecionados como relevantes pelos moderadores ressalta mais uma vez a função da comunidade como um agregador de artefatos culturais que visam explicar o que é assexualidade e retratá-la como uma orientação sexual legítima.

"Não é que eu não goste da sexualidade. Eu não desejo me envolver em atividades sexuais." David Jay, fundador da AVEN

"Sexo é só um pedaço de chocolate que não muda em nada a minha vida se eu comer ou deixar de comer." Vila Mulher - Terra

"Não sou gay, não fui abusado na infância, nem tenho problemas hormonais. Eu simplesmente não gosto de transar." Revista Marie Claire

"As pessoas me perguntam: 'Se você nunca experimentou, como você sabe?' Bem, se você é heterossexual, você já experimentou ter relações com uma pessoa do mesmo sexo? Como você sabe que não ia gostar então? Você simplesmente sabe que você não tem interesse nisso, independentemente de ter experimentado ou não." Britânica assexual

"Uma das piores tiranias é a da imposição do sexo como normalidade e a do casamento como saúde humana!" Caio Fábio, Brasília/DF

"Não se importe em não fazer parte daquilo que a maioria prega como normal e correto. Sua referência deve ser você mesmo." Elisângela Mesquita, psicóloga.

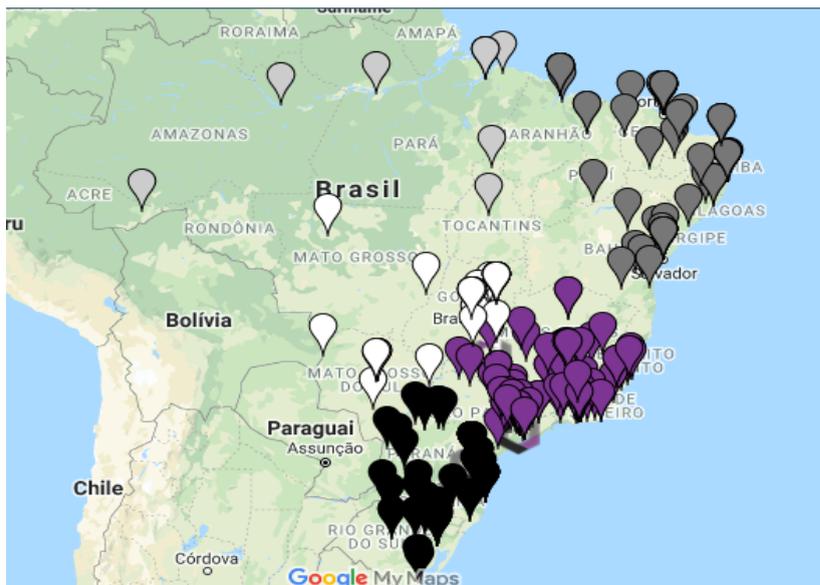
Fonte: Fórum comunidade A2.

Tópicos criados por membros do fórum no qual eles buscam ouvir a opinião de outros usuários se eles seriam assexuais ou não, ou se eles seriam de alguma sub-classificação específica, como demissexual ou aromântico, são o tipo de postagem com maior frequência nos últimos dois anos. O que pude observar desta prática é de que apesar do número de usuários que colocam a validade da sua posição enquanto assexual aberta para os julgamentos de seus pares, raramente as respostas recebidas são definitivas ou diretas. Respostas a tais tópicos normalmente são iniciadas com um lembrete de que apenas a própria pessoa pode se afirmar se ela é assexual ou não, e que a experiência e o julgamento dela é sempre válido ao falar de si. “Você não precisa ter pressa de se decidir sobre seu rótulo, nem necessariamente precisa de um” é uma mensagem recorrente repassada nessas interações, como no seguinte exemplo:

Interlocutora A: Bom, eu nunca me apaixonei, sempre vi amigas se apaixonando e namorando, e perguntei por que isso também não acontecia comigo. Sempre quis namorar sabe? Ficar que nem um casal (beijar, abraçar, dormir de conchinha e aquela melação toda). Não sei se é carência ou vontade mesmo... Mas nunca me senti apaixonada por alguém. Já tive um namoradinho, mas acabei perdendo o interesse nele. Também já tive um crush, mas nada de mais. Acho para eu me apaixonar por uma pessoa tenho que conhecê-la bem, não sei se sou demiarromântica ou aromântica. Aromânticos e demiarromânticos sentem carência ou vontade de namorar?

Interlocutor B: Você provavelmente vai descobrir melhor com o tempo. Sem querer começar com o papo de “nova demais”, mas geralmente as coisas simplesmente clareiam melhor com o tempo. Especialmente agora em que as relações humanas andam se delimitando as redes sociais por causa da pandemia... Acho que é importante, além de pensar e analisar a si mesma, simplesmente tentar ser exploradora quanto aos sentimentos. Se permitir sentir as coisas. Sem perceber, as vezes nos inibimos de certos sentimentos e coisas que, inconscientemente, achamos que vai nos fazer mal. Se você acha que provavelmente precisa conhecer alguém melhor para se apaixonar, então você talvez só descubra conhecendo bastante alguém. E quanto a querer namorar, acho que no fundo a maioria das pessoas quer. Além de ser uma ideia que é posta na nossa cabeça desde pequenos, pelas séries, filmes, livros, é simplesmente muito atrativa a ideia de ter alguém compatível com você, que te ame, junto contigo firme. Não sei muito sobre aromânticos, mas creio que até pra eles a ideia seja atrativa.

Vale-se ressaltar o fato de que muitas das conversas presentes nesta seção sobre as perspectivas dos seus membros são eventualmente reintroduzidas no fórum através de enquetes que usuários podem responder ou não voluntariamente. Algumas destas enquetes são um registro histórico e quantitativo relevante para melhor entender o perfil dos usuários do site A2. Por exemplo, por demanda popular, foi criado um mapa dos membros da comunidade no Brasil, como forma de facilitar encontros presenciais entre eles de modo esporádico.



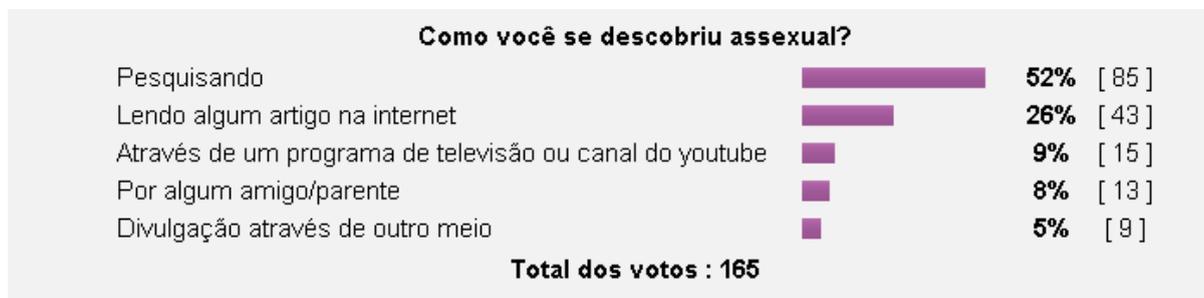
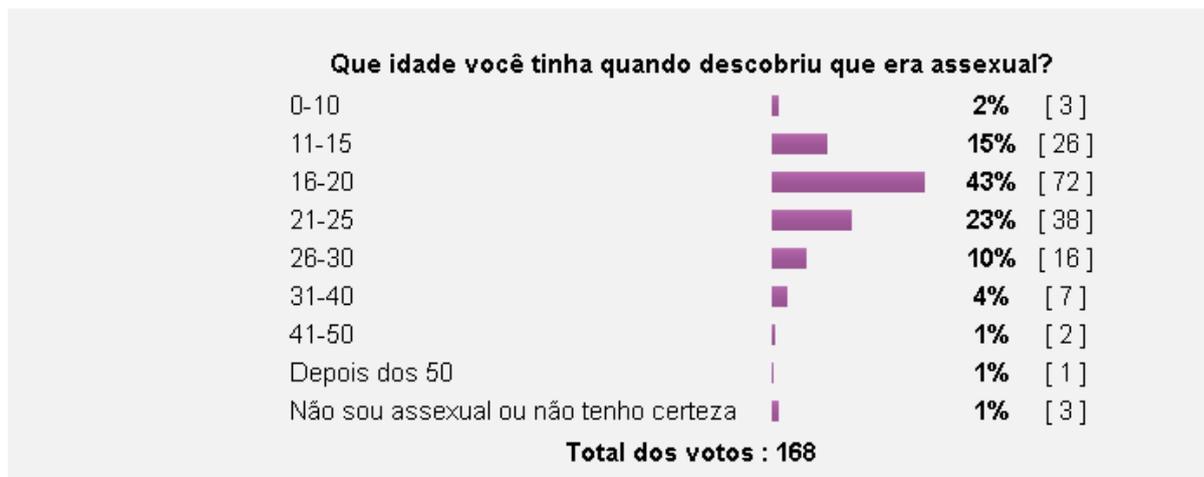
Fonte: Fórum comunidade Assexual A2, Outubro de 2020.

Legenda: Marcadores cinza claro são pessoas assexuais na Região Norte, cinza escuro na Região Nordeste, roxo na Região Sudeste, preto Região Sul e brancos na Região Centro-oeste.

A criação deste mapa se deu pelo uso de um mapa criado na plataforma Google com o título “Assexuais no Brasil”, pelo qual os voluntários poderiam inserir um apelido, seu email e a localização de modo que outras pessoas pudessem saber que outros membros foram próximos a eles. Até o presente momento (Último acesso em Outubro de 2020), foram cadastrados 199 pessoas na região Sudeste, 65 no Sul, 10 no Norte, 69 no Nordeste e 33 no Centro-Oeste. Através deste mapa, é possível notar que a maior parte dos membros que se voluntariaram a disponibilizar sua localização se encontram na costa na região litorânea do país, especialmente no sudeste brasileiro. Em contraste, as regiões norte e nordeste apresentaram o menor número de voluntários. Enquanto relevante para entender a motivação para que encontros presenciais entre participantes do fórum tendam a ocorrer nas regiões sudeste e centro-oeste do país, é importante afirmar que se trata de uma comunidade 5266 membros registrados, o que ressalta como este mapa não necessariamente é uma representação fiel da distribuição demográfica dos usuários da rede A2 pelo país.

Duas enquetes são particularmente relevantes para este estudo acerca da construção de identidade de adolescentes e jovens adultos assexuais em comunidades virtuais. Elas seriam uma enquete acerca de como os usuários se descobriram assexuais e outra de com quem idade esta descoberta ocorreu. Enquanto o baixo número de respostas em relação à quantidade de

usuários registrados no fórum pode significar que seus resultados não necessariamente expressam a realidade todos os seus membros, elas continuam funcionando com indicativos das trajetórias de centenas de sujeitos assexuais, além de um ponto de partida para discussões entre eles nos tópicos direcionados a estas enquetes.



Fonte: Comunidade A2, último acesso em Outubro de 2020

O sentido dos resultados destas duas enquetes pode ser explicado de diferentes formas. A primeira é de que os resultados da pesquisa indicam um número relevante (e majoritário dentre os respondentes) de sujeitos que afirmam ter se descoberto assexuais dentro da faixa etária no qual meu trabalho de pesquisa se propõe estudar. Mais que isso, também aponta para como a descoberta da assexualidade ocorreu para a maioria destes indivíduos através de seu próprio esforço de pesquisa online ou do conteúdo que consumiam na internet. Estas informações nos apontam algumas pistas de semelhanças nas trajetórias desenvolvimentais de um número significativo de sujeitos assexuais na adolescência, sendo interpretada por eles

mesmos como um ponto de virada na construção de suas identidades e de onde encontraram os artefatos culturais usados como recursos simbólicos nesta transição desenvolvimental.

Para além disto, os tópicos nos quais estas enquetes estavam inseridas também possuíam os relatos e discussões dos próprios membros acerca do que pensavam sobre os dados coletados. A partir da leitura destas postagens, observei que dois temas foram especialmente frequentes nas falas dos membros da comunidade diante dos resultados da enquete. O primeiro é de como modelos heteronormativos de identidade e práticas sociais eram apresentados desde cedo para os membros da comunidade A2 como naturalizados para o desenvolvimento sexual de um ser humano. Segundo, vários usuários também relataram quais eram suas “teorias” para porque se diferenciavam de outros adolescentes no que cabia ao nível ou forma de atração que sentiam. Questionamentos sobre se isso era um sintoma de algum distúrbio físico ou psicopatológico ou de uma possível inclinação para a carreira de padre ou freiras foram os mais comuns entre os usuários que participaram dessas discussões.

Depoimentos e experiências de injustiça epistêmica.

Em consideração ao esforço dos membros do fórum A2 de criar um espaço que provenha acolhimento e anonimato para outros sujeitos assexuais que sintam a necessidade de falar de suas vidas, seja para compartilhar sua experiência ou desabafar, não entrarei a fundo no conteúdo específico das publicações feitas na seção de depoimentos. Entretanto, a existência de uma seção exclusiva com propósito que a área de depoimentos tem no fórum A2 é em si um dado relevante, e um ponto de partida para discutir de que modos sujeitos assexuais são discriminados em nossa sociedade. Antes disso, é digno de nota como a seção de depoimentos possui um tópico fixado no topo da página com orientações caso algum membro tenha passado por uma situação de abuso sexual.

Enquanto acredito que há um aspecto ético em tomar os relatos dos membros da comunidade assexual de opressão quando legítimos como parte deste processo de vivência dentro da comunidade, e é inegável a constância de seus relatos de experiências de desconforto e sofrimento psíquico em relação à forma como as pessoas de seu convívio desconsideram a ideia de assexualidade, ou de se levar uma vida aos moldes da experiência destes sujeitos assexuais, a palavra “opressão” possui uma carga política social específica acerca de um processo sistêmico de discriminação. Tal debate sobre se pessoas assexuais são

oprimidas ou não é o cerne de debates e tensionamentos entre os membros da comunidade assexual e da comunidade LGBTTT (Neiva, 2019; Cerankowski & Milks, 2010). Como ilustrativo deste debate, a obra da autora Elizabeth Hanson (2013) é útil para explicar a natureza deste debate acerca da validade da assexualidade enquanto uma identidade de resistência política.

Em sua tese de doutorado, Hanson (2013) apresenta dois questionamentos sobre a validade do movimento pela legitimação da assexualidade como uma orientação sexual que são aparentemente estranhos diante do fato de que ela mesma se identifica como assexual. O primeiro é se, de fato, podemos falar que existe uma identidade denominada “assexualidade”. O segundo é se existe uma opressão sofrida por aqueles que se identificam como assexuais que precisa ser combatida e injustiças que precisam ser reparadas. Fazer sentido desta aparente contradição entre o discurso da autora e seu local de fala é desvelar questões epistêmicas sobre estudos cruciais para o entendimento da emergência da assexualidade como movimento político e categoria identitária. Para entender o argumento da autora, é preciso primeiro esclarecer qual é o entendimento utilizado por ela para o conceito de “identidade”, mesmo que discorde do quão limitada é tal definição no escopo do que se configura como identidade. Na tese de Hanson (2013), identidade é um conceito normativo, ao invés de descritivo ou de auto-afirmação, onde uma identidade seria composta por conjuntos de comportamentos, comprometimentos, associações e esforços para estabelecer uma coerência entre reivindicações que competem entre si (Hanson, 2013; Lance & Tanesini, 2000). Nesta lógica, identidades existem mediante uma função política, em que sua validade depende dos bens morais e políticos que as reivindicações que a constituem defendem. Isto significa dizer que identidades possuem uma função especialmente em reação contra narrativas e processos de opressão, em que fatores sócio-históricos limitam as possibilidades destas reivindicações serem executadas. Assim, identidades podem não ser válidas caso não possuam uma relevância política ou reforcem um *status quo*, ou normatização, como por exemplo, uma identidade “heterossexual”.

Para Hanson (2013), o movimento assexual e a noção de uma “assexualidade” que ele promove é estabelecido de forma contraditória tendo como base políticas identitárias de outros grupos e minorias melhor estabelecidas e historicamente situadas. Entretanto, tais políticas identitárias dependem e agem em resposta a narrativas compartilhadas de opressão,

que assexuais não possuem. A identidade assexual não só é um fenômeno quase que exclusivamente online, como recente. Sua gênese é datada no início dos anos 90, quando comunidades virtuais nas quais a definição de assexualidade foi concebida através de discussões entre seus membros, começaram a realizar campanhas para uma melhor visibilidade e educação do que seria esta nova categoria identitária (Hinderliter, 2013). Para Hanson (2013), a contradição desse processo da formação de uma identidade assexual e sua política de combate à opressão que teoricamente sofrem estaria em como para serem oprimidos, é preciso que exista um reconhecimento histórico e cultural do que são assexuais por parte da sociedade, o que em teoria não existiria até o próprio conceito ter sido concebido. A pergunta consequente deste pensamento é “são os assexuais oprimidos?” seguida de “São assexuais oprimidos o suficiente?” e “qual é a função de um movimento em prol da assexualidade?”. É preciso deixar claro que o que está em jogo não é um desmerecimento de como a noção de assexualidade pode ser útil para informar sujeitos da própria experiência e atribuir sentido a ela ou desmerecer o sofrimento e a marginalização que sujeitos assexuais experienciam em nossa sociedade, mas sim de como o entendimento até então dado para assexualidade precisa ser diferente. Ao invés de uma política identitária pensada numa história acerca de opressão, é preciso pensá-la como uma política de apagamento e subalternidade (Gramsci, 2006 ; El, 2012).

Diante deste tipo de questionamento, considero relevante elaborar como minha experiência enquanto um psicólogo e pesquisador influencia minha perspectiva acerca deste tópico. Se por um lado a minha entrada na comunidade A2 foi bem vinda, assim como foi a realização do meu trabalho de pesquisa, não posso dizer que esta recepção signifique uma confiança plena na figura do psicólogo. Não só recebi múltiplas mensagens que diziam como estavam felizes e surpresos que especificamente alguém de psicologia tomou interesse por realizar um estudo que tratasse a assexualidade enquanto legítima e esteja buscando compreender a experiência deles em um nível subjetivo, como também me deparei com múltiplos relatos acerca de experiências negativas de usuários do fórum em contexto terapêutico. Estes relatos traziam descrições de como usuários do fórum sentiram que suas experiências não haviam sido consideradas como legítimas pelos seus psicólogos, que por vezes desconsideravam a existência da assexualidade por jamais terem ouvido falar deste termo, ou a validade do que lhes estava sendo contado. “Como você pode ter certeza se você

nunca tentou?”, é uma frase comumente ouvida por pessoas assexuais nesse e em muitos outros contextos (Neiva, 2019; Eunjung, 2010; Carrigan, 2015). Postagens que apresentavam este tipo de relato ou uma perspectiva de ceticismo acerca da competência de psicólogos são presentes em múltiplas sessões do fórum, mas isto não significa dizer que a A2 se trata de um grupo antagônico a essa ciência e profissão. Desabafos acerca de experiências negativas com psicólogos comumente eram recebidos por outros usuários, principalmente os moderadores do fórum, com mensagens de empatia e pesar pelo sofrimento dos seus interlocutores, e recomendações para que se busque um outro profissional, não que desconsiderem o tratamento psicológico como desprovido de qualquer benefício para assexuais. Além disso, recomendações para que membros do fórum busquem atendimento psicológico ou psiquiátrico também são frequentes em instâncias em que um usuário relatava alguma forma de sofrimento psíquico intenso.

Desde o início da elaboração do presente trabalho de pesquisa e do meu ingresso no programa de mestrado em psicologia do desenvolvimento na Universidade Federal da Bahia, falar sobre meu trabalho envolveu primeiro ter que explicar para meus colegas de profissão o que era assexualidade. Em contraste com a experiência de sujeitos assexuais e do modo como o relato da própria experiência e subjetividade foram desconsiderados por pessoas de seu convívio direto, sejam familiares, amigos ou profissionais de saúde; minha explicação sobre o que seria assexualidade nunca foi questionada por qualquer interlocutor. Acredito que, em parte, meu papel social enquanto psicólogo e pesquisador foi um fator relevante para que meu testemunho fosse tratado como válido sobre algo que as pessoas com quem conversei não conheciam. Entretanto, um desafio que tive foi tornar inteligíveis ou “operacionais” aspectos da experiência de marginalização de sujeitos assexuais para além de eles serem erroneamente diagnosticados por um psiquiatra ou psicólogo.

Dito isto, um conceito que aqui apresento que se mostrou útil para explicar em termos práticos a natureza do processo da marginalização de sujeitos assexuais e dos desafios para sua legitimação enquanto uma orientação sexual é o de “Injustiça Epistêmica”. Para isto, é preciso explicar o que seria esta perspectiva epistêmica criada pela filósofa Miranda Fricker (2007) para discutir desigualdades nos processos de apreensão e compartilhamento de conhecimento. Injustiça epistêmica se refere a como dinâmicas de poder estrutural e entendimentos compartilhados do que constitui identidades sociais específicas podem reforçar

a desigualdade ou negação da legitimidade de sujeitos enquanto conhecedores de si e do mundo. Podemos falar de dois tipos de injustiça epistêmica: injustiça testemunhal e injustiça hermenêutica. Injustiça testemunhal ocorre quando o ouvinte atribui menor credibilidade a um locutor e seu discurso devido à identidade social de quem fala. Por exemplo, tomar como menos válida a fala de uma mulher devido a um estereótipo de que elas são menos racionais. Injustiça hermenêutica ocorre quando os recursos coletivos de entendimento tornam a fala de alguém incompreensível para outros. Por exemplo, é extremamente mais árduo se fazer compreensível a experiência de uma pessoa assexual numa cultura onde não existe um conceito de que uma pessoa não sentir atração sexual é uma possibilidade identitária. Processos de injustiça epistêmica podem ter consequências severas para sujeitos ou grupos sociais, de modo que estes não só podem se tornar mais vulneráveis a outros tipos de opressão social, como também impedem que se tornem quem eles são ou desejam ser ao terem sua experiência deslegitimada de modo estrutural.

Questões ligadas a modos de apagamento e violência epistemológica não são necessariamente novas para o campo de estudos de gênero e sexualidade (Hall, 2017). Por exemplo, a demanda para que sujeitos em sociedades ocidentais “saíam do armário” e confessem uma “verdade” sobre sua sexualidade é um fenômeno cultural amplamente estudado em relação ao modo que se configura como uma violência epistêmica, pois este testemunho não é só exigido, como deslegitimado (ou patologizado) caso fuja daquilo que é normativo para o discurso moral ou o discurso médico. Retornando a própria dissertação de Hanson (2013), a teoria Queer delinea como o conceito de “sexualidade” se articula num espaço epistemológico e político ao invés de erótico ou de comportamento (Hall, 2017). Entretanto, autoras como Bostwick e Hequembourg (2014) em trabalhos mais recentes começaram a defender a utilidade de categorias novas baseadas na ideia de injustiça epistêmica para um entendimento mais profundo e específico de questões ligadas ao apagamento de determinadas identidades sexuais e de formas de discriminação que ocorrem dentro do próprio campo de movimentos LGBTQA+.

Um exemplo da aplicação prática desta premissa que considero útil para pensar propostas de estudo sobre assexualidade e injustiça epistêmica seria o estudo de Bostwick (2014) sobre manifestações de injustiça epistêmica no dia-a-dia de mulheres bissexuais. Os resultados encontrados nesta pesquisa indicam como mulheres bissexuais sofrem formas

próprias de discriminação e preconceitos através de microagressões relacionadas a expectativas sociais sobre o que significa ser bissexual. Isto ocorreria por sete tipos distintos de microagressões: hostilidade em resposta a discursos sobre bifobia ou homofobia sofrida por mulheres bi, negação/desconsideração da bissexualidade, estereótipos de bissexualidade como algo fásico ou sinal de indecisão, ininteligibilidade da experiência bissexual, mudança para que altere sua identificação para hétero ou homossexual, exclusão como parceiro desejável por ser bissexual e hipersexualização. Considero especialmente úteis as categorias de microagressão por negação/desconsideração da bissexualidade e ininteligibilidade como uma identidade para pensarmos o sofrimento de sujeitos assexuais em termos análogos. Primeiro por como uma estrutura normativa de sexualidade invisibiliza discursos de sujeitos sobre a própria identidade, como também significa uma exigência para que este discurso seja alterado e exposto de uma forma que seja “mais legítima”. Isto reflete como injustiças testemunhais e hermenêuticas frequentemente são mutuamente reforçadoras, onde a negação e descredibilidade de certas afirmações identitárias refletem um déficit nos recursos coletivos de entendimento sobre determinada orientação sexual, como também esta falta de entendimento promove e permite injustiças testemunhais a certos tipos de discurso que são prontamente desconsiderados.

Se, por um lado, utilizo pesquisas análogas sobre injustiça epistêmica e minorias sexuais para argumentar que esta abordagem pode auxiliar na concepção das formas de injustiça e marginalização sofridas por sujeitos assexuais ao longo de suas histórias de vida, discussões semelhantes já ocorrem dentro do campo de estudos da assexualidade. Nas pesquisas, tanto de Carrigan (2015) quanto de Neiva (2019), sujeitos assexuais relatam sua experiência numa sociedade sexualizada como sendo marcada por desconforto e violências oriundas daquilo que os pesquisadores denominam de “lacuna discursiva”. Numa sociedade em que o discurso sobre como a sexualidade é entendida como normal e saudável apenas diante de uma performance e uma atração sexual, aqueles cujo próprio relato de si não se explica através deste discurso não só teriam menos credibilidade, como a construção de suas identidades teria as possibilidades limitadas. Esta “lacuna discursiva” é entendida como uma ausência nas ferramentas de explicar o que significa ser assexual para a própria pessoa que assim se identifica, como para outros sujeitos (Carrigan, 2015). Interpretar esta lacuna como uma manifestação de injustiça hermenêutica pode permitir uma melhor descrição de formas

como sujeitos assexuais sofrem injustiças, além de melhor justificar a necessidade de um esforço para construir um conceito de assexualidade e promover sua visibilidade.

É preciso se especificar que visibilidade neste contexto não significa uma exposição de sujeitos assexuais ou a necessidade de que eles se declarem publicamente como tal, mas sim de uma disseminação deste marcador social na teia de símbolos e significados das quais estes sujeitos fazem parte, de modo que sua identidade seja inteligível, conhecida e aceita pelo resto da sociedade. Ao irem de encontro ao que é chamado de “suposição sexual”, uma noção normativa de que todo sujeito possui atração sexual e que a ausência dela (e de sua performance) é um indicativo de adoecimento, sujeitos assexuais relatam experiências de vida marcadas por um apagamento e desmerecimento de sua orientação sexual, patologização de seu comportamento e constantes episódios de violência moral e epistêmica (Carrigan, 2015).

Utilizando os conceitos de fronteira simbólica e mediação simbólica, podemos interpretar as ações do movimento em prol da visibilidade assexual como um esforço coletivo para introduzir novas formas de discurso e símbolos relacionados ao que é socialmente entendido como saudável dentro do campo da sexualidade (Madureira, 2015; Valsiner, 2016). Seguindo esta linha de raciocínio, os episódios de injustiça epistêmica relatados por membros da comunidade A2 seriam um reflexo dos desafios enfrentados por sujeitos cujas formas de significação e experiência destoam de uma rede de discursos, memórias coletivas e símbolos que fundamentam uma fronteira simbólica. Construir sua identidade às margens de tal fronteira não implica somente em experiências de sofrimento para estes sujeitos, mas também em constantes processos de negociação e conflito com as restrições advindas da resistência ou baixa disseminação de símbolos úteis ou cruciais para a representação destas identidades (Madureira, 2007).

Neste cenário, um espaço como a seção de depoimentos na comunidade A2 pode possuir uma função social crucial na trajetória de sujeitos assexuais. A existência de um espaço para que indivíduos enunciem ou escrevam suas próprias narrativas num contexto seguro, seja pelo anonimato ou pelo clima generalizado de acolhimento, possibilita que eles possam refletir sobre suas próprias trajetórias com menor receio de consequências negativas para esta expressão de si. O aspecto de testemunho comunal de experiências compartilhadas

também implica na possibilidade de um determinado relato servir como recurso simbólico para que outros membros consigam dar sentido a sua própria experiência e que construam novos símbolos sobre a experiência de estar no mundo enquanto uma pessoa assexual (Zittoun & Gillespie, 2003).

Entrevistas narrativas

Em paralelo ao trabalho de observação participante e análise documental, uma série de entrevistas foram realizadas com adolescentes e jovens adultos membros da comunidade A2, na faixa de idade 16 a 24 anos. Para angariar voluntários, um tópico foi criado dentro do fórum A2, descrevendo o processo de entrevista e seu propósito dentro desta pesquisa. Como técnica complementar para a coleta de dados, utilizei o método de Amostragem Não-probabilística Bola de Neve (Ou Snowball Sampling) (Vinuto, 2014). Quatro entrevistas foram realizadas com mulheres cisgênero, na faixa etária entre 19 a 23 anos através dos aplicativos de comunicação digital *Whatsapp* e *Skype*. Devido ao contexto sócio-político de pandemia no qual as entrevistas foram realizadas, duas das voluntárias preferiram por realizar a entrevista através de comunicação via texto, devido à possibilidade de seus familiares, com quem elas moram, pudessem ouvir o conteúdo da entrevista. O período de entrevista variou entre cinquenta minutos a duas horas sem interrupções ao longo do processo.

Antes das entrevistas, as voluntárias assinaram através de um formulário online de consentimento e foram mais uma vez informadas dos possíveis riscos e benefícios envolvidos em participar desta pesquisa. Devido à natureza das entrevistas narrativas, não foi proposto um roteiro inicial de perguntas ou questionário, o que algumas das entrevistadas apontaram como curioso em relação a outras pesquisas acerca da assexualidade que já haviam participado anteriormente. Como forma de preservar seu anonimato, detalhes pessoais como nome, local de origem e que curso universitário foram omitidos ou alterados de seus relatos. Por outro lado, devido à natureza do tema das entrevistas, considero crucial que a própria fala das pessoas entrevistadas seja central a estes registros. Uma vez escritas as análises das entrevistas, as entrevistadas tiveram acesso ao texto, como forma de garantir que esta produção textual está sendo fiel ao relato delas acerca das próprias histórias de vida. Outro

dados que considero digno de nota acerca do processo de coleta de dados que considero relevante antes de irmos para a descrição dos relatos obtidos é de que enquanto entrevistei exclusivamente mulheres, tive inicialmente um número igual de voluntários do gênero masculino, mas que todos desistiram de participar da entrevista no dia marcado para suas respectivas entrevistas.

Relato 1: Amélia

Amélia tem 19 anos. Sua entrevista foi realizada exclusivamente via mensagens de texto através do aplicativo de mensagens instantâneas, Whatsapp. Em seu relato, Amélia conta que se descobriu assexual aos 16 anos através de uma pesquisa extensa e em vários idiomas, na qual ela estaria tentando descobrir se ela tinha “algum problema”. Sua suspeita inicial é de que ela se enquadraria dentro do espectro autista. Eventualmente, ela encontrou o termo “assexual” e se identificou com a breve descrição que o acompanhava. A partir disso, ela continuou sua busca, agora se focando em entender melhor o que seria assexualidade e eventualmente encontrou o fórum A2. Todo este processo, de acordo com ela, ocorreu durante um ano.

“O processo até que foi tranquilo. Eu era totalmente contra relacionamentos amorosos. Encontrar uma justificativa foi um grande alívio, principalmente porque não é um distúrbio, nada disfuncional”. (Amélia, 2020).

Quando questionei o que significaria ser “contra relacionamentos amorosos”, ela me explicou que eles nunca tinham feito sentido para ela, pois ela nunca teria experienciado qualquer tipo de atração (ou atração o suficiente para buscar algum tipo de relacionamento). Quando questionada sobre o assunto por seus colegas, ela explicava para eles que era “autossuficiente” e independente, que ela jamais se casaria e que não acreditava no amor romântico. A resposta de suas amigas a tais afirmativas era de “ela não precisava ser assim”, e que se envolver romanticamente não implicaria numa perda da sua independência.

“Eu já conhecia a assexualidade, então ficava pensando “não é algo que controlo é normal para mim”. Eu sentia pena delas por namorarem. (...) Isso não tem muita ligação a assexualidade, mas era porque eu não acreditava no amor. Toda aquela demonstração de afeto parecia falsa e eu ficava imaginando “será que elas sabem que não durará para sempre? Quando terminarem vão simplesmente apagar as fotos das redes sociais?”. Também pensava que estavam colocando sua felicidade nas mãos dos outros e isso não acabaria nada bem.” (Amélia, 2020).

Sua perspectiva sobre o assunto, entretanto, mudou com o tempo. Dois anos após se descobrir assexual, apesar de ainda se considerar uma assexual estrita (que não sente atração sexual), ela decidiu experimentar se relacionar romanticamente. Durante a entrevista, ela relatou seu primeiro encontro que teve na vida, e de como este episódio foi um ponto de virada na própria forma como ela constrói sua identidade e se define dentro do leque de sub-classificações de assexualidade.

: Foi em uma época que eu estava com muita dúvida sobre a possibilidade de poder gostar romanticamente de alguém (no primeiro semestre de 2019), pois tinha medo de que isso fosse algum bloqueio causado por traumas devido o relacionamento instável dos meus pais. E justamente nesse momento um rapaz me convidou para um encontro e eu aceitei. Foi meu primeiro encontro. (...). A gente caminhou e conversou muito, eu estava nervosa e ele conduziu tudo de uma forma que me senti confortável. Em algum momento ele fez uma pergunta sobre relacionamentos que me levou a falar que eu nunca tive nenhum contato amoroso, revelei sobre a assexualidade (a primeira vez que expliquei para alguém que não fosse meu psicólogo) e disse também que estava aberta a novas experiências no sentido romântico. E chegando ao final do parque ele me beijou (eu não esperava, o tempo todo tentei manter uma certa distância). Foi muito fofo e carinhoso: me abraçou, andou de mãos dadas...Mas quando chegamos ao carro dele eu me senti pressionada a ter um contato mais íntimo com ele (beijos e toques). Foi uma sensação horrível. Eu me senti muito errada por muito tempo (no sentido de culpa, nojo de mim, etc.). Mas significou que eu deveria tentar. Foram emoções muito conflituosas. (Amélia, 2020).

Após este episódio, Amélia decidiu que não se prenderia a rótulos relacionados à atração romântica, para assim poder ter a liberdade de “experimentar e ter experiências” novas. De acordo com Amélia, seu contato com a comunidade A2 alterou sua forma de explicar assexualidade através da aquisição dos termos relacionados aos tipos diferentes de atração existentes, ganhando uma especificidade em seu modo de explicação da própria experiência. Hoje em dia, ela se considera uma assexual heterorromântica.

Ao comentar sobre essa mudança na forma como ela sente a necessidade ou não de possuir rótulos identitários, Amélia associa a ideia de “se prender a rótulos” com sua experiência com o primeiro psicólogo com o qual se consultou, aos 17 anos. Este psicólogo foi a primeira pessoa para quem ela explicou o que seria assexualidade e sua identificação com tal orientação sexual. Isto teria ocorrido durante um período de intenso sofrimento psíquico para a entrevistada. Devido ao conteúdo sensível deste relato, partes foram omitidas:

Amélia: Eu comentei algumas vezes sobre a assexualidade(...) Eu contei sobre as minhas experiências amorosas (falei que decidi me afastar daquele primeiro

rapaz porque o relacionamento não seria justo com ambos, já que eu sou ace e ele allo, alguém teria que ceder e eu não estava disposta) e a assexualidade. Ele ficou preocupado com isso, não lembro exatamente suas palavras. Disse que eu estava usando a assexualidade como mecanismo de fulga e isso me limitaria, segundo ele, eu não poderia me considerar assexual sem nem ao menos ter relações sexuais. Fiquei brava com isso.

Interlocutor: eu sinto muito que você tenha passado por isso no seu processo terapêutico. gostaria de reforçar que podemos parar a qualquer momento durante essa entrevista e retornar em outro momento.

Amélia: Podemos continuar.

Interlocutor: certo :). Você sentia que ele entendia o que você estava falando quando se referia a assexualidade, atração sexual e outros termos que você entrou em contato após pesquisar sobre o assunto?

Amélia: Não parecia. Senti alguns preconceitos que normalmente allos (allossexuais) manifestam. Por exemplo precisar ter alguma experiência com o sexo para validar a minha assexualidade. Para ele era como se eu estivesse me escondendo em um rótulo que me limitaria, uma espécie de negação.

Interlocutor: Como foi pra você ter essa sensação de que ele não entendia?

Amélia: Concordo com a parte de ser uma limitação, mas não da forma que pensam. Pode limitar minha vida no sentido de reduzir a possibilidade de ter um relacionamento (em relação ao número reduzido de possíveis parceiros). Mas não é uma condenação, nem algo fixo, eu determino isso; se quero só me relacionar com assexuais ou tentar algo com allos (com ou sem sexo). Agora quanto a negação, acho puro preconceito e ignorância.

Interlocutor: você sente que ter um conceito como o de "assexualidade" influencia como você encara esses momentos de conflito ou discriminação?

Amélia: Sim. Funciona como suporte.

Interlocutor: suporte em que sentido?

Amélia: Porque eu sei que é algo normal, não uma doença. É um apoio, a comunidade pode me acolher e sei que outras pessoas me entendem.

Ao longo da entrevista, a comunidade A2 é posicionada em contraste a essa experiência de discriminação e injustiça. Para Amélia, a comunidade foi crucial para sua história de vida. O fórum teve papel como um lugar de “suporte, acolhimento, autoconhecimento e aceitação de si”. O contato com outros sujeitos assexuais e o cessar da sensação de solidão foram pontos recorrentes de seu relato. Para ela, a comunidade hoje em dia funciona como uma fonte pela qual ela pode tirar dúvidas, interagir e conhecer novas pessoas. Após se tornar membra da comunidade A2, Amélia também participa de outros três grupos de assexuais na rede social Facebook. Em seu relato, as comunidades possuem focos diferentes entre si, sejam destinadas a relacionamentos românticos ou focadas numa

determinada região do país. Para além desses grupos, vídeos no youtube são sua principal forma de consumo de material acerca da assexualidade, ou que sejam produzidos por assexuais.

Uma particularidade da participação de grupos no facebook ou de divulgação de materiais através desta rede social é que o perfil usado por Amélia é o mesmo ao qual seus familiares e amigos têm acesso. Quando perguntei como ela respondia a questionamentos acerca da sua sexualidade hoje em dia, ela me respondeu que as pessoas do seu convívio imediato simplesmente não perguntam sobre o assunto. Ela afirma que jamais falou abertamente com seus familiares ou amigos, apesar de compartilhar publicações sobre assexualidade em suas redes sociais. Nenhum deles jamais a perguntou sobre sua motivação para compartilhar tais postagens.

Por fim, encerrei a entrevista perguntando a Amélia como ela se sentia sobre ser assexual, e ela me respondeu da seguinte forma:

“Na maioria das vezes sinto que não faz muita diferença na minha vida, sinto-me bem com isso. Mas algumas vezes gera insegurança (em relação ao allo que citei), um certo medo de não ser o suficiente (sinto ser insuficiente) no sentido de não "poder" satisfazer completamente as necessidades de um parceiro não sexual e que se existem tantas pessoas "normais" que não teriam o menor receio de ter relações sexuais, por que ele ficaria comigo? Muitas pessoas (pelo que notei), mesmo sentindo atração romântica escolhem ficar sozinhas, devido a dificuldade de encontrar um parceiro (a) ace compatível, que more perto e tenha sentimentos por elas. Algumas vezes penso como elas, mas no geral tento ser otimista e continuo tentando. (Amélia, 2020)”

Relato 2: Bruna

A entrevista com Bruna foi realizada através do whatsapp, com o uso de mensagens de texto em áudio. Ela tem 20 anos e se identifica como arromântica e bissexual. Bruna iniciou seu relato falando sobre a primeira vez que se sentiu atraída por outra pessoa, uma outra menina, quando ela tinha 12 anos. Entretanto, ela só veio a entender essa experiência como atração três anos depois, quando começou a se entender como bissexual.

Durante o ensino médio, ela se comparava bastante com as colegas de sala, afirma Bruna. Ver as pessoas ao seu redor namorando ou conversando sobre relacionamentos românticos a faziam sentir-se obrigada a também buscar e iniciar um namoro.

“Antes eu via muito as pessoas a minha volta namorando. Eu tinha uma amiga muito próxima no ensino médio e ela era muito de namorar. Ela tava sempre namorando e quando ela não tava namorando, ela estava falando sobre alguém que ela gostava, e eu simplesmente não entendia aquilo. Como algo, tipo, que eu queria me relacionar e tal... Aí eu ficava na obrigação, “Aí, daqui alguns anos eu vou ter que namorar”. Não era assim que eu pensava, mas era assim que eu sentia, que eu tinha que namorar, que era uma obrigação. E... e eu sentia que namorar era uma obrigação, aí depois que descobri o termo (arromantismo), eu me senti mais tranquila. Porque eu entendi que existem pessoas que sentem diferentes níveis de atração romântica e que não sou obrigada a namorar. Eu sentia que era uma obrigação social namorar. Aí depois que descobri a comunidade, eu conversei com várias pessoas e aí descobri que tem pessoas que sentem mais atração romântica, tem pessoas que sentem menos. Igual eu, eu sinto atração platônica, e eu não quero namorar na vida real. Eu gosto da pessoa na minha cabeça [risos], e descobrindo o termo meio que me libertou dessa obrigação. Que eu vejo na sociedade, que tem muito disso em livro, em filme. Sempre tem um relacionamento romântico e as vezes eu me sentia incomodada de sempre ver essas demonstrações e eu não me sentir daquele jeito. Conhecer o termo me libertou dessa obrigação, que eu mesmo me coloquei, observando ao meu redor. De que eu tinha que namorar, de que eu tinha que fazer aquilo, quando eu não tenho obrigação nenhuma. (Bruna, 2020)”

Bruna descobriu o termo “arromântica” aos 17 anos, através de um vídeo no youtube com o qual ela imediatamente se identificou. Após este momento, ela começou a ler mais sobre o termo dentro da comunidade A2 e a conversar com outras pessoas que se sentiam de forma semelhante.

“Eu acompanhava muitos YouTubers americanos e ingleses transexuais. Gostava dos relatos deles, de aprender suas vivências. Até que um dia, um deles fez uma série de vídeos sobre a comunidade ace. Pois era a semana da visibilidade e etc. Aí em um dos vídeos eles falaram sobre arromânticos, aí fiquei querendo procurar mais até que cheguei na comunidade. Lembro de ficar muito feliz lendo relatos de pessoas arromânticas e de me identificar demais com elas. Tenho um amigo ace e a gente conversou muito sobre o assunto. Me ajudou a não me sentir tão diferente (Bruna, 2020)”

Quando perguntei para a entrevistada como ela explicava o que significava ser arromântica, ela me explicou do seguinte modo:

Bruna: Eu não entendo muito relacionamentos românticos. O amor romântico em si e a necessidade de estar em um relacionamento. Eu me sentia meio mal por ver as pessoas ao meu redor namorando, e quando descobri o termo, me libertei disso. Acredito que pessoas do espectro arromântico são pessoas que não sentem ou sentem pouca atração romântica. Eu sinto atração platônica mas não quero que essa atração se estenda na vida real. O termo para essa subcategoria é lithromântica. Mas as vezes me sinto arromântica e as vezes lithromântica. Depende da situação

Interlocutor: Poderia me falar um pouco sobre o que significa ser lithromântica?

Bruna: Me sinto diferente e por vezes deslocada em conversas com pessoas românticas. Não sei dar conselhos românticos por não entender, e as vezes acho repetitivo quando algum amigo fica falando só sobre suas experiências amorosas, por não me identificar. Hoje já estou mais tranquila quanto a isso. Mas principalmente no ensino médio eu me sentia bem diferente.

Interlocutor: Diferente como?

Bruna: Diferente por não me sentir igual aos outros colegas de classe. Querendo namorar, e ter encontros românticos. E ficar falando toda hora sobre isso. Me sentia deslocada

Interlocutor: O que você sente que mudou de lá pra cá?

Bruna: Comecei a fazer terapia e parei de ficar me comparando demais com os outros. A comunidade também me ajudou demais.

De acordo com Bruna, ela associa o alívio dessa sensação de deslocamento e desconforto em relação ao modo como sua experiência se diferenciava de seus pares à sua entrada na comunidade A2 e ter começado a fazer terapia com uma psicóloga. Ambas as mudanças no seu contexto de vida a teriam ajudado a diminuir esta tendência a tentar se comparar aos outros. Através da partilha de experiências ela e outros membros da comunidade A2, Bruna relata que começou a se sentir livre da obrigação de ter que se relacionar romanticamente com alguém e aceitar suas próprias preferências para relações sexuais. Os conceitos de tipos de atração teriam sido particularmente úteis nesta mudança de perspectiva sobre a própria experiência. Através da pesquisa sobre este tema, ela afirma, que se tornou apta a trocar experiências com pessoas que compartilhavam deste senso de inadequação em relação a expectativas sociais acerca de sua sexualidade.

“Acredito que mesmo antes de descobrir o termo eu já me relacionava de forma estritamente sexual com as pessoas. Sem envolvimento emocional ou romântico. Mas descobrir o termo me ajudou a administrar melhor isso. A me mostrar que não sou sem coração, que não preciso me obrigar a gostar de volta de alguém de forma romântica, (Bruna, 2020)”

Ao falar dessas experiências de identificação com a experiência de outros membros da comunidade assexual, ela também relata sua preferência por consumir histórias que não girem em torno de romance pelo motivo contrário. Ao não se ver em filmes e livros nos quais relacionamentos românticos são um elemento importante nessas narrativas, ela não consegue manter-se interessada ou entretida. Quando perguntei se havia alguma personagem ou história com a qual ela se identificava por ser aromântica ou assexual, ela me disse que não possuía

nenhuma personagem com a qual isso acontecesse. Ela afirma jamais ter visto ou lido nenhuma obra que os personagens sejam arromânticos ou assexuais. Os exemplos de personagens assexuais que a entrevistada diz já ter ouvido falar são Todd, personagem secundário da série animada, *Bojack Horseman*, e Sherlock da série *Sherlock* (2010). Entretanto, ela afirma que o caso da série *Sherlock*, seria uma leitura feita por fãs do programa, que se dividem entre um grupo que interpreta certos traços do protagonista da série como um sinal de que ele é arromântico, enquanto outros lêem como um sinal de sociopatia.

Quando questionada se pessoas do seu convívio direto sabiam que ela é arromântica, a entrevistada afirmou não conversar sobre o assunto com as pessoas de seu convívio imediato, com exceção de amigos íntimos. Já seus pais saberiam que ela é bissexual e que ela acredita que eles achem natural o fato de ela não namorar, apesar de episódios nos quais a mãe cobrou que ela entrasse num relacionamento romântico após ambas descobrirem que uma prima de idade próxima à de Bruna estava namorando. Acerca da reação das pessoas com as quais Bruna conversou sobre ser arromântica, ela afirmou o seguinte:

Bruna: Tem gente que meio que faz uma cara que não acredita. Ou meio que ri. Uns falam que já ouviram falar não nunca ouviram falar. Uns falam que é fase.

Interlocutor: Por que você acha que as pessoas reagiram assim?

Bruna: Falta de informação mesmo. Ou falta de empatia também, por não levar o sentimento dos outros a sério. (...) A pessoa não quer se colocar no lugar da outra, e quando recebe essa nova informação, faz piada e não acredita. Ou mesmo que conheça o termo, não quer mudar sua forma de pensar.

Além da comunidade A2, Bruna também é participante da AVEN e de uma comunidade própria para pessoas arromânticas, ambas para falantes da língua inglesa. Ela afirma que a experiência de fazer parte destas duas comunidades foi bastante educativa, pois elas possuem um material teórico mais extenso. Entretanto, sua identificação devido à língua e a maior semelhança nos relatos feitos pelos membros faz com que ela se identifique mais com a comunidade A2, espaço no qual ela pôde fazer amigos cuja importância na sua trajetória de vida iria além deste processo de descobrir-se arromântica.

Relato 3 - Cecília.

Cecília é uma mulher assexual e homorromântica, de 23 anos e sua entrevista foi feita através de uma chamada de voz via Skype. Ao iniciar seu relato sobre sua trajetória no processo de construção de sua identidade como uma pessoa assexual, ela faz explícito como o processo de entender-se assexual e entender homorromântica ocorreram de forma conjunta, mas se trata de aspectos diferentes de sua identidade que possuem suas próprias narrativas em sua história de vida.

“Acho que eu sempre tive tendências a me imaginar tendo relacionamentos duradouros e construir vida e família com meninas e mulheres, quando eu era bem novinha já. Mas como a gente não é apresentado isso como um relacionamento e como eu não tava imaginando beijo, e coisas do tipo, eu me entendi como uma pessoa heterossexual até mais ou menos os quinze anos. Que foi quando minha atual namorada, que era só uma amiga de longa data me mandou um link, que era inclusive da página da qual o fórum que a gente se falou faz parte (A comunidade A2), que explicava o que era assexualidade. Ela mandou porque ela se identificou como, com aquilo que tava descrito. Aí eu li e achei esquisito, e depois eu fiquei pensando naquilo e percebi que descrevia muito bem os sentimentos que eu tinha. De que eu não chegava a sentir aquela... Eu não achava que a minha experiência com como eu tava me relacionando com as pessoas estava batendo muito como meus outros colegas adolescentes estavam descrevendo. Como eles olhavam para homens, no caso, mesmo. Para mulheres também, porque naquele ponto, quando você repara que você não tá se identificando, você começa a se perguntar se você sente o mesmo por mulheres. Aí você não sente aí você assume que tava sentindo isso por homens. Então eu fui e demorei duas semanas processando e aí eu achei muito simples assim, quando bateu e vi que era aquilo. E percebi que era a identidade que se encaixava melhor, fiz uma análise do que tinha acontecido antes e percebi que nunca tinha sentido atração por ninguém. E comecei a me identificar assim dali pra frente. Inicialmente, eu achei que eu era (assexual) romântica, e aí o processo de perceber que eu não tava interessada em construir relacionamentos com homens demorou bastante tempo assim. Acho que fui chegar nessa conclusão no ano passado, mais ou menos. Que eu tenho 23, então faz um tempinho. (Cecilia, 2020)”

Cecília continua seu relato dizendo que uma vez que ela se entendeu assexual, intuiu que sua atração romântica não seria associada a nenhuma identidade de gênero, pois há uma expectativa de que essa atração estaria associada ao relacionamento com determinados indivíduos, não a uma categoria de identidades de gênero, sexo ou fenotipos. Entretanto, ao comparar diferenças nas formas como homens e mulheres se relacionam, ela percebe que os modelos de relacionamento não operam do mesmo jeito. Para ela, tanto sua preferência para certos modelos de relacionamento, quanto as versões de seu futuro que ela imaginava sempre apontavam para relacionamentos e atrações românticas por mulheres.

“Eu já não tenho um modelo de relacionamento padrão porque sou estritamente não-monogâmica. Não tenho interesse em monogamia. Então, foi um pouco mais difícil ainda, pois o modelo heterossexual é muito mais apegadoem geral quando ele é monogâmico. E relacionamentos não monogâmicos têm todas as suas regrinhas... ou são mais fluidos às vezes. Então, eu achei que tava só nesse campo de modelo de relacionamento, mas fui reparando que toda vez que eu imaginava com a possibilidade de construir um relacionamento com alguém, era sempre com mulheres. Eu to num relacionamento com uma menina desde os 16. E foi só uma questão de perceber que não tava acontecendo o contrário. De que achei que era uma questão de não importar porque você não sente atração por ninguém, quando claramente importa porque eu não tava pensando em um dos gêneros como opção. (Cecilia, 2020)”

Quando questionada sobre se este processo de transição, no qual o entendimento sobre sua própria orientação sexual, em termos de identidade social e preferências de modos de relacionamento, alterou algo em sua vida, Cecília afirma que alterou de diferentes formas. A primeira mudança que ela cita é que possibilitou viver o seu atual relacionamento. A segunda é que solucionou o dilema acerca de uma percepção de que haveria algo errado com si mesma, que ocorre quando uma pessoa assexual percebe que não sente atração por ninguém ao seu redor. Esta experiência de reconhecer uma “ausência” de atração sexual iria contra percepções pré-estabelecidas de si enquanto uma pessoa heterossexual e allossexual, mesmo que ainda não se possuía uma linguagem ou consciência para descrever em tais termos.

”Eu definitivamente percebia que não tava sentindo nem perto do mesmo nível de intensidade (de atração sexual), e no fim era mais do que só intensidade. Na época parecia só intensidade mesmo. Foi isso. Tirou um peso das costas, e que ajudou a acalmar a questão mesmo, ficar uma coisa mais tranquila. Ajudou bastante na confiança... de que eu não ia morrer sozinha. Eu já vi muitas vezes as pessoas falarem disso na comunidade assexual. LGBT fala disso em geral, na verdade. Desse sentimento de “vou morrer sozinha”. Acalmou bastante quando descobri que existiam outras pessoas que sentiam-se da mesma forma que eu quanto à assexualidade. (Cecilia, 2020)”

Para Cecília, não só este episódio no qual sua atual namorada, e na época amiga, lhe apresentou a definição de assexualidade, mas também já estar num processo longo de pensar sobre a própria capacidade de atração sexual. Comparando a forma como as pessoas ao seu redor descreviam sentir atração em situações como, por exemplo, alguém mostrar para ela uma foto de uma pessoa e comentar da beleza física dela, e perceber como sua reação a este tipo de estímulo é discrepantemente menor. Para além disso, o fator de sua imagem de um

relacionamento ideal não ser constituído por um relacionamento heterossexual, já a fazia questionar sobre sua própria identidade.

“Eu sou assexual restrita, eu não acho que já senti atração sexual por alguém. Eu sou homorromântica, então quando eu sinto vontade de construir um relacionamento, é uma coisa bem mais... é como se fosse focado nas coisas que não tem muita relação com... é como se fosse uma amizade, mas que envolve toda parte de um relacionamento romântico que... É difícil de explicar. Na verdade é muito mais...você olha pra uma pessoa e você já conhece ela há um tempo e sua atração é muito mais pela personalidade do que qualquer outra coisa (...). Você já se imagina namorando com essa pessoa, se você imagina construindo essa pessoa, tendo encontros com ela. (Cecília, 2020)”

De acordo com a entrevistada, este tipo de experiência de atração e estar num relacionamento não-monogâmico são fatores que possuem pouca interação nesse relacionamento. Ela e a namorada já se envolveram com outras pessoas, seja tendo encontros com outras pessoas ou beijando alguém numa festa por diversão. Para ela, o relacionamento dela com a namorada está muito mais voltado ao afeto que ambas sentem uma pela outra e pelo papel que possuem na vida da outra, do que no encaixe aos moldes de um relacionamento heteronormativo.

“Eu acho que quando você é assexual e tá num relacionamento entre duas mulheres, é muito óbvio que o modelo não foi feito para você. Então a gente meio que não se sente com muita vontade de segui-lo para começo de conversa. (Cecília, 2020)”.

O relato de Cecília deste ponto prossegue para falar de outras formas nas quais o resto da sociedade não entende a assexualidade, e busca formas de explicá-la através de julgamentos morais ou patologizantes. Para ela, a sociedade tende a encarar assexuais como pessoas que possuem medo de sexo, é uma pessoa conservadora, religiosa ou que necessitam de algum diagnóstico. Um exemplo retirado da sua própria experiência é uma psiquiatra que ela consultou para um possível diagnóstico de TDAH inseriu “falta de atração sexual” como um possível sintoma para diagnosticá-la com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

Para além dessas três possíveis categorias que ela traz para leituras que geralmente são feitas por sujeitos allossexuais acerca da sociedade, Cecília também cita como o mesmo ocorre dentro do meio LGBT. Quando perguntei sobre o assunto, ela compartilhou sua perspectiva acerca do assunto, descrevendo um movimento exclusionário dentro de grupos LGBT em relação à assexualidade. Para ela, este grupo seria formado principalmente por gays e lésbicas cisgênero, geralmente brancos, que tentariam excluir quaisquer grupos em situação

de maior vulnerabilidade ou com menor visibilidade ao afirmarem que não se trataria de sexualidades legítimas. A entrevistada cita tanto assexuais quanto transsexuais como categorias identitárias que sofreram este tipo de discriminação dentro de movimentos e espaços de maioria LGBT.

Interlocutor: Você fala no sentido de desconsiderar ou não se falar sobre?

Cecília: As duas coisas. “isso aqui não deveria estar sendo tratado nesse espaço, porque não é sobre a sexualidade das pessoas. E um “isso não é importante para a comunidade como um todo.”

Interlocutor: Como você sente sobre isso, enquanto uma mulher que é assexual e que é homorromântica? Porque pelo que você fala, eles diriam que esse espaço não é seu por ser assexual, mas seria por outro lado seria na visão deles já que você é uma mulher lésbica.

Cecília: Eu nunca estive em questão assim, porque minha um ano depois de descobrir minha sexualidade, um ano depois eu comecei a namorar uma mulher e até hoje continuo. Ninguém vai questionar que estou dentro da comunidade LGBT. Eu geralmente me identifico como lésbica, porque qualquer vitória pro movimento lésbico é uma vitória pra mim diretamente. E politicamente é mais viável, sempre que tenho o espaço, eu vou falar de sexualidade, mas, isso é outra questão. Eu acho uma puta idiotice. É muito idiota você separar. Querer jogar os problemas pro lado como se o central do LGBT fossem os homens gays principalmente, depois as mulheres lésbicas mais recentemente, porque nem começou assim. Começou com pessoas trans para começo de conversa. E é um movimento de falar de sexualidades e identidades de gêneros como um todo, e pessoas desviantes da cisgêneridade, da heterossexualidade e até do heteronormativo, porque já vi pessoas incluindo não-monogamia no movimento LGBT, e eu não sei como me sinto sobre isso. Eu acho contraproducente, eu acho um movimento muito burro, mas não acho que é um movimento vindo de um lugar racional. Eu acho que é só reparar que você tá no topo e tentar chutar as pessoas embaixo para subir um pouquinho mesmo. Um topo da comunidade LGBT, não da sociedade.

Cecília posteriormente compara como ela enxerga os processos de construção de identidade de sujeitos assexuais em relação aos de jovens com outras sexualidades não-normativas. Para a entrevistada, o processo de descoberta da assexualidade acaba sendo menos “óbvio”. Isto se daria à dificuldade de acesso à informação acerca do assunto em contraste com a disseminação de informações acerca de identidades com o “gay” ou “lésbica”, que apesar de não serem completamente aceitos pela sociedade como um todo, seriam rótulos identitários presentes no imaginário popular. Para a entrevista, o processo de descobrir-se assexual na adolescência envolve imaginar que se possui algum tipo de problema ou tipo muito específico de atração, como algum tipo de fetiche, e você começa a buscar algo que se encaixe. Nisso comunidades como a A2 são encontradas por estes jovens, como ocorreu com a namorada de Cecília, que a introduziu ao fórum.

“Quando eu me descobri, ninguém estava falando sobre isso. Eu fui encontrar e a primeira vez que vi foi um texto e li o texto e me identifiquei. Eu acho que tem isso. Se descobrir assexual tem muito a ver com acessar o fato de que assexualidade existe. Essa diferença é bem grande. Você vê lésbicas as vezes, e geralmente é uma experiência muito ruim porque elas geralmente morrem nas coisas de ficção. E elas geralmente são categorizadas como aquelas amigas que moram juntas há quarenta anos, quando elas são um casal na vida real. E você vê homens gays e eles estão sendo tratados de uma forma muito ruim. E você vê pessoas trans na rua também. Mas pessoas assexuais são meio invisíveis. Ninguém fala sobre elas. Tem essa camada de não saber que existe. E é menos óbvio, porque é mais difícil perceber uma negativa do que um positivo. É mais fácil você perceber atração por alguém, do que perceber que você não sente atração por ninguém. Por exemplo, se eu não tivesse visto ninguém falando sobre atração, eu ia perceber que minha experiência é diferente deles. Eu ia perceber que há algo de ‘estranho’ ali. E as outras sexualidades tem um pouco de comparação de fora, mas elas que elas dependem menos disso porque você já tá sentindo alguma coisa direcionada a outra pessoa. (Cecilia, 2020)”

Quando questionada se pessoas do seu convívio imediato sabiam que ela é assexual, a entrevistada respondeu que seus amigos sabem, mas seus pais não. Isto se deve a uma reação já negativa a quando ela “saiu do armário” e assumiu o relacionamento com outra mulher, o que a desestimulou a explicar de forma mais a fundo sua orientação sexual. Cecília começou a contar para seus amigos que ela era assexual um ano antes de a entrevista ser realizada, quando ela tinha 22 anos. Ela relatou que, com exceção de uma pessoa, ninguém do seu convívio imediato a lia como lésbica, o que fez com que ela compartilhasse sobre identidade enquanto lésbica e assexual de forma conjunta. Dentre das mudanças que assumir um relacionamento com uma mulher trouxe, a entrevistada cita o cessar de amigos tecendo comentários acerca de como ela um dia encontraria o “homem certo” para se relacionar romanticamente, assim como ela começou a ser lida como lésbica (e muitas vezes como allosexual) nos espaços públicos que ocupa.

Interlocutor: E o quanto é importante é para você que as pessoas saibam que você é assexual?

Cecília: Tem camadas para esta resposta. Primeiro que “performar” que você tá sentindo atração é um saco. Então eu gosto de tirar isso da equação o mais rápido possível, porque você fala “eu sou lésbica” e sua amiga de hetero vai, ou ficar assustada como já aconteceu, ou ela vai começar a te mandar fotos de mulheres bonitas para ficar “olha que gata”. E eu não tenho boas reações para isso. Eu não ligo, mas eu não sei o que dizer [risos]. Então eu gosto de tirar essa possibilidade logo. A do medo eu acho uma palhaçada e fico puta. Eu não informo muito meu comportamento por isso. É mais por não querer performar mesmo. Mas no contexto atual, grande parte das minhas amizades estão se formando em psicologia, então vem de outro lugar. Eu quero conversar com essas pessoas sobre isso, porque eu não quero que elas usem um discurso de patologização no consultório delas. .

De acordo com a entrevistada, o sentimento de cobrança por uma performance sobre atração foi se reduzindo com a passagem do tempo. Retornando ao exemplo de quando uma amiga lhe mostrava uma foto de um homem atraente, a necessidade de buscar e supor algo que seria atraente de se dizer sobre aquela foto era um desafio constante. Outro desafio era o de buscar uma resposta adequada à pergunta de “qual é o seu tipo de homem?”, que, de acordo com a entrevistada, era respondida com a enunciação de padrões heteronormativos de beleza.

Cecília continua seu relato contrastando este tipo de experiência em ambientes heteronormativos com suas interações com mulheres lésbicas. Para ela, instâncias nas quais se está falando sobre a aparência ou o quão atraentes outras pessoas são. Suas conversas geralmente eram em torno da partilha de interesses comuns ou o compartilhamento de artefatos culturais, como filmes ou jogos, em que lésbicas são representadas positivamente. Quando perguntei sobre como era se relacionar com outras mulheres em que gestos como beijar, que são normalmente associados a atração sexual, ela respondeu da seguinte forma:

“Cecília: É bem... as vezes eu tô nos espaços, e a menina chega em mim e eu olho pra ela. E eu penso “eu beijaria essa pessoa agora”. Geralmente isso varia bastante, se eu tô com vontade de beijar alguém ou não, e é bem do momento. E se eu tô lá e a pessoa chegou em mim, a gente começa conversar. E as vezes a gente fica conversando até o resto da noite, isso já aconteceu algumas vezes e é bem divertido. Eu acho bem legal. Mas eu nunca fui atrás de ninguém, porque eu não sei. Eu sinto que pessoas que tem atração tem essa facilidade de que elas olham prum bar e elas tem orientação de pra onde ir, porque elas sentem atração. Se eu olhar prum bar, eu não vou fazer nada, porque não sei como fazer.

Interlocutor: E você sente que essa experiência é diferente da de outras pessoas que são heterorromânticas ou heterromânticas?

Cecília: De heterorromânticas eu não sei muito sobre isso especificamente. De mulheres lésbicas em geral não são muito de se pegar casualmente uma vez e nunca mais se falarem, que é como eu gosto de fazer isso. Então, tem uma diferença nisso, mas claramente outras mulheres lésbicas e bissexuais fazem isso, porque elas chegam em mim [risos]. E eu aviso logo de cara, porque eu tenho um relacionamento.”

Por mim, a entrevista com Cecília termina quando pergunto qual é o papel que a comunidade A2 tem em sua vida. A entrevistada afirma que no passado, a comunidade A2 tinha uma grande importância, quando ela tinha um interesse maior por discutir e debater

assuntos no fórum. Hoje em dia, ela entra bem menos frequentemente, e normalmente para responder e conversar com recém-chegados.

Relato 4 - Denise

Denise é uma adolescente de 23 anos e sua entrevista foi realizada através de uma chamada de voz e vídeo na plataforma skype. A entrevistada se define como uma assexual estrita e romântica, ainda incerta sobre se ela se chamaria de heteromântica ou não, fazendo menção ao fato de que ela sempre se comportou de forma heteromântica até o presente momento de sua vida. Ao falar de como ela chegou na forma de identificação que ela hoje utiliza, ela afirma o seguinte

“Eu demorei de chegar nisso (se descrever como assexual) porque até os 17 anos eu não sabia. Eu só achava que eu era muito doente, mesmo, ou qualquer coisa do tipo. E eu já namorava, e vão fazer nove anos que estamos juntos, e naquela ele chegou e me falou “você já pensou que você pode ser assexual?”. Aí eu fiquei “puts [sic], não”, porque você nunca pensa que vai acontecer isso com você, ou sei lá. Todo mundo já nasce achando que é hetero e todo mundo concordando que é mesmo. Aí foi meio que uma pessoa de fora observando meu comportamento de fora e falou “eu acho que é isso”. A partir daí foi pela internet. (Denise, 2020)”

Quando questionada sobre como foi este uso da internet neste processo de descoberta da própria sexualidade, Denise afirma que utilizava bastante a rede social de microblogging *tumblr*, que para ela possuía um caráter mais receptivo à comunidade LGBT do que outras redes sociais nesta época. No *tumblr*, ela encontrou informações sobre a AVEN e começou a ler mais sobre assexualidade, principalmente textos em inglês devido à escassez de material sobre o assunto vinda de fontes brasileiras. Eventualmente, ela sentiu a necessidade de buscar contato com outros brasileiros assexuais, tanto com um propósito voltado para o ativismo do movimento assexual quanto por um sentimento de cansaço em ter contato apenas com versões e relatos vindos dos EUA e da Europa acerca do que seria assexualidade. Com isso, Denise narra em seu relato que começou a frequentar fóruns brasileiros sobre assexualidade, sendo a comunidade A2 um dos primeiros visitados. Para ela, enquanto há um risco em se descrever exclusivamente por rótulos, descobrir o que é assexualidade “a salvou de um buraco”, pois permitiu que ela parasse de se ver como uma pessoa que precisa de tratamento e pudesse viver sua vida de forma mais tranquila.

Denise foi inicialmente ativa por alguns meses no fórum A2, onde ela percebeu diferenças entre as conversas que aconteciam entre comunidades assexuais internacionais e as

de brasileiras. Ela pôde descobrir problemas específicos dos brasileiros com assexualidade, como, por exemplo, uma menor aceitação da comunidade LGBT no Brasil aos assexuais em contraste com os EUA e do acesso de informações acerca do que é assexualidade. Outra diferença trazida por Denise na sua visão acerca das comunidades assexuais brasileiras é de que elas se mostram mais resistentes a revelarem a própria identidade ou mostrarem quem são assexuais fora do próprio fórum, além de possuírem um caráter mais conservador. Durante a entrevista, Denise ressalta que a comunidade A2 era um ótimo espaço para o acolhimento e descoberta pessoal para seus membros. A estrutura do próprio fórum seria útil devido ao anonimato que ele proporciona, com seu enfoque explícito em conversar sobre temáticas da vivência assexual e espaços destinados para desabafos e partilhas de histórias de vida. Entretanto, a entrevistada relatou que a postura mais retraída de outros participantes eventualmente se mostrou em conflito com a necessidade que ela sentia de discutir assexualidade em espaços mais públicos e mais plurais. Isso a levou a um distanciamento do grupo para explorar outras possibilidades e formas de ativismo. Para ela, este conflito entre a sua forma de ativismo e os de outros membros da comunidade tocava não só sua visão acerca do movimento assexual, mas outras pautas sociais que ela considerava importantes.

“Denise: Eu meio que cansei de tentar me descobrir e resolvi me conectar. Então minha jornada foi de tentar conversar com outras pessoas que eram parecidas comigo, porque já passei uma boa parte da minha vida ouvindo que eu era uma maluca.

Interlocutor: Em que contexto você ouvia isso, que você era uma “maluca”?

Denise: Bom, eu nunca fui de conversar muito sobre esse assunto com minha família. Eles não são nem totalmente horríveis, homofóbicos, nem nada, mas também não são pessoas totalmente esclarecidas sobre esse assunto, então eu deixava isso pra lá. Na escola, desde pequena, eu primeiro percebia que eu era diferente dos meus colegas desde muito criança, e aí na adolescência a gente começa a falar sobre sexualidade, de quem você gosta, de com quem você ficaria, e não sei quem lá. E eu meio que não conseguia pegar nada. Então, meus amigos só me zoavam bastante e como eu tinha zero embasamento do que eu deveria ser, eu só aceitava o que eles me falavam. Que eu era esquisita, que eu era maluca, que sei lá... precisava de um tempo para crescer ou algo do tipo”.

Quando questionada sobre se ela já sabia o que era assexualidade antes deste ponto de virada, que foi seu namorado, que é allosexual, perguntar se ela era assexual, Denise diz nunca ter ouvido o termo. Ao invés de afirmar sobre a sexualidade dela, ela disse que seu namorado apenas a questionou neste momento e indicou formas que ela poderia ler mais sobre, sem maiores insistências. Ao olhar para estes episódios na sua história de vida, Denise descreve que o seu “sentir-se assexual” vem primeiro de um olhar para os outros e não compreender o comportamento de seus pares na adolescência acerca de sexualidade e interesse e outros sujeitos, e começa a se perceber e ser percebida como diferente. Deste ponto em diante, seu processo foi de descobrir mais sobre assexualidade e rever aspectos da sua experiência subjetiva.

Denise traz que estar num relacionamento romântico durante este processo foi um fator importante no processo de construção da própria identidade, pois estava constantemente entrando em conflito com expectativas que podem ser descritas como advindas de scripts socialmente compartilhados de o que seria um relacionamento saudável e ideal. Entretanto, ela descarta que a assexualidade explique todos os aspectos de suas preferências e predisposições afetivo-sexuais.

Denise: Eu sempre fui uma pessoa de autoestima baixa, pode até ser uma coisa ligada a eu me sentir diferente de todo mundo, e aí eu demorei um pouco para me apropriar do termo. Eu sempre via essas coisas como uma coisa muito distante de mim. Por que justamente eu seria assexual? Pode ser que eu seja só mais uma menina maluca mesmo, porque é isso que sempre achei. Mas, conforme eu ia lendo, as coisas iam batendo mais e mais. Eu era meio nova, mas conforme eu fui passando pela minha adolescência, eu fui entendendo cada vez mais meus aspectos, inclusive estando dentro de um relacionamento onde você se depara com o que você sempre foi ensinada que é o normal, o que você tem vontade de fazer e o que acontece. São três coisas bem diferentes, e a partir daí eu fui tomando coragem para me apropriar do termo.

Interlocutor: Você poderia falar um pouco mais da diferença dessas “três coisas”? Parece interessante.

Denise: Bom, o que a gente sempre acha que é normal, que foi o que falei é que “o menino gosta da menina, a menina gosta do menino” e é uma coisa bastante romântica, sempre encostar bastante um no outro, e depois ter relações sexuais e que é isso é bom, e que isso é uma parte intrínseca do relacionamento, e que isso mantém

a chama acesa. E nada disso é o que eu quero. Eu não sou uma pessoa que gosta muito de encostar, eu não sou uma pessoa que gosta muito de beijar e eu não acho que isso tenha a ver com minha assexualidade, mas isso meio que junta, né. Então, eu já não gosto de fazer sexo. Eu sou meio repulsiva (em relação a sexo), eu não recebo muito bem essa ideia de fazer sexo. Eu nunca quis tentar fazer para agradar ninguém, e eu não sou neutra ou sex-positive. E aí estando dentro de um relacionamento de verdade, que você tem que lidar com as expectativas do outro e as suas próprias expectativas, que são bem contrastantes com suas vontades, aí você é obrigada a conversar sobre esses tópicos todos com a pessoa que você tá para ver o que é consensual e o que não é. Para ver se ele vai aguentar ficar comigo ou não, sendo que ele é allo e eu não vou largar mão dos meus direitos ou ceder, porque eu poderia ceder se eu quisesse para fazer o relacionamento “andar para frente”, mas eu escolhi que não. E ele podia ter falado que não, que ele não era obrigado a ficar comigo, mas ele escolheu ficar. As três coisas vem bem separadas no começo e elas vão convergindo.”.

Após começar a se identificar como assexual, Denise diz que começou a se comparar menos com as pessoas ao seu redor ou se ver como alguém doente. Ela se diz diferente dos demais, mas na sua forma de ser, não em termos de ser melhor ou pior. Para a entrevistada, o processo de se apresentar como assexual está diretamente ligado à sua atividade enquanto ativista do movimento assexual. Ela traz como exemplos disso o modo como as pessoas de seu convívio sabem que ela é assexual, não porque houve um momento no qual ela falou de si para eles, mas porque souberam da sua participação na universidade na qual estuda para contar sua história enquanto assexual ou viram suas postagens em redes sociais sobre o assunto. No caso de sua família, Denise diz que eles sabem também pela forma como ela é vocal sobre o assunto em redes sociais, mas de que ausência de uma conversa direta com eles sobre o tema faz com que nenhum dos lados tenha que mudar a forma de tratamento ou reconhecer este lado da sua subjetividade que ela supõe que não é tão bem aceito por seus pais.

Para a entrevistada, conversas com pessoas allosexuais sobre sua sexualidade são normalmente frustrantes, pois pessoas allosexuais são resistentes a entender que assexualidade não é sobre celibato ou uma patologia, devido a assexualidade fugir daquilo que é dado como possível dentro de uma perspectiva heteronormativa. “É um não entendi, não quero entender. É um misto de ignorância com um ódio de tudo aquilo que não é hetero” é como ela resume a

reação da maior parte das pessoas com as quais ela conversou sobre o tema. Por outro lado, ela também afirma que ter conversas constantes com pessoas do seu círculo social através da sua militância em redes sociais a ajudou a lidar de forma mais tranquila com sua própria sexualidade. Ela se sente bem quando percebe que está exercendo uma influência positiva em seu meio ao melhor informar outras pessoas e prepará-las para conviver com outros sujeitos assexuais. Para Denise, é importante que ela sinta que ela é uma agente nessa mudança de como pessoas assexuais são vistas e que faz parte do esforço de evitar que outros passem pelo que ela passou, de sentirem-se excluída e rejeitada dentro do seu próprio convívio social.

Outro aspecto trazido por Denise da influência do ativismo em seu entendimento de si enquanto assexual seria como a própria definição que ela traz sobre o que é assexualidade foi elaborada através de múltiplas discussões e trocas em grupos de assexuais. Essas trocas seriam marcadas por episódios de sentir que não se pode compartilhar um elemento da sua experiência porque se espera que ninguém entenda, e ser surpreendida porque ela está falando com alguém que na verdade entende. Para ela, o espectro assexual é bastante complexo, e que o melhor a ser feito seria buscar qual definição que melhor funciona para si, sem invalidar a experiência de outros sujeitos. A ausência de atração sexual seria o foco da definição da sua assexualidade, e que outros aspectos ela prefere deixar em aberto.

A entrevistada apontou três histórias como representativas tanto de aspectos negativos quanto positivos dessa sua experiência de tentar combinar seu ativismo com seu entendimento sobre o que é ser assexual na sociedade em que vive. Considero relevante trazer o relato das três histórias na íntegra para mostrar como elas se relacionam entre si na forma como são contadas pela entrevistada:

“Denise: É meio que uma montanha russa. Uma coisa que foi legal e chata ao mesmo tempo foi quanto a gente juntou para fazer uma parada *ace* na avenida paulista, e bom, cem pessoas confirmaram no evento do facebook e quinze apareceram. Só de ter quinze pessoas que apareceram já foi um negócio bem chato porque a gente perde bastante da nossa força. No dia, foi uma coisa muito engraçada, parece que todo mundo que passava não entendia e ninguém queria entender. Fora da passeata, eu penso em muitos comentários horríveis que ouvi de pessoas do meu círculo social como “mas você tentou ir numa psicóloga, você já tentou fazer tal coisa?” e eu fico pensando “calma, por que essas pessoas acham que tem o direito de opinar sobre minha vida pessoal pra tentar me corrigir?” eram as

coisas que eu mais ficava triste porque essas me invalidavam, e algumas eram meus amigos. “Bom, essa menina tá confusa e ela tá inventando essa história aí, sendo que ela só precisa tomar um remédio e ir num psicólogo”. Essas coisas são bem tristes. E coisas legais eu penso nesse último evento que fiz na faculdade, que fui convidada por um colega de faculdade para falar da minha infância e adolescência enquanto assexual. E eu chorei horrores e foi o dia que mais senti que tive empatia por todas as pessoas de dentro espaço. Foi uma choradeira coletiva. E foi muito emocionante poder contar minha história para um monte de pessoas sem um monte de gente vir me encher foi bem legal.

Interlocutor: O que você sentiu nesse momento que você contou?

Denise: Na verdade foi meio que um gatilho. Porque eu sentei pra contar algumas coisas e eu não aguentei, foi trazendo de volta várias coisas horríveis e então eu acabei minha história um pouco antes e fui chorar no banheiro. Quando eu voltei tava todo mundo tava todo mundo lá “relaxa, foi muito bom, foi muito legal, a gente aprendeu pra caramba” e foi uma surpresa pra mim. Eu acho que foi isso.”.

Denise encerra seu relato trazendo que outro elemento que ela considera importante da sua experiência enquanto assexual e ativista são seus conflitos com membros do ativismo LGBT que, em sua visão, constantemente relativizam e questionam se assexuais realmente sofrem, pois eles possuiriam uma “passabilidade hetero” que os protegeria. Para a entrevistada, isto é especialmente doloroso de ouvir porque enquanto ela jamais sofreu qualquer tipo de violência física, ela nunca sentiu que pôde “se passar” por hetero ou virar processos similarmente violentos de opressão e discriminação. Por exemplo, a forma como ela foi excluída de diferentes círculos sociais ou tratada como doente.

Resultados e Discussão

Trajetórias de adolescentes de jovens assexuais e sua construção de identidade.

Uma das premissas básicas para a abordagem desenvolvimental defendida pela psicologia cultural é de que todo ser humano vive e se desenvolve através de um processo contínuo de regulação semiótica. Por via deste trabalho constante para dar significado a sua existência, sujeitos cultivam seus próprios *selves* e seu ambiente, numa relação

semioticamente mediada (Valsiner, 2016). Elementos de sua experiência passada, contexto cultural e projeções de futuros possíveis e impossíveis elaborados pelos próprios sujeitos informam e constroem como sua perspectiva de si e do seu aqui e agora. É preciso ressaltar que estes processos de construção de um conjunto de signos e significados pelo sujeito, em interface com os contextos culturais nos quais ele se insere ao longo da sua trajetória de vida, são eminentemente afetivos e operam como “ferramentas simbólicas” utilizadas para criar uma estabilidade subjetiva (Valsiner, 2007). Para autoras como Tânia Zittoun (2003), podemos entender mudanças no curso de vida de uma pessoa através dos vários modos em que elas reconstróem os significados que elas dão ao mundo após eventos, internos ou externos, retiram este senso de estabilidade acerca da própria experiência no mundo.

A partir dos dados coletados durante o estudo etnográfico realizado nesta pesquisa, um conjunto de proposições teóricas podem ser feitas acerca da construção da identidade de adolescentes e jovens adultos assexuais membros do fórum A2. O que proponho aqui não é um modelo de explicação causal ou normativo acerca do desenvolvimento dos sujeitos estudados, mas sim expor contextos, conflitos e construções de significado análogos nos processos de ruptura e transição na vida destes sujeitos que culminaram na adoção da identidade assexual (Zittoun, 2003). Através desse esforço de análise das narrativas colhidas, podemos traçar um panorama de possíveis trajetórias desenvolvimentais na vista destas adolescentes, destacar que recursos simbólicos foram utilizados nesta construção de novos significados e que símbolos foram promotores ou limitantes ao longo dessas transições (Zittoun, 2003).

Enquanto os rumos traçados pelo desenvolvimento de cada uma das pessoas entrevistadas possuem suas próprias particularidades, podemos traçar um elemento comum no início de todas as narrativas relatadas: Uma ruptura relacionada ao contraste das experiências subjetivas destas pessoas em relação à forma como elas experimentam atração, seja sexual ou romântica, e o que é socialmente entendido como normativo ou saudável a partir de um conjunto de símbolos amplamente generalizados no contexto sócio-histórico no qual elas estão imersas, que formam uma fronteira simbólica (Przybylo, 2013; Madureira, 2015). Se por um lado, podemos pensar a experiência de sentir ou não atração por outras pessoas como uma experiência subjetiva, é preciso também se considerar de que formas o contexto macrosocial limita possibilidades e inscreve significados a estas subjetividades. Em outras

palavras, a construção de significados e práticas culturais ao redor de atração romântica e social possui delimitações e possibilidades circunscritas pelo contexto sócio-histórico, e indivíduos ativamente negociavam e reescrevem suas trajetórias de vida em interface a estas circunscrições (Valsiner, 2016; Scott, 2015, Sveinsdóttir, 2018). Irei me referir a esta fronteira simbólica específica como “heteronormatividade”.

Dentro do campo de estudos de gênero e sexualidade, “heteronormatividade” é o conjunto de crenças e práticas predicadas numa perspectiva em que relacionamentos heterossexuais e identidades de gênero binárias são normativos e preferíveis (White, 2018). A heteronormatividade alinha e iguala identidades sexuais, de gênero, orientação e papéis de gênero como constituintes de o que significa ser “homem” e o que significa ser “mulher”. Estudos acerca do assunto associam a disseminação da heteronormatividade na contemporaneidade com a promoção de discursos de ódio e discriminação baseada em gênero e sexualidade.

Para autoras como Judith Butler (1995), as concepções de gênero são construídas e mantidas através de atos constantes de performance destas ideias de “masculinidade” e “feminilidade”. Pela repetição de ações, gestos ou discursos, o cerne destas identidades de gênero seria criado retroativamente pelas próprias práticas culturais inspiradas naquilo que então ganha o status de conceitos rígidos e unitários. Nesta linha teórica, convenções e atos relacionados a sexo e sexualidade também estariam inseridos nesta lógica de uma “repetição ritualizada” que produz concepções binárias de gênero. Para este conjunto de convenções e atos em específico, é dado o nome de “heterossexualidade compulsória”.

Retornando para as narrativas das jovens adultas entrevistadas, podemos observar diferentes maneiras pelas quais que a experiência subjetiva delas entrou em conflito com convenções sociais relacionadas a práticas afetivo-sexuais heteronormativas quando estavam na faixa de idade entre 15 a 17 anos e relatos análogos de sentimentos de deslocamento e solidão. Tal sensação de deslocamento em todos os casos foi associada pelas entrevistadas ao se compararem com outras adolescentes da sua idade no que estava ligado a manifestarem atração por homens e buscarem relacionamentos afetivo-sexuais com eles. Nos casos de Amélia, Cecília e Denise, elas sentiam-se fora da norma porque não experienciavam atração

sexual. Já Bruna percebia-se diferente das demais por não sentir atração romântica e, assim como Amélia, não sentir desejo de iniciar um namoro.

Através da análise das quatro narrativas, proponho a seguinte interpretação: A ruptura na trajetória das quatro entrevistadas seria uma consequência tanto do desafio ali apresentado de fazer sentido de porque elas não sentem os mesmos ímpetos e atração que outras adolescentes da idade delas estavam sentindo, quanto da prevalência de representações sociais que associam saúde e felicidade na vida adulta à formação de vínculos afetivo-sexuais e uma vida sexualmente ativa. Neste cenário, a escassez de artefatos culturais ou signos promotores que sirvam para atribuir sentido a estes sentimentos delimitaria as possibilidades de construção de sentido e ações voltadas para um futuro imaginado (Valsiner, 2016, Zittoun, 2003).

Estudos no campo da psicologia desenvolvimental também nos dão pistas de possíveis razões pelas quais esta ruptura ocorreria na adolescência através de dois fatores. O primeiro seria que os membros da comunidade A2 estão inseridos num contexto sócio-histórico em que o início da exploração da própria sexualidade e da busca por relacionamentos afetivo-sexuais se iniciaria na adolescência, prosseguindo até a vida adulta (Carugati, 2004). Com isto, não partilhar desta experiência seria encarado como indesejado, e uma falha em um rito de passagem rumo à vida adulta. O segundo fator seria de que na adolescência, sujeitos se tornam simbolicamente responsáveis. Na adolescência, não só estes indivíduos passariam a ser mais versados e observadores de como sua conduta, escolha por determinados recursos simbólicos e apresentação de si são lidos e percebidos como uma extensão da sua identidade, mas também começam a ser demandados que expliquem possíveis discrepâncias entre sua identidade e o que é consensualmente normativo. (Zittoun, 2007).

Diante dessa ruptura, diferentes formas de trabalho simbólico são citadas pelas entrevistadas como tendo sido utilizadas na adolescência para lidar com esta experiência disruptiva. As estratégias empregadas pelas adolescentes assexuais seriam tanto voltadas para uma tentativa de busca por formas consistentes de explicar a dissonância entre elas e outras adolescentes, quanto para redução de episódios de constrangimento social quando atração sexual ou romântica eram trazidos à tona. Podemos trazer como exemplos:

- 1) Performar atração por homens através de gestos ou falas ao interagir com outras adolescentes.
- 2) Pesquisar um psicodiagnóstico que justifique a ausência da experiência de atração sexual.
- 3) Pesquisar na internet por relatos de pessoas que possuam questionamentos ou dúvidas semelhantes às que elas estavam sentindo.

Dentro do campo da psicologia cultural, este processo de busca por autorregulação do conceito de si, ou de seu *self*, de acordo com as demandas da situação e sem planejamento prévio é comparado ao processo de fazer uma “bricolagem” (Zittoun, Valsiner, Vedeler, Gonçalves & Ferring, 2013). Isto significa dizer que ele ocorre de forma flexível, a partir dos recursos simbólicos disponíveis numa determinada instância do tempo e espaço, sem uma imagem concebida do produto final. Entretanto, é preciso ressaltar que este trabalho simbólico que busca uma autorregulação, não necessariamente implica num equilíbrio de longo prazo ou na construção de um conceito positivo de si.

Nos atos de pesquisa engendrados pelas adolescentes de pesquisa na internet por possíveis motivos para porque suas experiências subjetivas destoariam das de outras adolescentes participantes de seu convívio social imediato e das expectativas do seu contexto sócio-histórico, temos um exemplo prático de como pessoas são agentes continuamente engajadas um trabalho de reposicionamento de si e atribuição de significados (Zittoun & Gillespie, 2011). Afirmo que o que estava sendo buscado pelas quatro entrevistadas eram artefatos culturais que pudessem ser utilizados como recursos simbólicos neste processo de ruptura e transição. De forma semelhante às narrativas de outros membros da comunidade A2, este esforço primeiro as levou a associações com discursos, representações e signos da ausência de atração romântica ou sexual. Entretanto, buscar nestes símbolos amplamente generalizados acerca deste tipo de experiência subjetiva também poderia resultar num evento disruptivo em si, como narrado por múltiplos membros da comunidade A2. Por exemplo, ao utilizar símbolos originados do discurso médico ou moral para avaliar se suas vivências eram saudáveis, estes adolescentes e jovens adultos assexuais internalizaram representações negativas de si. Em outras palavras, ter apenas acesso a recursos que tornam sua experiência inteligível; através das identidades do patológico, do reprimido, do imaturo ou do frígido;

seria outra forma de ruptura identificada como recorrente nas trajetórias de adolescentes assexuais.

Experienciar suas vivências através destes recursos simbólicos associados a interpretações e prescrições psicopatológicas acerca do que é desenvolvimento afetivo-sexual saudável é descrito em todos os relatos coletados como limitantes para o desenvolvimento destes sujeitos. É preciso se fazer claro que a produção destes símbolos está também associada à heteronormatividade (Foucault, 1973; Bourne, 2018). A produção de categorias de diagnóstico e sintomas relacionados à ausência de atração sexual ou baixa performance sexual também operam como esforços para tornar a vivência de sujeitos que não praticam sexo como inteligíveis dentro de um discurso heteronormativo. Com isto, não se está dizendo que estes signos não possuem uma função ou validade dentro do campo do tratamento médico, mas sim que também operam como signos produtores de discursos normativos e patologizantes.

Neste contexto social, pesquisas recentes acerca do papel político da emergência da assexualidade posicionam o movimento pela visibilidade desta orientação sexual como um esforço de resistência à patologização de sujeitos assexuais e ampliação dos modos de discurso ao redor de práticas afetivo-sexuais (Carrigan, 2015; Colborne, 2018; Gressgarde, 2013). A criação de comunidades virtuais, campanhas de visibilidade, textos, vídeos e outros produtos sobre assexualidade possuem dois grandes propósitos. O primeiro é alterar a concepção predominante acerca da validade de subjetividades e estudos de vida de sujeitos que não experienciam atração sexual e/ou romântica. O segundo é o de prover recursos simbólicos que auxiliem nos processos de transição desenvolvimental de outros sujeitos assexuais que favoreçam modos de entendimento positivos e mais autênticos de si.

Nas narrativas recolhidas e analisadas, o encontro dos sujeitos com o conceito de assexualidade, e os signos associados à comunidade assexual, são considerados um ponto de virada em suas vidas. Tal exceção de uma das voluntárias que descobriu a assexualidade por intermédio de outra jovem com inquietações semelhantes, todas as entrevistadas relataram que este encontro com a assexualidade ocorreu através de produtos informáticos acerca da assexualidade. Nos três relatos, entrar em contato com modos de discurso, rótulos identitários e relatos de experiências compartilhadas trouxe consigo uma sensação de alívio e resolução de

um tensionamento antes presente na regulação do campo simbólico destas adolescentes. Proponho três categorias para os modos como o uso dos recursos simbólicos providos pela comunidade A2 e o movimento de visibilidade assexual foram utilizados para resolução destas rupturas anteriormente detectadas no processo de construção de identidade de adolescentes assexuais.

Primeiro, a internalização das múltiplas identidades assexuais apresentadas pela comunidade A2, como por exemplo assexual estrito, romântico ou arromântico, resulta num reposicionamento do conceito de si. Se antes os signos disponíveis para construção da própria identidade apenas davam conta de descrever a ausência de atração sexual ou romântica como uma possível fuga do que é normativo ou indesejado, internalizar o signo “assexual” possui uma função promotora de validação da experiência subjetiva das adolescentes assexuais enquanto legítima e não representante de uma “falta” de um elemento básico do que compõe uma vida digna e saudável. Na narrativa de Amélia, temos exemplos de como a assexualidade possui uma função de regulação simbólica quando pessoas ao seu redor expressam estranhamento por ela jamais ter buscado relacionamentos afetivo-sexuais ou questionam se não precisa superar algum tipo de bloqueio ou repressão

Amélia: Elas falavam que não precisava ser assim, ter alguém não impediria ser independente. Praticamente todas namoravam e eu nunca tinha nem beijado.

Interlocutor: E você ficava como ouvindo isso?

Amélia: Eu já conhecia a assexualidade, então ficava pensando "não é algo que controlo é normal para mim".

Segundo, a obtenção de termos para descrever tipos e formas de atração auxiliam adolescentes assexuais a tornar as experiências deles inteligíveis e representáveis para si e para o mundo. Se supomos que o processo de ruptura se iniciou por uma incapacidade de explicar o que era diferente nas vivências das jovens adultas entrevistadas de outras adolescentes na época destes eventos disruptivos, recursos simbólicos como “atração romântica”, “atração sexual”, “desejo sexual” permitem descrições de sentimentos e preferências de sujeitos, sejam eles assexuais ou allossexuais, em que podemos falar sobre amor romântico, paixão e atração sexual sem que estes conceitos operem como uma única grande categoria, “atração”. Assim, torna-se mais fácil que, por exemplo, um sujeito assexual romântico fale sobre ser apaixonado por outra pessoa sem que isso implique que sexo faça

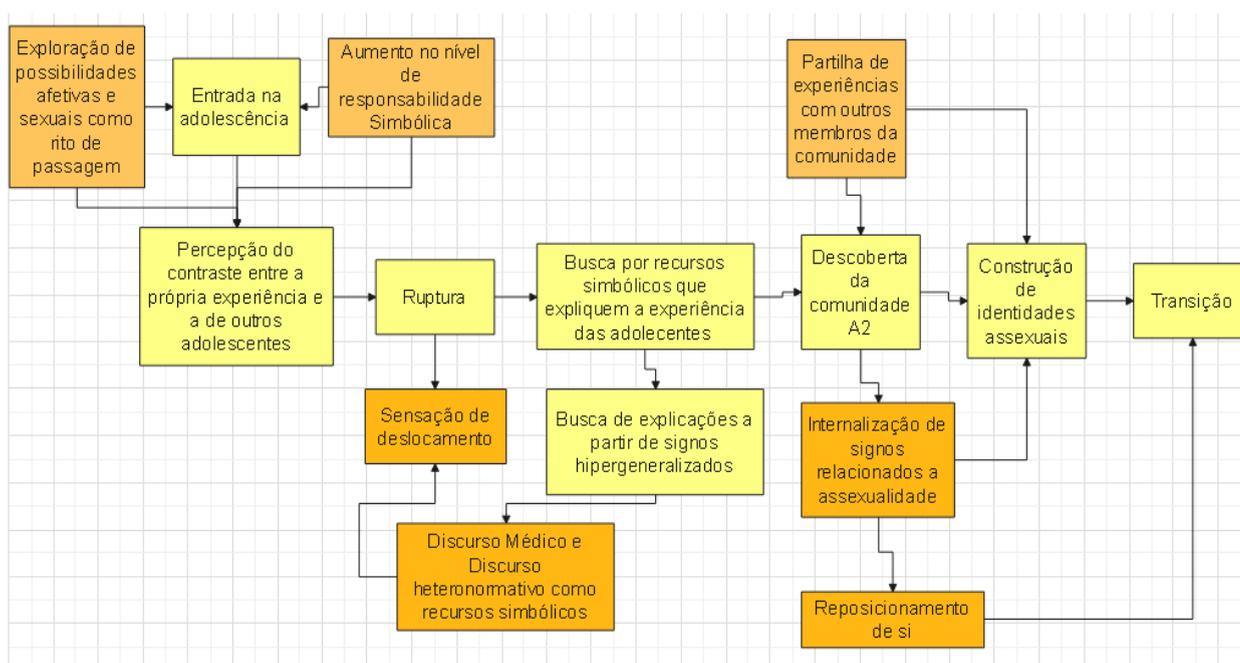
parte da equação. Estes recursos simbólicos também auxiliam na construção de significados para a ausência de atração sexual por discursos não-patologizantes.

A terceira categoria proposta está relacionada ao uso de recursos simbólicos obtidos através das vivências como membros da comunidade A2 para promoção de atividade criadora em relação à própria trajetória de vida (Zittoun, 2006). O uso de recursos simbólicos associados à assexualidade pode ser observado tanto em como sujeitos assexuais passaram a imaginar seus futuros e como atribuem sentido ao seu passado. A partir da construção de suas identidades enquanto assexuais, as narrativas acerca de suas experiências passadas começam a ser interpretadas de modo consistente a esta nova forma de representação de si. Podemos observar isto no modo como em todas as narrativas recolhidas, mesmo antes de se saberem o que era assexualidade, as entrevistadas passaram a identificar como elas sempre foram assexuais ou arromânticas, apenas lhe faltava o rótulo identitário, que a descoberta levou a uma transição desenvolvimental. Em conjunto a isto, a adoção da identidade social assexualidade e a partilha de experiências compartilhadas com outros membros da comunidade A2 também trouxeram um aumento na percepção de eventos na história de vida das entrevistas como sendo episódios de discriminação ou cobrança para que se adequem a modelos de relacionamento ou vivência heteronormativos, ou antagônicos aos que lhe sejam autênticos à própria subjetividade (Scott, 2015).

A influência do uso de recursos simbólicos oriundos da comunidade A2 acerca da assexualidade não só é percebida na forma como as adolescentes e jovens adultas entrevistadas interpretam eventos de seu passado, mas também como auxiliam na imaginação de futuros desejados que fogem ou negociam com a fronteira simbólica da heteronormatividade. Se antes de saber o que significava ser arromântica, Bruna imaginava namorar como uma inevitabilidade de seu futuro, ela passou a conceber versões da sua trajetória de vida nos quais a entrada num relacionamento deixou de ser uma etapa necessária. De modo semelhante, as narrativas de Cecília e Amélia contêm descrições de como se identificarem com a assexualidade foi um aspecto facilitador na redução de medos e ansiedades acerca da ideia de que jamais conseguiriam ter relacionamentos duradouros e significativos.

Dito isto, é necessário ressaltar o aspecto comunal presente no processo de transição de adolescentes e jovens adultos assexuais. A comunidade A2 não auxilia nestes processos de transição somente pela transmissão de signos a apreendidos em relação à assexualidade. Membros da comunidade trocam experiências análogas, estimulam e orientam novos membros a buscarem formas de expressão e identificação de si que lhes seja mais autênticas e oferecem suporte diante dos desafios e do sofrimento ligados a este processo de transição. Por intermédio das interações com outros usuários da comunidade, as jovens entrevistadas apreendem e co-criam o que significa ser assexual (Valsiner, 2016; Scherrer, 2008; Scott, 2015).

Por fim, proponho o seguinte modelo como uma representação gráfica do processo de transição desenvolvimental de adolescentes assexuais descrito com base na análise das entrevistas narrativas coletadas:



Considerações finais

Desde a concepção deste trabalho de pesquisa, fiz a mim mesmo um questionamento que se repetiu múltiplas vezes, que foi decisivo na tomada de escolhas acerca de como

estudaria a construção de identidade de adolescentes assexuais em comunidades virtuais. “Como eu posso estudar as trajetórias desses sujeitos sem estar reproduzindo as mesmas práticas classificatórias, psicopatologizantes e heteronormativas com as quais eles resistem?”. A decisão de elaborar meu trabalho de pesquisa como um estudo exploratório e com o uso de um método qualitativo de análise de dados se deve tanto ao estado da arte no que cabe a estudos sobre assexualidade, mas também por um imperativo ético baseado nesta pergunta. Entretanto, não posso dizer que optar por métodos que trouxessem as narrativas, falas e perspectivas como principal material apresentado sanou completamente o que era, ocasionalmente, uma angústia em relação ao meu papel como pesquisador. “Será que estou apenas apresentando estas trajetórias desenvolvimentais que estudo como algo exótico e curioso para a comunidade acadêmica?” era geralmente a pergunta consequente a responder o primeiro questionamento apresentado.

Arrisco afirmar que estudar a assexualidade envolve ir de encontro com proposições discursivas profundamente enraizadas em nossa cultura (Neiva, 2019; Carrigan, 2015; Scott, 2015). A primeira seria de que atração sexual é um elemento indissociável da experiência de um ser humano saudável. A estranheza geralmente sentida ao se pensar e discutir o assunto pode ser percebida até mesmo como, para falar sobre atração sexual e sua ausência, é de início necessário um esforço ativo para desvencilhar o termo “atração sexual” como significante de uma possibilidade biológica de experimentar prazer ou desejo sexual (Carrigan, 2015). A segunda proposição discursiva que é necessário se desafiar ao estudar assexualidade são quais estereótipos nós já temos construídos desses sujeitos e quais redes de significados estamos utilizando para tentar dar significado a estes processos de identificação e transição de desenvolvimento não-normativos.

Se a realização deste trabalho de pesquisa trouxe consigo um processo de reorganização semiótica em relação ao meu uso de signos hipergeneralizados ligados a sexo e sexualidade, um dos propósitos deste estudo foi explorar as complicações, soluções criativas e negociações presentes em quando o que está em jogo na internalização desses signos é a concepção de si próprio enquanto um sujeito saudável e legítimo. Insisto que os processos de ruptura/transição desenvolvimento descritos nesta pesquisa não dão conta de englobar toda a experiência assexual, assim como não se configuram num modo causal ou normativo de como adolescentes e jovens adultos assexuais constroem suas identidades sociais. Não só

precisamos falar de *Assexualidades* ao invés de uma Assexualidade, como por mais parecidas que as trajetórias de múltiplos sujeitos possam ser devido à natureza aberta e multilinear do desenvolvimento humano, as vivências de cada são únicas e de sua própria autoria (Zittoun & de Saint-Laurent, 2014). Tendo isto em mente, é preciso que eu explicito novamente como este estudo etnográfico foi realizado por um pesquisador allosexual, a partir dos relatos acerca de uma experiência que não é minha e exposta de um local de fala privilegiado em nossa sociedade heteronormativa.

Outra ressalva que faço na finalização desta dissertação é que o enfoque dado foi voltado para a experiência subjetiva de uma determinada categoria de sujeitos, seja pela sua faixa-etária, nacionalidade ou afiliação a uma comunidade específica. Enquanto extremamente importante para o entendimento da emergência da assexualidade enquanto movimento de visibilidade e orientação sexual, os aspectos políticos desse fenômeno estão fora do escopo da investigação realizada. Para uma leitura mais profunda acerca desta temática, recomendo as produções acadêmicas de Neiva (2019), Brigeiro (2013), Greesgarde (2013) e Carrigan (2015).

Através da investigação de como podem ser entendidos os processo de transição de um/a adolescente que passa a se identificar como assexual; como ele/a constrói essa identidade e como ela opera enquanto recurso simbólico; e que aspectos socioculturais são elementos facilitadores ou limitadores desse processo de transição, o objetivo deste estudo consistiu em entender como ocorre a construção da identidade assexual de adolescentes em comunidades virtuais. Gostaria de finalizar esta dissertação de mestrado reiterando quais eram as motivações por trás deste objetivo de pesquisa. Divido estas motivações entre o papel político e o papel teórico desta pesquisa.

Quanto ao papel político desta pesquisa, eu a alinho em conjunto com o propósito do movimento pela visibilidade assexual em expandir o leque de informações disponíveis acerca da temática e num viés alternativo a leituras baseadas em referenciais heteronormativos e/ou psicopatológicos. Diante do número de relatos de experiências de discriminação sofridos por assexuais em contexto terapêutico aos quais tive acesso durante meu período de vivência na comunidade A2 ou via outras pesquisas de outros profissionais, considero particularmente importante uma mudança de paradigma dentro do campo da psicologia, enquanto ciência e

profissão. O que proponho não é a elaboração de métodos de análise ou intervenção próprios para pacientes assexuais ou aromânticos, mas um esforço na criação de bases para a formação de psicólogos nas quais o ingresso em um processo terapêutico não seja a causa de sofrimento psíquico para adolescentes e jovens adultos assexuais. Indo adiante nesta linha argumentativa, formas de discriminação e marginalização descritas por sujeitos assexuais em relação a noções heteronormativas e psicopatologizantes acerca da sua identidade social e subjetividade ocorrem de formas semelhantes a outras minorias de gênero e sexualidade, como homossexuais, transsexuais e bissexuais, tornando o tópico ainda mais importante (Greesgarde, 2013; Neiva; 2019).

Por fim, separo as motivações “teóricas” para este trabalho de pesquisa em dois aspectos. O primeiro seria uma exploração teórica dentro do campo da psicologia cultural de possíveis formas como adolescentes e jovens adultos possuem o papel de autores da própria identidade e construção de suas visões de mundo através de processos de mediação semiótica, e de como este trabalho simbólico é realizado em negociação constante com o que lhes é ofertado e imposto pelo contexto sócio-histórico no qual se encontram. O segundo aspecto que constitui a motivação para esta pesquisa é a realização e estímulo a uma maior produção de pesquisas que explorem como sexualidade, gênero e identidades sociais relacionadas a estes aspectos da constituição de si em nossa sociedade são também uma temática pertencente ao campo da psicologia desenvolvimental; através de pesquisas sobre o desenvolvimento de sujeitos que escapam do que é normativo (Harper, 2015). Ao estudarmos eventos ou experiências que escapem de concepções e modelos normativos do desenvolvimento humano, estamos também criando contextos para os quais podemos questionar que pressupostos ideológicos e/out conceituais fazem com que tais normas sejam elaboradas, e quais são suas repercussões para o campo da psicologia do desenvolvimento.

Referências

- Abbey, E., & Valsiner, J. (2005, January). Emergence of meanings through ambivalence. In *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research* (Vol. 6, No. 1).

- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa*. Bookman Editora.
- Arnett, J. J. (2014). *Adolescence and emerging adulthood* (pp. 102-111). Boston, MA: Pearson.
- Bogaert, A. F. (2004). Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample. *Journal of Sex Research*, 41(3), 279-287.
- Bogaert, A. F. (2006). Toward a conceptual understanding of asexuality. *Review of General Psychology*, 10(3), 241-250.
- Bogaert, A. F. (2015). Asexuality: What it is and why it matters. *Journal of sex research*, 52(4), 362-379.
- Bostwick, W., & Hequembourg, A. (2014). 'Just a little hint': Bisexual-specific microaggressions and their connection to epistemic injustices. *Culture, health & sexuality*, 16(5), 488-503.
- Boyd, D. (2010). Social network sites as networked publics: Affordances, dynamics, and implications. In *A networked self* (pp. 47-66). Routledge..
- Brickell, C. (2012). Sexuality, power and the sociology of the internet. *Current Sociology*, 60 (1), 28-44.
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Artmed Editora.

- Brigeiro, M. (2013). A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, (14), 253-383.
- Brotto, L. A., Yule, M. A., & Gorzalka, B. B. (2015). Asexuality: An extreme variant of sexual desire disorder?. *The journal of sexual medicine*, 12(3), 646-660.
- Brotto, L. A., & Yule, M. (2017). Asexuality: Sexual orientation, paraphilia, sexual dysfunction, or none of the above?. *Archives of Sexual Behavior*, 46(3), 619-627.
- Butler, J. (1995). Melancholy gender—refused identification. *Psychoanalytic Dialogues*, 5(2), 165-180.
- Butler, J. (2002). *Gender trouble*. routledge.
- Carugati, F. (2004). How to inhabit new provinces of meaning. *Joining society: Social interaction and learning in adolescence and youth*, 119-140.
- Carrigan, M. (2015). Asexuality. In *The Palgrave handbook of the psychology of sexuality and gender* (pp. 7-23). Palgrave Macmillan, London.
- Cass, V. C. (1979). Homosexual identity formation: A theoretical model. *Journal of homosexuality*, 4(3), 219-235.
- Cass, V. (2015). *A quick guide to the Cass theory of lesbian & gay identity formation*. Brightfire Press.
- Cerankowski, K. J., & Milks, M. (2010). New orientations: Asexuality and its implications for theory and practice. *Feminist Studies*, 36(3), 650-664.
- Clifford, J. (1998). Sobre a alegoria etnográfica. *A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: UFRJ*, 63-99.

- Coimbra, C., Bocco, F., & Nascimento, M. L. D. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1), 2-11.
- Colborne, A. (2018). Chasing aces: Asexuality, misinformation and the challenges of identity. *Dalhousie Journal of Interdisciplinary Management*, 14.
- Cole, S. S., & Cole, T. M. (1993). Sexuality, disability, and reproductive issues through the lifespan. *Sexuality and Disability*, 11(3), 189-205.
- Coleman, E. (1982). Developmental stages of the coming out process. *Journal of homosexuality*, 7(2-3), 31-43.
- Currah, P. (2001). Queer theory, lesbian and gay rights, and transsexual marriages. In M. Blasius (Ed.), *Sexual identities, queer politics* (pp. 178–199). New York, NY: Princeton University Press.
- Dasen, P. R. (2000). Rapid social change and the turmoil of adolescence: A cross-cultural perspective. *International Journal of Group Tensions*, 29(1-2), 17-49.
- de Mattos, C. L. G., & de Castro, P. A. (2011). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. SciELO-EDUEPB.
- Erikson, E. (1972). *Identidade, Juventude e Risco*. Rio de Janeiro: Zahar
- Foucault, M. (1984). História da sexualidade I: a vontade de saber. In *História da sexualidade I: a vontade de saber*.
- Fricke, M. (2007). Epistemic injustice: Power and the ethics of knowing. *Oxford University Press*.

- Friedman, T. L. (2000). *The Lexus and the olive tree: Understanding globalization*. Farrar, Straus and Giroux. s/l
- Giddens, A., & Cifuentes, P. (2000). *Un mundo desbocado: los efectos de la globalización en nuestras vidas* (pp. 19-31). Madrid: Taurus.
- Gillespie, A., & Zittoun, T. (2010). Using resources: Conceptualizing the mediation and reflective use of tools and signs. *Culture & psychology*, 16(1), 37-62.
- Greenfield, P., & Yan, Z. (2006). Children, adolescents, and the Internet: A new field of inquiry in developmental psychology. *Developmental psychology*, 42(3), 391.
- Gressgård, R. (2013). Asexuality: From pathology to identity and beyond. *Psychology & Sexuality*, 4(2), 179-192.
- Hall, K. Q. (2017). Queer epistemology and epistemic injustice. In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice* (pp. 158-166). Routledge.
- Hanson, E. H. (2013). *Making Something Out of Nothing: Asexuality and Narrative*.
- Harper, G. W., Serrano, P. A., Bruce, D., & Bauermeister, J. A. (2016). The internet's multiple roles in facilitating the sexual orientation identity development of gay and bisexual male adolescents. *American journal of men's health*, 10(5), 359-376.
- Hinderliter, A. (2013). How is asexuality different from hypoactive sexual desire disorder?. *Psychology & Sexuality*, 4(2), 167-178.
- Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. Sage.
- Hine, C. (2015). *Ethnography for the internet: Embedded, embodied and everyday*. Bloomsbury Publishing.

- Jensen, L. A. (2011). Navigating local and global worlds: Opportunities and risks for adolescent cultural identity development. *Psychological Studies*, 56(1), 62-70.
- Kahan, B. A. (2013). *Celibacies: American modernism and sexual life*. Duke University Press.
- Karim, S. (2014). Erotic desires and practices in cyberspace: "Virtual reality" of the non-heterosexual middle class in Bangladesh. *Gender, Technology and Development*, 18(1), 53-76.
- Keats, P. A. (2009). Multiple text analysis in narrative research: Visual, written, and spoken stories of experience. *Qualitative Research*, 9(2), 181-195.
- Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora.
- Lance, M. N., & Tanesini, A. (2000). *Identity judgements, queer politics*.
- Larson, R., & Wilson, S. (2004). Adolescence across place and time. *Globalization and the changing pathways to adulthood*. In R. M. Lerner, L. Steinberg (Editors). *Handbook of Adolescent Psychology*, 299-330.
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. University of Chicago press. Chicago.
- Leontiev, A. N., & Duarte, M. D. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte
- Livingstone, S., & Sefton-Green, J. (2016). *The class: Living and learning in the digital age*. NYU Press

- Lund, E. M., & Johnson, B. A. (2015). Asexuality and disability: Strange but compatible bedfellows. *Sexuality and Disability*, 33(1), 123-132.
- Madureira, A. F. D. A. (2007). The psychological basis of homophobia: Cultural construction of a barrier. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 41(3-4), 225-247.
- Madureira, A. F. D. A., & Branco, Â. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia*, 23(3), 577-591.
- Mead, M., & Macgregor, F. C. (1951). *Growth and culture: a photographic study of Balinese childhood*. Oxford, England: Putnam.
- Mørch, S. (2003). Youth and education. *Young*, 11(1), 49-73.
- Muylaert, C. J., Sarubbi Jr, V., Gallo, P. R., Neto, M. L. R., & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48, 184-189.
- Nastasi, B. K., & Schensul, S. L. (2005). Contributions of qualitative research to the validity of intervention research. *Journal of School Psychology*, 43(3), 177-195.
- Neiva, G. D. A. (2019). “Já experimentou para saber se gosta?”—assexualidades na sociedade sexualizada. Dissertação de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia,
- Peirano, M. (2008). Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (2).
- Pelúcio, L. (2015). Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. *cadernos pagu*, Jan./June (44), 31-60.

- Polivanov, B. (2013). Etnografia Virtual, Netnografia ou apenas Etnografia? Implicações dos Termos em pesquisas qualitativas na Internet. In *Intercom. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (pp. 1-15).
- Przybylo, E. (2013). Afterword: Some thoughts on asexuality as an interdisciplinary method. *Psychology & Sexuality*, 4(2), 193-194.
- Sato, T., Yasuda, Y., Kido, A., Arakawa, A., Mizoguchi, H., & Valsiner, J. (2007). Sampling reconsidered: Idiographic science and the analysis of personal life trajectories. In *The Cambridge handbook of sociocultural psychology* (pp. 82-108).
- Santo Gonçalves, J.R. Apresentação (2014). In: *A Experiência Etnográfica – Antropologia e Literatura no Século XX*. Organização de José Reginaldo Santos Gonçalves. 4ª Edição. Editora UFRJ: Rio de Janeiro/RJ
- Savin-Williams, R. C. (2009). *The new gay teenager* (Vol. 3). Harvard University Press.
- Scherrer, K. S. (2008). Coming to an asexual identity: Negotiating identity, negotiating desire. *Sexualities*, 11(5), 621-641.
- Scott, S., & Dawson, M. (2015). Rethinking asexuality: A symbolic interactionist account. *Sexualities*, 18(1-2), 3-19.
- Sveinsdóttir, Á (2018). *Categories We Live By*.
- Tomio, N. A. O., & Facci, M. G. D. (2009). Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Teoria e prática da Educação*, 12(1), 89-100.
- Valsiner, J. (2016). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Artmed Editora. Porto Alegre
- Van Doorn, N. (2011). Digital spaces, material traces: How matter comes to matter in online

performances of gender, sexuality and embodiment. *Media, Culture & Society*, 33(4), 531-547

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, (44).

Vygotsky, L. S., & Luria, A. R. (1996). *A história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*.

Weinberg, T. S. (1985). Biology, ideology, and the reification of developmental stages in the study of homosexual identities. *Journal of homosexuality*, 10(3-4), 77-84.

Wignall, L. (2017). The sexual use of a social networking site: *The case of pup twitter*. *Sociological Research Online*, 22(3), 21-37.

Worthington, R. L., Savoy, H. B., Dillon, F. R., & Vernaglia, E. R. (2002). *Heterosexual identity development: A multidimensional model of individual and social identity*.

The

Counseling Psychologist, 30(4), 496-531.

Zittoun, T., Duveen, G., Gillespie, A., Ivinson, G., & Psaltis, C. (2003). The use of symbolic resources in developmental transitions. *Culture & Psychology*, 9(4), 415-448.

Zittoun, T. (2006). *Transitions. Development through symbolic resources*. Information Age Publishing s/l

Zittoun, T. (2007). Symbolic resources and responsibility in transitions. *Young*, 15(2), 193-211.

Zittoun, T. (2012). On the emergence of the subject. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 46(3), 259-273.

Zittoun, T., & de Saint-Laurent, C. (2014). Life-creativity: Imagining one's life. In *Rethinking Creativity* (pp. 82-99). Routledge. London

Zittoun, T. (2015). Imagining one's life: imagination, transitions and developmental trajectories. In *A psicologia e os desafios do mundo contemporâneo* (pp. 127-153). Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, Bahia